

1

COLEÇÃO ESTUDOS DE LINGUAGEM

Ivo da Costa do Rosário
Luciana Sanchez-Mendes
organizadores

TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

VICE-REITOR

Fabio Barboza Passos

EDUFF – EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CONSELHO EDITORIAL

Renato Franco [Diretor]

Ana Paula Mendes de Miranda

Celso José da Costa

Gladys Viviana Gelado

Johannes Kretschmer

Leonardo Marques

Luciano Dias Losekann

Luiz Mors Cabral

Marco Antônio Roxo da Silva

Marco Moriconi

Marcos Otavio Bezerra

Ronaldo Altenburg Odebrecht Curi Gismondi

Silvia Patuzzi

Vagner Camilo Alves

CONSELHO CONSULTIVO

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (UFRJ)

Ângela Vaz Leão (PUC-Minas)

Célia Marques Telles (UFBA)

Evanildo Cavalcante Bechara (UERJ/UFF/ABL)

Gladis Massini-Cagliari (Unesp)

Hilário Franco Júnior (USP)

José Rivair de Macedo (UFRGS)

Leila Rodrigues da Silva (UFRJ)

Lênia Márcia de Medeiros Mongelli (USP)

Luís Alberto de Boni (PUC-RS)

Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)

Vânia Leite Fróes (UFF)

Yara Frateschi Vieira (Unicamp)

1

Ivo da Costa do Rosário
Luciana Sanchez-Mendes
organizadores

COLEÇÃO ESTUDOS DE LINGUAGEM

TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA



Copyright © 2022 Ivo da Costa do Rosário (org.)

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Editor responsável: Renato Franco

Coordenador de produção: Ricardo Borges

Revisão: Rozely Campello Barroco

Normalização: Camilla Almeida

Projeto gráfico, capa e diagramação: Natália Brunnet

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - CIP

T314 Teoria e análise linguística [recurso eletrônico] / Ivo da Costa do Rosário, Luciana Sanchez-Mendes (organizadores). – Niterói : Eduff, 2022. – 2.008 kb. : il. ; PDF. – (Coleção Estudos de Linguagem, v. 1).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5831-148-5

BISAC LAN009000 LANGUAGE ARTS & DISCIPLINES / Linguistics / General

1. Linguagem. 2. Linguística. 3. Análise linguística. I. Rosário, Ivo da Costa do. II. Sanchez-Mendes, Luciana. III. Título. IV. Série.

CDD 410

Ficha catalográfica elaborada por Camilla Castro de Almeida CRB7/0041/21

Direitos desta edição reservados à

Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói - RJ

CEP 24220-008 - Brasil

Tel.: +55 21 2629-5287

www.eduff.uff.br - faleconosco@eduff.uff.br

Publicado no Brasil, 2022.

Foi feito o depósito legal.

Sumário

| | |
|--|------------|
| Apresentação: sobre a “Coleção Estudos de Linguagem” | 7 |
| Ivo da Costa do Rosário, Joel Austin Windle, Luciana Sanchez-Mendes, Mônica Maria Guimarães Savedra, Phellipe Marcel da Silva Esteves e Silmara Dela Silva | |
| Introdução: Teoria e Análise Linguística | 11 |
| Ivo da Costa do Rosário e Luciana Sanchez-Mendes | |
| CAPÍTULO 1 | |
| Pesquisas em linguística formal e em psicolinguística: o GEPEX | 15 |
| Eduardo Kenedy e Luciana Sanchez-Mendes | |
| CAPÍTULO 2 | |
| Pesquisas em linguística funcional centrada no uso | 39 |
| Ivo da Costa do Rosário, Mariangela Rios de Oliveira e Monclar Guimarães Lopes | |
| CAPÍTULO 3 | |
| Pesquisas sobre o português em uso: o PorUs | 71 |
| Jussara Abraçado e Nilza Barrozo Dias | |
| CAPÍTULO 4 | |
| Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos | 87 |
| Solange Vereza e Fernanda Cavalcanti | |
| CAPÍTULO 5 | |
| Pesquisas em estrutura informativa | 123 |
| Paulo Pinheiro-Correa | |
| Os autores | 163 |

Apresentação

Sobre a Coleção “Estudos de Linguagem”

A Coleção “Estudos de Linguagem” resulta de uma iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), com a proposta de apresentar aos leitores as diferentes perspectivas teórico-metodológicas da Linguística, presentes em suas linhas de pesquisa.

Organizada em três volumes – i) Teoria e análise linguística; ii) Teorias do texto, do discurso e da tradução; iii) História, política e contato linguístico –, cada um deles dedicado a apresentar um panorama atual dos trabalhos em Linguística na respectiva linha de pesquisa, a Coleção reúne textos de docentes do Programa e de pesquisadores por eles convidados, com ampla experiência em ensino e pesquisa na Área.

No volume I – Teoria e análise linguística, estão contempladas perspectivas teóricas que se dedicam ao estudo da estrutura da língua e seus padrões de uso, à descrição linguística, às relações entre cognição e linguagem, aos processos de estabilização, variação e mudança linguística, às relações entre léxico e gramática. Esse primeiro volume, organizado pelos docentes Ivo da Costa do Rosário e Luciana Sanchez-Mendes, é composto por cinco capítulos, com foco nos seguintes temas e perspectivas contemplados nos grupos de pesquisa da linha: Linguística Formal;

Psicolinguística; Linguística Funcional Centrada no Uso; Português em Uso; Metáfora e Estrutura Informativa.

O volume II – Teorias do texto, do discurso e da tradução, é dedicado à abordagem de perspectivas teóricas dos estudos textuais e discursivos, voltados a análises da linguagem verbal e de outras linguagens. Discurso e enunciação, discurso e interdiscurso, e os fatores de organização textual estão entre as questões contempladas nesse volume. Os gêneros textuais, as esferas de circulação dos discursos e a contribuição dos estudos do texto, do discurso e da tradução a contextos discursivos específicos são também objeto de interesse dos pesquisadores dessa área. Esse volume contempla sete capítulos voltados às temáticas: Análise do discurso de base enunciativa; Análise do discurso materialista; Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev; Estudos da tradução; Linguística textual; Semiótica; Teoria semiolinguística de análise do discurso e é organizado pelos docentes Phellipe Marcel da Silva Esteves e Silmara Dela Silva.

No volume III – História, Política e Contato Linguístico, por sua vez, encontram-se as pesquisas em ideias linguísticas, gramatização e meta-historiografia e aquelas dedicadas à construção social e política das línguas. Língua, Estado, sociedade e fronteiras, a gestão da diversidade linguística e os processos de padronização, questões relativas à identidade linguística e cultural, representações linguísticas e usos, bem como ética e direitos linguísticos também fazem parte das temáticas contempladas nesse volume. Sob organização dos docentes Joel Austin Windle e Mônica Maria Guimarães Savedra, o volume III é composto por seis capítulos, voltados às temáticas: sociolinguística de contato; identidade e diversidade; políticas linguísticas normativas; políticas de ensino de línguas; história das ideias linguísticas e historiografia da linguística.

Essas publicações, viabilizadas com a parceria da EdUFF, destinam-se especialmente a graduandos e pós-graduandos que desejam desenvolver pesquisas na Área de Linguística. Mas, como

já advertia Ferdinand de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* ([1916] 2006, p. 14),

as questões linguísticas interessam a todos – historiadores, filólogos etc. – que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro.

A Coleção “Estudos de Linguagem” é resultado de diferentes tomadas de posição teóricas acerca da linguagem, expostas não com vistas a abarcar uma imaginária totalidade dos estudos linguísticos, mas de mostrar a pluralidade da Linguística e a atualidade das pesquisas desenvolvidas na Área.

Ivo da Costa do Rosário

Joel Austin Windle

Luciana Sanchez-Mendes

Mônica Maria Guimarães Savedra

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Silmara Dela Silva

Introdução

Teoria e Análise Linguística

Este volume apresenta um panorama das pesquisas desenvolvidas na Linha 1 (Teoria e Análise Linguística) do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Essa linha de pesquisa se dedica à investigação da estrutura das línguas e de seus padrões de uso. Para isso, os temas mobilizados nas investigações podem estar mais direcionados a uma descrição linguística sincrônica, diacrônica ou pancrônica de aspectos do léxico e da gramática, ou ainda de aspectos da cognição envolvidos nos processos de produção, estabilização, variação e mudança linguísticas. Esses aspectos não são excludentes e permeiam grande parte da pesquisa desenvolvida na Linha, que se dedica ainda a empregar suas reflexões sobre a gramática do português a novas práticas de ensino-aprendizagem.

Os capítulos do livro estão distribuídos segundo as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que reúnem os pesquisadores da Linha em diferentes grupos de pesquisa. Com o desenrolar dos capítulos, o leitor terá acesso a uma visão geral sobre a organização dos docentes em cada área específica, bem como a uma exposição panorâmica das pesquisas em cada perspectiva, podendo verificar suas similaridades e diferenças. Assim, será possível observar que todas as direções de investigação

relatadas têm como objeto a análise de aspectos gramaticais das línguas naturais por uma perspectiva descritivista e científica. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido afasta-se de uma visão prescritivista, divergindo, no entanto, na consideração da atuação maior ou menor de fatores cognitivos, contextuais e discursivos em suas análises. Na leitura, será possível encontrar também a descrição das mais diversas metodologias de pesquisa empregadas nas pesquisas desenvolvidas na Linha, como análise e tratamento quantitativo e qualitativo de *corpus* de dados reais, bem como análise de dados positivos e negativos com base na introspecção com ou sem elicitación e experimentación.

O capítulo “Pesquisas em linguística formal e em psicolinguística: o GEPEX” apresenta os pressupostos da pesquisa desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Teórica e Experimental (GEPEX), destacando seus dois campos: a linguística formal, centrada nas competências sintática e semântica, e a psicolinguística, centrada no desempenho de falantes e sinalizadores. O capítulo descreve as metodologias empregadas nas investigações realizadas pelo laboratório, que vão desde pesquisa bibliográfica e em *corpus*, métodos introspectivos e de elicitación controlada a experimentación. Como exemplos de pesquisa, os autores descrevem seus trabalhos voltados à análise de línguas sub-representadas (como karitiana e Libras) e estudos com a perspectiva da psicolinguística translacional para a educação.

O capítulo “Pesquisas em linguística funcional centrada no uso” descreve os princípios que norteiam o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G), chamando a atenção para o caráter holístico e pancrônico dessa perspectiva. No capítulo, os leitores encontrarão, listados, os principais conceitos-chave da linguística funcional centrada no uso, o que facilita encontrar definições claras e objetivas de termos como “gramática”, “discurso”, “contexto”, “construcionalização” e muitos outros. O texto descreve, em detalhes, a metodologia de análise de *corpus*, em perspectiva tanto quantitativa quanto qualitativa. Como exemplos de pesquisa, os autores apresentam

uma dissertação de mestrado sobre o termo “aliás” e uma tese de doutorado em perspectiva diacrônica sobre as expressões de substituição “em lugar de”, “em vez de” e “ao invés de”, ambos os trabalhos defendidos na UFF.

O capítulo “Pesquisas sobre o português em uso: o PorUs” apresenta os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Estudos Linguísticos do Português em Uso (PorUs), que enfoca, como objeto de estudo, as diferentes variedades do português que são investigadas por meio de um aparato teórico que reúne abordagens funcionais, discursivas e cognitivas. Assim, as autoras descrevem, no capítulo, noções fundamentais acerca do pluri-linguismo, da linguística cognitiva e da linguística funcional. A metodologia empregada nas pesquisas realizadas no Núcleo é baseada em *corpus*, e, entre as suas atividades, está o projeto Português falado nas regiões fluminense e mineira: constituição de um banco de dados, que tem o propósito de reunir um banco de dados com amostras do português falado no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Como exemplos de pesquisas, são listados trabalhos acerca de temas como tempo, dêixis, conectivos, articulação de contraste e construções de naturezas diferentes.

O capítulo “Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos” caracteriza a metáfora como objeto de investigação central nos estudos da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), que é descrita ao longo do texto segundo os conceitos de metáfora conceptual, domínios (fonte e alvo), mapeamentos metafóricos e metáfora primária. As autoras utilizam o uso metafórico do termo “cadeado”, que pode ser conceptualizado como PRISÃO ou AMOR para ilustrar a discussão dos conceitos. A metodologia do campo é apresentada desde as concepções iniciais, baseadas na introspecção, até as abordagens mais recentes, que utilizam *corpus* de língua em uso e experimentação.

O capítulo “Pesquisas em estrutura informativa” apresenta os estudos no âmbito da pragmática que enfocam a investigação de elementos do contexto e da interação na comunicação. O autor lista os conceitos principais da abordagem a partir das unidades

fundamentais que estruturam a informação, tais como fluxo de informação, tema, tópico e foco. A partir de então, o texto discute diferentes tipologias de estruturas informativas segundo abordagens teóricas distintas. No que diz respeito à metodologia, são apresentadas as coletas em *corpora* escrito e sonoro, bem como novas tendências de emprego de metodologia experimental. Como exemplo de pesquisa, são discutidos os resultados de um estudo sobre a forma como o discurso impacta as escolhas linguísticas de aprendizes brasileiros de inglês.

Como se vê, o leitor encontra, neste volume, uma vitrine com exemplos de pesquisas nas mais diversas áreas contempladas na Linha Teoria e Análise Linguística. Esta apresentação pode, inclusive, ser utilizada como um conjunto de ferramentas básicas que podem ser potencialmente utilizadas em investigações futuras em nível de mestrado e de doutorado. Ainda há grandes searas nessas áreas que demandam o interesse de novos pesquisadores.

Em síntese, esperamos que a leitura dos capítulos deste livro propicie boas reflexões e que suscite o interesse pela investigação teórica e analítica das línguas humanas.

Desejamos uma excelente leitura a todos.

Ivo da Costa do Rosário (UFF/Faperj/CNPq)

Luciana Sanchez-Mendes (UFF/CNPq)

Organizadores

CAPÍTULO 1

Pesquisas em linguística formal e em psicolinguística: o GEPEX

Eduardo Kenedy

Luciana Sanchez-Mendes

Introdução ao campo e seu desenvolvimento

“GEPEX” é a sigla para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Teórica e Experimental sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).¹ Esse grupo é coordenado pela Profa. Dra. Luciana Sanchez-Mendes (UFF) e conta com a participação de seu fundador, Prof. Dr. Eduardo Kenedy (UFF), e de colaboradores professores de outras universidades brasileiras e do exterior. No GEPEX, são conduzidas pesquisas acadêmicas de iniciação científica, de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado dedicadas ao estudo da natureza, da aquisição e do uso de alguma fração do conhecimento linguístico dos falantes ou sinalizantes de uma língua natural.

De maneira resumida, os pesquisadores do GEPEX compreendem que cada falante/sinalizador, em decorrência do simples fato de ser capaz de produzir e compreender expressões em sua língua, possui um conjunto de representações cognitivas acerca

¹ Página do GEPEX: <https://gepexlab.wordpress.com>.

de sua fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e de seu léxico. Tais representações foram tacitamente construídas no curso do período de aquisição de língua pelo indivíduo, durante a sua infância, em contato com a língua (ou as línguas) de seu ambiente familiar, e eventualmente modificaram-se com maior ou menor profundidade no decurso de sua vida. São essas mesmas representações mentais, ao lado de outros recursos cognitivos não linguísticos, como a atenção e a memória, que cada falante/sinalizador recruta inconscientemente para o uso durante as suas tarefas de produção ou de compreensão linguística nas interações verbais cotidianas. As pesquisas do GEPEX investigam, justamente, quais são, como foram adquiridas e de que maneira são usadas essas representações cognitivas, que compõem o conhecimento linguístico do falante de uma língua natural específica. Em particular, os pesquisadores do grupo dedicam-se à investigação dos conhecimentos linguísticos de natureza sintática e semântica.

O conhecimento linguístico de um falante ou sinalizante de uma língua natural qualquer é muito complexo e diverso. Desde o componente sonoro da língua, com os seus valores distintivos, até a interpretação do valor referencial de palavras ou de frases, passando pelas modulações internas de um item lexical que exprimem significados e pelas combinações possíveis entre palavras numa dada oração, o conjunto de representações mentais que uma criança de quatro anos já domina de maneira tácita – e que todo falante maduro utiliza inconscientemente – não é emulado por nenhum dos computadores mais potentes já existentes, nem por animais senão o animal humano. Assim, as ciências das línguas, ainda hoje, apenas começam a compreender o que é e como funciona a cognição linguística dos seres humanos.

Diante da complexidade das línguas naturais, uma estratégia científica adotada pelos estudiosos contemporâneos é conhecida como “dividir para conquistar”. Com essa abordagem, os linguistas objetivam fracionar o estudo da competência linguística de modo a desenvolver explicações científicas sobre pequenos fragmentos desse conhecimento. É nesse sentido que os pesquisadores do

GEPEX se dedicam ao estudo de alguns tipos de conhecimentos linguísticos de natureza sintática ou de natureza semântica – e não a todos os tipos de representações cognitivas envolvidas na aquisição, na representação e no uso de uma língua.

Linguística. Psicolinguística. Experimentação.

Muitos estudantes acreditam que toda psicolinguística é experimental e que nenhuma linguística o é. Na verdade, a pesquisa experimental é uma abordagem metodológica que pode ser adotada tanto por linguistas quanto por psicolinguistas, assim como é também possível que ambos os estudos de linguística e de psicolinguística sejam puramente teóricos, isto é, não utilizem dados empíricos oriundos de experimentos como evidência em favor de hipóteses ou de teorias específicas. Desse modo, os linguistas e os psicolinguistas do GEPEX podem ou não ser experimentalistas, e isso é definido caso a caso, de acordo com os interesses de cada pesquisa em particular. O que diferencia, de fato, a linguística da psicolinguística é a interpretação cognitiva literal dos fenômenos das línguas necessariamente adotada por um psicolinguista, algo que pode não ser relevante para uma pesquisa formal abstrata de um linguista teórico.

Conceitos-chave e linhas teóricas

Um dos objetos de estudo explorados nas pesquisas acadêmicas conduzidas no GEPEX é a competência sintática, conceito-chave da linguística gerativa. Essa competência diz respeito ao conjunto de conhecimentos tácitos de natureza gramatical que regulam a habilidade de um indivíduo em produzir e perceber a organização de estruturas sintáticas em sua língua, como os sintagmas e as frases. Por exemplo, um falante do português, do inglês, do karitiana ou um sinalizante de Libras possui a capacidade inconsciente de estruturar predicado, sujeito e objeto na linearidade de uma frase de acordo com a gramática específica da sua língua. Esse mesmo falante é capaz de articular, de maneira

tácita, orações coordenadas ou subordinadas a uma oração matriz, computando mentalmente diferentes tipos de conectivos interacionais, de modo a produzir e perceber a estruturação sintática de um período complexo. São habilidades linguísticas dessa natureza que os estudiosos de sintaxe do GEPEX investigam: como se caracteriza a competência sintática dos falantes de uma língua?; como essa competência foi adquirida?; como ela é usada em tempo real juntamente a outros tipos de habilidades cognitivas, como a memória e a atenção?; existem diferenças entre o conhecimento sintático de um falante bilíngue acerca de sua língua nativa e de sua língua adicional? Essas são algumas das perguntas típicas que um sintaticista do GEPEX procura responder.

A competência semântica é outro tipo de objeto científico que ocupa as agendas de pesquisa do GEPEX. Ela é um conceito-chave da abordagem da semântica formal e refere-se ao conjunto de conhecimentos tácitos de natureza gramatical que os falantes de uma língua empregam para produzir e para compreender o significado veiculado por itens lexicais, por sintagmas e por frases. Por exemplo, quando domina o significado de um substantivo específico, um falante do terena, do francês ou do árabe reconhece, inconscientemente, se esse item lexical de sua língua carrega uma propriedade distintiva de natureza contável ou massiva e, dessa forma, emprega esse mesmo item em contextos gramaticais coerentes com tal natureza. Esse falante também domina valores temporais e aspectuais como presente/passado e perfectivo/imperfectivo, que podem estar veiculados a itens funcionais associados aos verbos de sua língua. E, de forma mais geral, um falante domina, de maneira tácita, o significado associado a cada frase em sua língua, compreendido como as suas condições de verdade, e, assim, reconhece quais são as configurações do mundo que precisam ser satisfeitas para que uma frase possa ser considerada verdadeira.

A competência semântica de um falante, inclusive, interage fortemente com a sua competência sintática, uma vez que a interpretação das diversas estruturas proposicionais veiculadas

pela sintaxe é promovida pelo componente semântico da língua, o qual caracteriza a divisão de seu léxico e o comportamento de seus itens funcionais na computação das condições de verdade das frases. Quais são os conhecimentos gramaticais que compõem a competência semântica de um falante? De que maneira essa competência foi adquirida? Como a semântica é usada pelos falantes durante a produção e a compreensão de expressões em sua língua? O conhecimento da semântica de uma língua nativa difere do conhecimento de uma língua adicional entre falantes bilíngues? Essas são algumas das perguntas para as quais um semanticista do GEPEX procura encontrar respostas.

No GEPEX, os estudos de sintaxe e de semântica possuem uma natureza formal. Isso quer dizer que as pesquisas conduzidas no grupo procuram alcançar o máximo nível de explicitude ao caracterizar a competência sintática e semântica dos falantes. Isto é, nas pesquisas do GEPEX, procura-se descrever e explicar aspectos da competência linguística humana por meio de notações formais, como diagramas sintáticos arbóreos e fórmulas lógicas semânticas, que não permitem ambiguidades ou interpretações vagas acerca do que nossos sintaticistas e semanticistas asseveram em suas pesquisas. Uma metalinguagem formal é uma notação matematizada que busca escapar da falta de precisão natural das linguagens não formais, como a língua cotidiana de todos os falantes e sinalizantes pelo mundo.

Além da natureza formal de suas pesquisas, sintaticistas e semanticistas do GEPEX são também “formalistas” – no sentido modular atribuído ao termo “formal” por pesquisadores não formalistas ou por estudiosos que, na verdade, não compreendem o significado de “formal” como explicitação por meio de notações matemáticas abstratas. Nessa acepção exógena, pesquisas “formalistas” são aquelas dedicadas às “formas” das expressões em uma língua, sejam sintáticas, sejam semânticas, e não às “funções” desempenhadas por tais formas.

No GEPEX, em coerência com o princípio científico de “dividir para conquistar”, a sintaxe e a semântica são interpretadas

como módulos específicos do conhecimento linguístico humano e, portanto, são investigadas de maneira independente de outros componentes desse conhecimento – por exemplo, a sintaxe é estudada independentemente da semântica, e a semântica é estudada autonomamente em relação à pragmática ou à comunicação real. Não obstante, o estudo da sintaxe ou da semântica pode ser também conduzido com uma abordagem de interface, ou seja, os sintaticistas do GEPEX podem explorar aspectos da interface (ou sobreposição) entre sintaxe e semântica ou entre sintaxe e pragmática, bem como nossos semanticistas podem explorar as interfaces entre a semântica e a sintaxe ou entre a semântica e a pragmática.

Em decorrência de sua abordagem modular ou de interface sobre o conhecimento linguístico, sintaticistas e semanticistas do GEPEX limitam seus fenômenos de análise aos itens lexicais e funcionais, aos sintagmas e às frases (períodos) de uma língua natural. Essa opção se justifica pelo fato de que, para além desses limites, muitos outros fenômenos externos ou internos à competência gramatical dos falantes intervêm em seu desempenho linguístico: memória explícita, intencionalidade comunicativa, reflexão consciente, percepção metalinguística, julgamentos socioculturais etc. Essa confluência não controlada de inúmeros tipos de conhecimento não é desejável em pesquisas formais, exatamente porque uma pesquisa formal pressupõe o isolamento das variáveis consideradas num estudo, sem o que não é possível ou apenas raramente seria possível produzir formalizações. O período é, assim, a fronteira dos estudos formalistas do GEPEX. Essa fronteira, no entanto, é, muitas vezes, cuidadosamente ultrapassada em certas pesquisas do nosso grupo. Em alguns de seus estudos, os membros do GEPEX estudam o uso do conhecimento linguístico em tempo real, em sua interação com outras variáveis não linguísticas; isto é, estudam aquilo que é conhecido como comportamento linguístico, desempenho ou, ainda, performance. Nesse caso, as pesquisas deixam de ter uma natureza estritamente

formal e assumem a abordagem da psicolinguística, mais especificamente da psicolinguística experimental.

No GEPEX, a psicolinguística corresponde aos estudos dedicados a alguma ou algumas das diversas interfaces dos módulos do conhecimento linguístico. Por exemplo, nossos psicolinguistas estudam interações entre informações sintáticas e informações pragmáticas na compreensão de frases, entre informações semânticas e informações discursivas na interpretação de pequenos textos ou entre memória de trabalho e articulação de orações num dado período. Essa interação, no tempo real do desempenho, entre variáveis atuantes no comportamento linguístico é denominada “processamento”, o qual pode ser fracionado em processamento lexical, processamento sintático, processamento semântico, processamento discursivo etc.

Em suma, os pesquisadores do GEPEX investigam fenômenos linguísticos de diferentes ordens de grandeza. Nossas pesquisas formais são dedicadas a aspectos modulares do conhecimento sintático ou do conhecimento semântico do falante ou sinalizante de uma língua natural. Nossas pesquisas psicolinguísticas, por sua vez, investigam o desempenho não modular (ou intermodular) dos falantes ou sinalizantes em situações de comportamento linguístico em tempo real, que recrutam diversas variáveis linguísticas e não linguísticas naturais ao processamento da linguagem verbal humana.

Abordagens e métodos

Em decorrência de suas diferentes abordagens científicas (formal ou psicolinguística) e de seus diversos objetos de estudo (aspectos da sintaxe, da semântica ou das interfaces), os pesquisadores do GEPEX podem optar por variados métodos de pesquisa na condução de seus trabalhos. Essa opção é condicionada pelo tipo de fenômeno específico a ser investigado e pelos objetivos de cada pesquisa particular.

Nas pesquisas de cunho formal, um dos métodos mais produtivos no grupo é baseado na intuição linguística dos falantes ou sinalizantes de uma língua. Esse método, nomeado como introspectivo ou introspeccionista, consiste na utilização dos julgamentos intuitivos sobre certas estruturas sintáticas ou semânticas, emitidos por um falante/sinalizante numa circunstância específica, como meio de caracterizar aspectos da competência linguística desse mesmo falante. Por exemplo, suponha-se que um falante de português do Brasil pergunte-se o seguinte: “De acordo com a minha intuição, a frase ‘Ele comprou a fruta’ é normal em português?”. Como a resposta é “sim”, esse é um dado positivo do que é possível ser produzido nessa língua. Já sobre a frase “Ele comprou fruta a”, a resposta negativa também é relevante para a pesquisa, uma vez que dados desse tipo delimitam as possibilidades e impossibilidades de organização frasal proporcionadas pelo componente sintático de uma língua.

Na pesquisa em semântica, também é possível adotar o método introspectivo. Nesse caso, entretanto, interessará ao semanticista o pareamento entre frases gramaticais (isto é, normais, geradas pelo componente sintático) com possíveis contextos que ilustrem as condições de verdade dessa mesma frase. Por exemplo, diante da frase “Ele comprou fruta”, um falante do português brasileiro julgará se o consumidor em questão pode ter comprado mais de uma fruta – por exemplo, se pode ter comprado um cacho de banana e algumas maçãs. Se esse julgamento for “sim”, ou seja, se o falante julgar que, ao dizer “fruta”, é possível fazer referência a várias frutas, isso será tomado como indicativo de que, na representação semântica do número gramatical do português do Brasil, os falantes intuitivamente podem perceber a forma do singular, isto é, aquela sem a morfologia explícita de plural, como neutra quanto ao número, podendo assumir valor de singular ou de plural. Na hipótese de a resposta ser “não”, e, assim, o falante julgar que “fruta” se refere apenas a uma unidade, isso revelará que a representação do número nessa frase distingue a forma do singular para uma

interpretação estritamente singular, e não plural, na língua. Compreende-se, portanto, que dados positivos (referentes ao que é possível na língua) e dados negativos (referentes ao que não é possível na língua) são igualmente relevantes para a elaboração de análises do significado, posto que, na semântica formal, é importante descrever e explicar não apenas as possibilidades, mas também as impossibilidades de interpretação de um dado fenômeno em investigação.

Os julgamentos intuitivos sobre uma língua caracterizam-se como um método de pesquisa barato, simples e, ao mesmo tempo, abrangente, de modo que pode ser empregado num sem número de pesquisas formais em nosso grupo. Suas principais vantagens são propiciar o levantamento inicial de dados positivos e negativos numa língua qualquer, que são fundamentais para descrições e análises científicas de caráter formalista.

Para além do julgamento introspectivo, as pesquisas de natureza intuitiva do GEPEX podem também lançar mão da elicitación controlada como método de pesquisa. A elicitación, às vezes também nomeada como elicitación, consiste na indução de algum comportamento linguístico a ser desempenhado por um falante a partir de alguma tarefa a ele apresentada pelo pesquisador. Ela pode, por exemplo, incluir perguntas sobre a gramaticalidade e a adequação de frases. Nessa abordagem, pode-se, por exemplo, perguntar a um sinalizante de Libras se uma frase interrogativa de contraste qualquer (isto é, uma sinalização correspondente a uma construção em língua portuguesa como “Este professor, mas não aquele, deu aula hoje?”) caracteriza-se como uma frase natural mesmo se as sobranças do sinalizante não forem levantadas. A respectiva resposta “sim”, nessa elicitación, indicará que, na intuição de um sinalizante nativo, o movimento das sobranças não é relevante para conferir gramaticalidade a esse tipo de estrutura sintática em Libras, ao passo que o inverso será verdadeiro caso a resposta seja “não”. Essa percepção intuitiva seria, portanto, uma informação útil para

que o pesquisador caracterizasse um aspecto da representação mental da sintaxe da Libras.

Um sintaticista pode, ainda, utilizar uma técnica de elicitación como o preenchimento de lacuna para verificar se, em determinado contexto sintático excitatório, um falante de uma língua qualquer produzirá um período simples ou um período composto, tendo em vista as questões teóricas que motivaram essa pesquisa particular. Igualmente, um semantista pode pedir que um falante/sinalizante complete uma determinada frase em sua língua, a partir de um dado ponto, tendo atenção para que o resultado seja uma frase gramatical adequada a um contexto previamente descrito. Ao fazer isso, o pesquisador pode controlar as variáveis que tornarão mais ou menos provável que o falante utilize certos tipos de palavra no preenchimento da tal lacuna, de acordo com o contexto elaborado a partir de alguma hipótese, previsão ou teoria que oriente essa pesquisa específica.

Em qualquer caso, o uso da elicitación tem o objetivo de revelar as representações linguísticas abstratas intuitivas que subjazem ao desempenho concreto manifestado pelo falante/sinalizante nas condições proporcionadas pela indução da produção ou da compreensão linguísticas aduzidas pela elicitación. Essa metodologia é bastante produtiva em pesquisas de campo, conduzidas, por exemplo, com falantes de alguma língua diferente daquela falada pelo pesquisador. A elicitación permite o controle de fatores linguísticos e contextuais que viabilizam o levantamento de dados positivos e negativos necessários para pesquisas de natureza formal – dados que não poderiam ser registrados somente por meio de gravação de produção linguística livre e espontânea.

É também possível que pesquisas formais e psicolinguísticas adotem a revisão bibliográfica ou a análise de *corpus* como sua principal metodologia científica. Uma pesquisa bibliográfica consiste na revisão do “estado da arte” a respeito de um fenômeno qualquer de uma língua. Por exemplo, um pesquisador

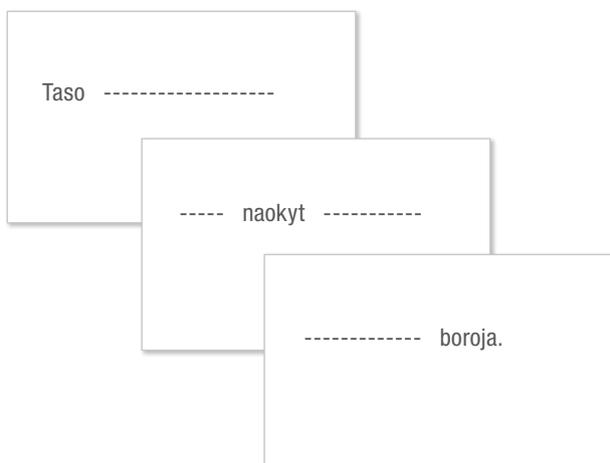
do GEPEX pode averiguar, nas gramáticas e nos dicionários do inglês, os diferentes usos que são atestados a um item lexical específico, tal qual um modificador como “*very*”. Por seu turno, uma pesquisa de *corpus* caracteriza-se por utilizar um ou mais de um banco de dados, como um conjunto de obras literárias, fragmentos de fala espontânea ou excertos de publicações jornalísticas, como fonte informação a respeito da ocorrência de uma determinada estrutura sintática ou de dado item lexical – por exemplo, os empregos do modificador “*very*” na fala espontânea registrada num *corpus* do inglês padrão britânico. A articulação da metodologia bibliográfica com a coleta em *corpus* pode oferecer evidências relevantes a um sintaticista ou a um semanticista acerca do fenômeno investigado em sua pesquisa, pois essas metodologias fornecem medidas objetivas a respeito da existência, da frequência e do contexto de uso de itens lexicais ou de estruturas sintático-semânticas.

Por fim, as pesquisas no GEPEX podem também empregar uma abordagem experimental. Nesses casos, o que interessará ao pesquisador será verificar o efeito, sobre o comportamento de um falante/sinalizante, de uma variável ou de um conjunto de variáveis específicas, como aquelas de natureza sintática, semântica ou de interfaces linguísticas ou extralinguísticas. Existem muitos tipos de técnicas experimentais regularmente adotadas pelas pesquisas em linguística formal e em psicolinguística. No nosso grupo, exploramos algumas dessas técnicas. Por exemplo, o GEPEX possui uma já longa tradição de aplicação de experimentos que aferem medidas *on-line* do comportamento dos falantes/sinalizantes participantes de nossas pesquisas. Uma medida *on-line* é aquela aferida durante o curso do processamento cognitivo de um estímulo experimental, como um item lexical, um sintagma ou uma frase, isto é, trata-se de uma medida comportamental, tal qual o tempo de reação a um estímulo, tomada no decurso do processamento mental desse mesmo estímulo –, e não depois que esse processamento já foi encerrado e algum outro encontra-se em curso.

A leitura segmentada autocadenciada e a audição de estímulos segmentados e autocadenciados são as técnicas *on-line* mais produtivas no grupo. Nesses tipos de experimentos, os pesquisadores verificam o possível efeito que uma variável controlada (a variável independente) possui sobre o desempenho do falante/sinalizador, expresso em termos de tempo de reação (a variável dependente) a cada estímulo, como um segmento crítico ou um conjunto dos segmentos de uma frase, que contém uma expressão da variável independente (a condição experimental). Para ilustrar, imagine que um pesquisador deseje verificar se a presença de uma palavra fortemente polissêmica, num dado sintagma, afeta de maneira significativa o tempo de reação a esse estímulo, quando comparado a outro sintagma com uma palavra muito menos polissêmica. Se um tempo de reação significativamente maior for detectado na condição mais polissêmica, esse pesquisador terá encontrado uma evidência experimental relevante para as hipóteses de seu trabalho.

A figura a seguir, retirada de um experimento elaborado no *software* Linger e aplicado com falantes nativos de karitiana, ilustra a apresentação segmentada da frase “*Ōwā naakat ihyryp pitat*” (traduzida como “[O] menino chorou muito”). Em cada janela apresentada, aparece uma palavra da frase e, para passar à palavra seguinte, o participante deve pressionar uma tecla numa caixa de botões. O procedimento é repetido até que todos os segmentos da frase sejam apresentados e, assim, sua leitura seja concluída. O *software* faz o registro do tempo demandado em cada janela (segmento) e gera as tabelas com os dados coletados com todos os participantes do experimento.

Figura 1. Exemplo de itens em janelas em experimento com a língua karitiana



Fonte: Elaborada pelos autores.

Tanto a leitura quanto a audição segmentadas e autocaden-
ciadas são paradigmas experimentais *on-line* produtivos e úteis a
diversos interesses de pesquisa em sintaxe, semântica ou interfaces.

O rastreamento ocular é outra técnica experimental *on-line*
empregada no GEPEX. Nela, os movimentos do globo ocular dos
participantes durante o processamento de um estímulo visual –
que pode ser um texto escrito, um vídeo de uma língua sinalizada
ou uma imagem não linguística qualquer – são registrados, em
termos de fixações e sacadas. Mais uma vez, essa técnica permite
que o pesquisador manipule certas variáveis independentes e ve-
rifique o efeito que elas produzem sobre o comportamento ocular
dos falantes/sinalizantes flagrado pelo rastreador. Por exemplo,
no citado estudo hipotético sobre polissemia, o rastreamento
ocular seria uma abordagem experimental capaz de verificar se
as fixações ou as regressões de um estímulo mais polissêmico
possuem maiores latências e maiores recorrências quando com-
paradas à condição menos polissêmica. Os movimentos oculares
são automáticos e inconscientes, de modo que representam uma

importante medida comportamental apta a caracterizar as computações cognitivas subjacentes ao processamento linguístico dos estímulos que evocam tais movimentos.

O GEPEX também emprega diversas técnicas experimentais *off-line*, isto é, realiza experimentos cuja variável dependente é registrada após a conclusão do processamento cognitivo de estímulos linguísticos. Por exemplo, julgamentos imediatos de aceitabilidade, preenchimento de lacunas, respostas a perguntas interpretativas, escolha de figuras mediante comando verbal e resolução de questionários são ilustrações de pesquisas experimentais com medidas *off-line*. No caso, o tipo de resposta binária “aceitável” ou “inaceitável”, num julgamento de aceitabilidade de uma dada frase, ou mesmo uma resposta escalar como “plenamente aceitável”, “aceitável”, “neutro”, “inaceitável” e “totalmente inaceitável”, é uma medida *off-line*, porque o julgamento emitido pelo falante/sinalizante (variável dependente) é emitido apenas depois que ele concluiu o processamento do estímulo que contém a expressão da variável independente. O que diferencia esse tipo de método de uma tarefa de elicitación controlada é a sua caracterização como experimento formal, isto é, julgamentos obtidos por via experimental, diferentemente de elicitaciones livres, decorrem de um desenho experimental específico, com a adoção de estímulos rigidamente selecionados e articulados a estímulos distratores, inseridos em certas condições controladas que preveem determinado tipo de comportamento, os quais são finalmente submetidos a alguma análise estatística de inferência.

Para o progresso da ciência das línguas naturais, é importante que diferentes pesquisadores dedicados a um mesmo fenômeno linguístico empreguem distintas metodologias de pesquisa. Afinal, quanto mais dados oriundos de diversas fontes (intuição, elicitación, revisão da literatura, *corpus*, experimentação) convergirem para uma mesma interpretação teórica, ainda que aproximada, mais completa será a compreensão científica de um dado fenômeno da linguagem verbal humana. Essa compreensão poderá, então, ultrapassar os limites das ciências básicas e alcançar efeitos

práticos em certas ciências aplicadas, conduzindo, assim, o saber construído pela linguística para a educação, para a saúde, para a tecnologia e para qualquer interesse pragmático mais específico de uma sociedade de maneira geral.

Como se faz uma pesquisa formal ou psicolinguística?

Uma pesquisa formal ou psicolinguística possui um objeto de estudo precisamente delimitado. Isto é, sempre define com exatidão o fenômeno linguístico que pretende investigar em determinada língua ou conjunto de línguas, seja com falantes nativos, seja com falantes de língua adicional. Esse objeto deve ser interpretado de acordo com alguma teoria específica, que deriva previsões sobre o comportamento do fenômeno investigado sob circunstâncias diversas. A partir dessa seleção inicial, o trabalho do pesquisador será, então, adotar uma abordagem metodológica específica e analisar o comportamento de seu objeto de estudo nos contextos de uma língua ou conjunto de línguas, a fim de verificar se as previsões da teoria assumida no trabalho confirmam-se ou não e por quê. Os resultados das pesquisas formais ou psicolinguísticas devem ser levados à comunidade linguística em congressos e artigos, a fim de promover o debate teórico acerca do fenômeno em estudo e, assim, fazer avançar o conhecimento científico sobre o tema da pesquisa.

Temas atuais e novas direções

Um dos pressupostos fundamentais da linguística formal e da psicolinguística é que as representações mentais individuais sobre línguas específicas e os processos de aquisição e processamento de línguas particulares decorrem da arquitetura cognitiva humana, que foi moldada no curso da longa história evolucionária da espécie, o *Homo sapiens*. Nesse sentido, as pesquisas do GEPEX, mais do que observar fenômenos específicos de línguas particulares, objetivam descrever e explicar fenômenos universais da cognição linguística humana. Esse desígnio universalizante só poderá ter

efeito real quando a observação, a descrição e a explicação sobre o conhecimento linguístico humano, sua aquisição e seu uso reunirem informações convergentes acerca de um número significativo das línguas naturais atualmente existentes, de forma a incluir, no saber produzido pela linguística, muito mais do que aquilo que hoje sabemos quase exclusivamente acerca de línguas europeias.

Uma das mais graves limitações da ciência linguística contemporânea é o pequeno número de línguas naturais que são, de fato, analisadas pelos linguistas ao redor do mundo. Estima-se que apenas dois por cento das cerca de sete mil línguas hoje existentes e somente oito por cento das quase três mil famílias linguísticas do planeta já foram submetidas a estudos acerca de sua natureza, sua aquisição e seu uso. Os pesquisadores do GEPEX possuem aguda consciência dessa insuficiência. É justamente por essa razão que o estudo de línguas sub-representadas, como as línguas nativas do território brasileiro e a Libras, constitui o objeto de uma linha de pesquisa específica de nosso grupo.

Assim, o projeto de uma ciência que assume a universalidade da cognição linguística humana poderá avançar de maneira mais significativa se adotar, entre as diversas opções metodológicas cientificamente legítimas, a abordagem experimental. Isso acontece porque os desenhos experimentais de uma pesquisa específica sempre são enunciados formalmente, com a explicitação de hipóteses, previsões, variáveis, métodos e procedimentos. Seus resultados também são enunciados formalmente após o escrutínio de alguma análise estatística rigorosa, hoje acessível na forma de diversos *softwares* sofisticados produzidos por matemáticos aplicados. A formalização de experimentos e de seus resultados estatísticos permite que um mesmo desenho experimental possa ser replicado por um número ilimitado de pesquisadores, em um número ilimitado de línguas, a fim de verificar o efeito translinguístico de determinado achado particular de uma tese ou de um artigo acadêmico.

Dada a possibilidade de investigação mais detalhada da constituição cognitiva linguística humana por meio da ampliação da quantidade de línguas estudadas e do aprofundamento das

análises proporcionado pelo método do paradigma experimentalista, vê-se, nos últimos anos, um incremento substancial do conhecimento acerca dos processos de aquisição e de uso de uma língua. No contexto dessa ampliação, uma nova vertente aplicada dos estudos teóricos e experimentais tem ganhado força: trata-se do que se tem chamado de *(psico-)linguística translacional para a educação*. Esse novo campo de investigações tem procurado alinhar o desenvolvimento da pesquisa teórica acompanhado do domínio de técnicas experimentais avançadas que permitem medir, *in loco*, a adequação e o êxito de novas propostas pedagógicas que sugerem uma verdadeira revolução na forma tradicional de ensino de línguas.

Dessa forma, vimos que a linguística experimental, formal ou psicolinguística, foi responsável por trazer para o seio da ciência das línguas a metodologia consagrada nas áreas das ciências empíricas mais amadurecidas na história do conhecimento humano. A extensão dessa metodologia à descrição e à explicação de fenômenos cognitivos complexos em um número máximo de línguas naturais e com debate de formas inovadoras de aprendizado é um ponto central na agenda da linguística do século XXI. A próxima seção apresenta exemplos de pesquisas nessa nova direção.

Exemplos de pesquisa

A linguística formal e a psicolinguística são abordagens adotadas no GEPEX que permitem o cruzamento de diversas abordagens empíricas e podem, desse modo, produzir conhecimento objetivo capaz de causar impacto real tanto sobre a agenda da linguística quanto sobre as práticas de outras áreas do conhecimento interessadas na linguagem verbal humana, como a educação.

No que diz respeito ao emprego de diversas metodologias para a inserção de línguas sub-representadas faladas/sinalizadas no Brasil no debate teórico internacional, temos como exemplo as últimas pesquisas da profa. Sanchez-Mendes sobre terena, wapichana,

karitiana e Libras, com emprego de métodos de elicitación e experimentación. No que tange a uma pauta de pesquisa com caráter descritivista, mas com vistas a uma discussão universalista, seus estudos sobre Libras inserem-se no debate acerca da expressão de pluralidade e intensidade por meio da utilização de repetição de um sinal e/ou emprego de duas mãos para a sinalização de verbos que são canonicamente produzidos com uma. Seus estudos recentes têm procurado analisar composicionalmente a contribuição semântica da duplicação e do movimento associados aos verbos investigados. Os dados a seguir foram coletados utilizando a metodologia de elicitación de frases e contextos e mostram a separação entre: (i) a expressão de plural de eventos por repetição de um sinal com apenas uma das mãos; (ii) a expressão de plural de participantes com a repetição espacial do sinal; (iii) a expressão de plural de eventos e de participantes com a conjugação das duas formas (repetição do sinal e distribuição e espacial); e (iv) a expressão de intensidade com o emprego simultâneo de duas mãos na sinalização.

Figura 2. Dados de Libras



Fonte: Elaborada pelos autores com dados publicados em Sanchez-Mendes e Xavier (2016), Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2017) e Donazzan e Sanchez-Mendes (2020).

Já a pesquisa linguística e psicolinguística translacional à educação acerca de fenômenos sintáticos, semânticos ou de interface tem o objetivo de fazer chegar a agentes da educação básica certos conhecimentos sobre a natureza, a aquisição e o uso de uma língua natural que podem ser relevantes para os processos de alfabetização plena e de literacia da população em idade escolar. O GEPEX acredita que os resultados concretos de algumas de suas pesquisas empíricas podem orientar abordagens pedagógicas específicas a respeito de alguns temas caros ao ensino e à aprendizagem da modalidade padrão escrita da língua portuguesa na educação fundamental e média. Um exemplo disso é o projeto em curso sobre “habilidades de leitura e processamento cognitivo de orações no período composto”, conduzido pelo prof. Eduardo Kenedy.

Nessa pesquisa, duas variáveis foram identificadas como as mais básicas e imprescindíveis ao pleno exercício da leitura por parte dos estudantes: a densidade lexical e o treinamento da memória de trabalho para processar informações de forma descontínua. A *densidade lexical* diz respeito ao conhecimento sobre o significado das palavras empregadas em um texto específico qualquer. Estudos em psicolinguística vêm indicando que o domínio de pelo menos 95% dos itens lexicais presentes num dado texto é condição fundamental para uma leitura proficiente e eficiente. Diante dessas estimativas, os achados do prof. Kenedy sobre o desempenho de leitura de calouros universitários da UFF são um tanto dramáticos: a densidade lexical manifestada por esses estudantes durante a leitura de textos acadêmicos não ultrapassa 60%. Essa descoberta, aferida por meio da adoção da técnica experimental conhecida como Teste de Cloze, na qual um participante preenche lacunas num determinado texto a fim de indicar seu nível de compreensão sobre ele, aponta para a necessidade de serem desenvolvidas, na educação básica, propostas de intervenção pedagógica voltadas especificamente para o ensino de unidades lexicais, visando à ampliação significativa do vocabulário ativo e passivo dos estudantes.

Por sua vez, a variável *memória para o processamento de informações descontínuas* refere-se à competência cognitiva de, no decurso da leitura, identificar e integrar informações proposicionais apresentadas de forma espalhada num dado período do texto. Por exemplo, textos argumentativo-dissertativos normalmente possuem diversos tipos de inversões e interpolações de orações subordinadas que interrompem a linearidade de informações proposicionais de uma frase, do tipo sujeito-verbo-objeto (SVO), típica da interação oral face a face. Assim, um sujeito pode ser separado de seu respectivo predicado por um grande número de apostos oracionais, orações adjetivas restritivas ou adjuntos adverbiais em forma de oração. Essa relação sujeito-predicado descontínua demanda, da memória de trabalho do leitor, a habilidade de processar muitas informações em paralelo, pois o conteúdo proposicional da oração principal é cindido por vários outros tipos de conteúdo oracional, os quais demandam a sua própria representação como proposição à parte. Esses achados, aferidos por metodologias diferentes, como análise de *corpus*, leitura segmentada e rastreamento ocular, apontam para a necessidade de treinamento explícito para a leitura e a produção de textos com estruturas oracionais descontínuas, num tipo de estratégia pedagógica a ser conduzida na escola básica desde os anos iniciais do ensino de leitura.

Sugestões de leitura e materiais

Para uma visão geral de estudos formalistas em sintaxe e semântica, sugerimos os manuais introdutórios *Para Conhecer Sintaxe*, de Kenedy e Othero (2018), *Curso Básico de Linguística Gerativa*, de Kenedy (2013), *Semântica Formal: uma breve introdução*, de Pires de Oliveira (2001), e *Para Conhecer Semântica*, de Quadros Gomes e Sanchez-Mendes (2018). Para uma introdução aos métodos de elicitación de gramaticalidade e adequação contextual por meio de tarefas, ver Sanchez-Mendes (2014). E para uma iniciação dos métodos experimentais na psicolinguística e na descrição gramatical, ver Kenedy (2009; 2019).

Os trabalhos sobre Libras, que discutem os temas da pluralidade e da intensidade descritos neste capítulo, são: Sanchez-Mendes e Xavier (2016), Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2017), Donazzan e Sanchez-Mendes (2020) e Sanchez-Mendes, Segala e Xavier (2020). Alguns dos trabalhos recentes sobre terena, wapichana e karitiana mencionados no texto são: Sanchez-Mendes, Gomes e Julio (2020) (terena), Vicente *et al.* (2020) (wapichana) e Sanchez-Mendes (2018) (karitiana). O experimento que averiguou variáveis semânticas em karitiana com o emprego de leitura segmentada autocadenciada foi publicado em Sanchez-Mendes (2020).

Os trabalhos sobre psicolinguística na educação indicados são Kenedy (2018; 2021), de Souza e Kenedy (2017) e Cunha e Kenedy (2019).

Sugestão para a elaboração de um projeto

Para elaborar um projeto de pesquisa em linguística formal com aderência aos estudos do GEPEX, é preciso selecionar com exatidão um objeto de estudo específico relativo a algum fenômeno gramatical dos componentes sintático, semântico ou de uma de suas interfaces. É crucial delinear a extensão linguística do fenômeno a ser investigado, seja um morfema ou uma palavra gramatical, seja uma construção abstrata qualquer, quer na competência nativa, quer na competência adicional de um falante/sinalizante.

Para elaborar um projeto de pesquisa em psicolinguística a ser executado em nosso laboratório, é preciso delinear um objeto que possa ser investigado a partir da análise do desempenho linguístico de falantes/sinalizantes. Pode-se, por exemplo, selecionar um fator morfossintático ou semântico que atue no processamento *on-line* ou *off-line* de palavras ou frases numa determinada língua.

As pesquisas realizadas no GEPEX não enfocam apenas línguas orais ou indo-europeias. Logo, tanto projetos em linguística formal quanto em psicolinguística podem ter como objeto de estudo qualquer língua natural, desde que o pesquisador em questão tenha acesso a dados dessa língua.

Referências

- CUNHA, Kelly Cristine; KENEDY, Eduardo. Um olhar psicolinguístico sobre a alfabetização precoce: evidências experimentais. *ReVEL*, v. 17, n. 33, p. 322-351, 2019.
- DONAZZAN, Marta; SANCHEZ-MENDES, Luciana. Decomposing distribution across dimensions: evidence from Libras. *DELTA*, v. 36, n. 1, p. 1-22, 2020.
- GOMES, Ana Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. *Para conhecer semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.
- KENEDY, Eduardo. Análise de corpus, a intuição do linguista e metodologia experimental na pesquisa sobre as orações relativas do PB e do PE. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 30-51, 2009.
- _____. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. O problema do analfabetismo funcional no Brasil sob uma análise psicolinguística. In: MAIA, M. (org.). *Psicolinguística e educação*. São Paulo: Mercado de Letras, 2018, p. 81-102.
- _____. Uma breve introdução aos estudos experimentais em linguística. In: WIEDEMER, M. (org.). *Estudos linguísticos contemporâneos: questões e tendências*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 159-194.
- _____. Heterogeneidade e homogeneidade nas línguas: uma síntese histórica para o surgimento da teoria das múltiplas gramáticas e uma análise sobre a articulação entre orações em sentenças do português brasileiro. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2021.
- KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel. *Para conhecer sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Semântica formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SANCHEZ-MENDES, Luciana. Trabalho de campo para análise linguística em semântica formal. *Revista Letras*, v. 90, p. 277-293, 2014.
- _____. Construções comparativas em Karitiana: descrição preliminar. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*, v. 1, p. 61-77, 2018.
- _____. Processamento de modificação de grau em Karitiana: um estudo piloto experimental. In: GOMES, Ana Paula Quadros; TESCARI NETO, Aquiles. *Interface sintaxe-semântica: adjetivos e advérbios numa perspectiva formal*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 231-259.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; GOMES, Ana Paula Quadros; JULIO, Aronaldo. The count-mass distinction in Terena. *Linguistic Variation*, v. 20, n. 2, p. 382-397, 2020.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; SEGALA, Rimar; XAVIER, André. O papel da (re)duplicação na expressão de pluracionalidade em libras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 96, p. 487-508, 2017.

_____. Descrição e análise semânticas da intensidade em libras. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 311-331, 2020.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; XAVIER, André. A expressão da pluracionalidade em libras. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 45, n. 1, p. 292-304, 2016.

SOUZA, Joana; KENEDY, Eduardo. A leitura dos nativos digitais: uma abordagem psicolinguística. In: ATAÍDE, A. *et al.* (orgs.). *Pesquisa em língua, linguística e literatura no Nordeste: uma jornada de quase 40 anos do GELNE*. Recife: Pipa Comunicação, 2017, p. 467-488.

VICENTE, Helena Guerra *et al.* The nominal system in Wapishana (Aruák), preliminary results. *Linguistic Variation*, v. 20, n. 2, p. 398-408, 2020.

CAPÍTULO 2

Pesquisas em linguística funcional centrada no uso

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira
Monclar Guimarães Lopes

Introdução ao campo e seu desenvolvimento

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) é um termo adotado no Brasil para a referência à pesquisa praticada internacionalmente sob o rótulo *Usage-Based Linguistics* (Linguística Baseada no Uso), conforme se encontra em Bybee (2010), em Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014), entre outros. Essa vertente teórica resulta da incorporação da abordagem construcional da gramática, de viés cognitivista, nos termos de Adele Goldberg e William Croft, por exemplo, aos estudos funcionalistas norte-americanos, como os praticados originalmente por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson e Elizabeth Traugott, entre outros.

A LFCU, reafirmando os postulados do funcionalismo clássico,¹ assume a pesquisa dos mecanismos funcionais do uso

¹ A fase clássica dos estudos funcionalistas corresponde às décadas de 70, 80 e 90 do século XX, como destacado em Rosário e Oliveira (2016).

da língua a partir da compatibilização da relação entre conteúdo e forma. No Brasil, uma das referências dessa vertente teórica é o Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G),² que está sediado em três centros universitários: Universidade Federal Fluminense (UFF),³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Investigar a língua em perspectiva funcional é analisá-la em uma abordagem holística, que procura explicar a motivação desses usos. Assim, a pesquisa nessa área leva em conta, em maior ou menor grau: a) fatores gramaticais, como os morfossintáticos e fonético-fonológicos; b) fatores textual-discursivos, como as sequências tipológicas, a modalidade e o gênero discursivo; c) fatores pragmático-comunicativos, como as condições que moldam a interação (espaço, tempo, perfil dos interlocutores e propósitos comunicativos); e d) fatores cognitivos, como os processos de domínio geral (categorização, *chunking*, analogização, memorização enriquecida e associação transmodal).

Um dos pressupostos básicos da LFCU é que a gramática das línguas é uma entidade emergente, semelhante às dunas de areia, como referida por Bybee (2010). De acordo com tal concepção, ao lado de níveis de maior estabilidade, necessários à comunicação no trato social, há níveis mais irregulares e instáveis, que demonstram a variabilidade e a mudança linguísticas. Devido a essa concepção dinâmica e integrada, que conjuga estabilidade, variabilidade e mudança na pesquisa dos usos linguísticos, a LFCU adota uma perspectiva predominantemente pancrônica, ou seja, entende que, em cada sincronia, a língua carrega consigo as marcas históricas de sua trajetória, o que lhe confere os traços de variabilidade e gradiência constantes.

A incorporação da abordagem construcional à pesquisa da língua em uso pela LFCU, como demonstrado no Brasil por

² Para mais informações, consultar o site: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/sobre/>.

³ Para mais informações, consultar o site: <http://deg.uff.br/>.

Rosário e Oliveira (2016), reorienta os estudos funcionalistas no século XXI. Nesse sentido, a língua é vista como uma rede de construções, entendidas, nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), como pareamentos simbólicos de conteúdo e forma. Nesse elo de correspondência entre conteúdo e forma, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), ambos os eixos são tomados em equilíbrio, o que destaca o foco da pesquisa, na compatibilização entre aspectos funcionais e estruturais. As construções são assumidas como conseqüentes de convencionalização contextual, tendo na frequência de uso e na atuação de processos cognitivos dois importantes fatores para sua sistematização.

Conceitos-chave

Como a LFCU compatibiliza pressupostos teóricos funcionalistas e cognitivistas, apresentam-se, a seguir, acompanhados de dados ilustrativos do português, alguns conceitos relevantes que fundamentam a pesquisa nessa área. Para tanto, a exemplificação da língua em uso parte do relato de opinião escrito por Alcione, aluna do ensino superior da cidade de Juiz de Fora, acerca da situação política do país na década de 90 do século XX:

O momento atual não me permite fugir de um assunto já tão comentado: a situação econômica, política e social de nosso país. A meu ver, o Brasil vive, agora, o seu ponto de mutação, ou seja, o momento onde todas as forças convergiram ao mesmo ponto, o limite entre a estagnação e a mutação. O ponto de mutação ocorre quando determinada situação chega ao seu ápice e, sendo insustentável, acaba por mudar-se. Otimisticamente, acredito que este “boom” será para melhor e tenho por premissa a “Revolução Ética” que nos surge, brilhantemente, sob os nossos olhos. Este país ainda tem jeito. (*Corpus Discurso & Gramática*, Juiz de Fora).⁴

⁴ Disponível em: http://deg.uff.br/wp-content/uploads/sites/330/2020/11/juiz_de_fora-1.pdf.

1. Discurso e gramática: conforme Du Bois (2003), o discurso é entendido como toda manifestação de uso da linguagem, como qualquer ato verbal que configure interação. Já a gramática define-se como sistema de conhecimento linguístico hipotético que inclui não só morfossintaxe, semântica e fonologia, mas também pragmática e funções discursivas, conforme Traugott e Trousdale (2013).
2. Contexto: a manifestação discursiva ocorre em contextos de uso, ou seja, na área em que se encontram sobrepostas as dimensões gramaticais, pragmáticas, cognitivas, sociointeracionais e culturais, no âmbito em que se dá a “manifestação empírica do discurso”, nos termos de Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 19). Assim, o texto de Alcione é um ato discursivo, uma avaliação expressa a partir de um determinado contexto de uso, de seu relato de opinião.
3. Construção e *constructicon*: a construção, definida como pareamento convencionalizado de conteúdo e forma, é a unidade básica da gramática. Portanto, a língua é entendida na LFCU como entidade virtual, como conjunto organizado e interconectado de construções, na formação do *constructicon*, da rede linguística. Essa rede é forjada via interação, a partir do que é convencionalizado na comunidade linguística. O contexto de uso, portanto, é o ambiente em que as construções são fixadas e instanciadas, na forma de *constructos*. A declaração final do relato de Alcione, “Este país ainda tem jeito”, instancia, por exemplo, a construção oracional altamente esquemática [SN SAdv SV].
4. Construcionalização e construcionalidade: de acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização é a criação, captada na história da língua, de um novo e inédito pareamento de conteúdo e forma; para os mesmos autores, a construcionalização pode ser: a) lexical,

na formação de pareamentos de sentido menos subjetivo e mais pleno, como nomes (*insustentável*) e verbos (*convergiram*); b) gramatical, na criação de construções de sentido procedural, mais intersubjetivo e abstrato, como modalizadores (*otimisticamente*) e conectores (*ou seja*). Já a construcionalidade, conforme Rosário e Lopes (2019), é complementar à construcionalização e define-se como a relação sincrônica estabelecida entre construções, em termos horizontais ou verticais. Assim, por exemplo, o uso do conector “ou seja” pode ser pesquisado em termos de construcionalização, na investigação histórica dos micropassos que acabaram por forjar esse pareamento, ou em termos de construcionalidade, com a pesquisa, por exemplo, de outros conectores que, no *constructicon* do português, se encontram no mesmo paradigma, como “quer dizer” ou “em outros termos”.

5. Mudança construcional: corresponde à alteração verificada somente ao nível do conteúdo ou da forma, sem chegar a constituir uma nova construção na língua. É o que se verifica, por exemplo, com o conteúdo do verbo *fugir*, em “O momento atual não me permite fugir de um assunto”, que, embora abstratizado, continua a ser um verbo pleno.
6. Fatores construcionais gradientes, de acordo com Traugott e Trousdale (2013):
 - » Esquematicidade: fator de categorização que envolve abstração; um esquema é uma generalização de categorias taxonômicas; assim, por exemplo, a construção oracional [SN SAdv SV] é altamente esquemática em relação a “Este país ainda tem jeito”, tomada como pareamento específico, tal como instanciada na parte final do relato de Alcione. As subpartes de uma construção esquemática, a serem preenchidas por itens distintos, são nomeadas de *slots*.

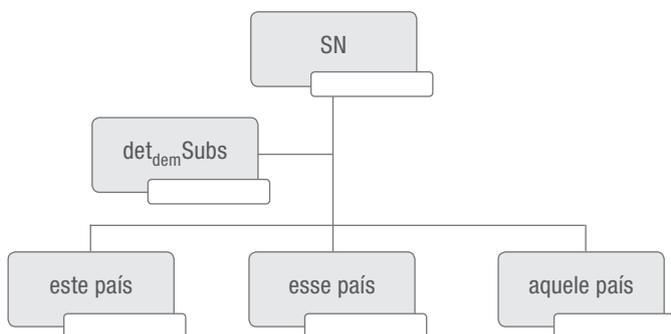
- » Produtividade: fator relativo aos parâmetros de frequência, tanto em termos do *type* (do pareamento construcional instanciando), quanto em termos do *token* (do uso efetivo, do *constructo*); as duas formas adverbiais ocorrentes no relato da aluna, *otimisticamente* e *brilhantemente*, são tomadas como *tokens* distintos do mesmo *type* [Xmente], de alta produtividade na língua. A maior produtividade de um esquema cria, nos termos de Himmelmann (2004), expansão *host-class* no *constructicon*, a partir da qual a rede é ampliada pelo preenchimento dos *slots* por novos constituintes.
- » Composicionalidade e analisabilidade: propriedades gradientes relativas ao grau de transparência entre conteúdo e forma no nível das subpartes de uma construção; relação entre combinação semântica (composicionalidade) e sintática (analisabilidade) interna à construção. Assim, via de regra, o nível de transparência semântico-sintática é maior em uma construção lexical, como *o momento atual*, do que em uma gramatical, como *a meu ver*.

7. Hierarquia construcional, em níveis esquemáticos:

- » Macroconstrução/esquema: domínio mais abstrato e virtual.
- » Mesoconstrução/subesquema: conjunto/família de construções específicas, com função semelhante.
- » Microconstrução: construção *type* individual.

O SN [*este país*] pode ser descrito em perspectiva hierárquica construcional como no Esquema 1, a seguir: uma microconstrução integrante da família dos SNs formados por *determinante demonstrativo* mais *nome*.

Esquema 1. [este país] na rede SN do português



Fonte: Elaborado pelos autores.

8. Iconicidade e marcação: são princípios do funcionalismo clássico, assim definidos por Givón (1995): a) *iconicidade*: relação motivada entre conteúdo e código linguístico, entre função e forma, desdobrada em três subprincípios: quantidade, proximidade e ordenação linear; e b) *marcação*: conceito de origem estruturalista que distingue membros marcados e não marcados em uma dada categoria gramatical, desdobrado também em três subprincípios: complexidade estrutural, complexidade cognitiva e distribuição de frequência. Nesse sentido, pode-se dizer que o conector “a meu ver” é um pareamento menos icônico e mais arbitrário, por exemplo, do que o sintagma adverbial temporal “ao ver”, e mais marcado em relação ao conector “eu acho”, com quem integra essa classe gramatical. “A meu ver” tem suas partes mais integradas e abstratizadas, na formação de um conector, que, por outro lado, em face de outros dessa categoria, é mais pesado e complexo, em sentido e formato.
9. Transitividade e planos discursivos: a transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980), é um fenômeno semântico-discursivo, de natureza escalar, resultante da associação entre propriedades do sujeito, do verbo e do seu

complemento. Assim, em uma abordagem funcionalista, há orações de baixa transitividade, como *O Brasil vive seu ponto de mutação*, e outras mais transitivas, como *O professor brasileiro vive em Buenos Aires*. O grau de transitividade está relacionado à função discursiva da oração em seu contexto de uso, daí, em textos narrativos, orações mais transitivas tenderem a ocupar a posição de figura, relativa à linha temporal em que o relato é desenvolvido, ao passo que orações menos transitivas tendem a atuar em porções textuais periféricas, como fundo, na referência a informações sobre espaço, causa, consequência, entre outras.

10. Neoanálise e inferência sugerida: de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 36), inspirados em Andersen (2001), a neoanálise é entendida como toda e qualquer mudança linguística, no nível do conteúdo ou da forma, que impacta e motiva uma nova e inaugural interpretação contextual. Uma das motivações para neoanálises é a inferência sugerida, nos termos de Traugott e Dasher (2005), segundo a qual os interlocutores negociam e partilham crenças, juízos de valor e concepções durante a interação. Conectores como “a meu ver” e “ou seja”, usados por Alcione, resultam de reinterpretações contextuais.
11. Metaforização e metonimização: são dois dos principais mecanismos de mudança linguística, que atuam complementarmente ao nível do conteúdo e da forma. A *metaforização* envolve a conceitualização de um domínio de experiência mais concreto em termos de outro domínio, mais abstrato, de acordo com Lakoff e Johnson (1980). A *metonimização* diz respeito às relações de contiguidade e de associação articuladas no uso linguístico, atinentes à fixação e à alteração de limites entre constituintes. Nesse sentido, as reinterpretações contextuais que engendraram os conectores “a meu ver” e “ou seja” são motivadas tanto

por mecanismos de metaforização de elementos verbais, como *ver* e *seja*, quanto por metonimização das subpartes envolvidas, agora altamente vinculadas.

12. Processos cognitivos de domínio geral, de acordo com Bybee (2010):

- » **Categorização:** similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando elementos são reconhecidos e associados a representações convencionalizadas; as classes gramaticais são entendidas como conjuntos categoriais prototípicos.
- » **Analogização:** processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias já fixados, que servem de modelo para novos usos.
- » **Chunking** ou encadeamento: processo pelo qual seqüências de unidades que são usadas juntas combinam-se para formar unidades mais complexas, em termos de conteúdo e de forma.
- » **Memorização enriquecida:** estocagem mental de detalhes de experiências passadas; a memória para formas linguísticas é representada em exemplares, com base em ocorrências consideradas idênticas (tem a ver com categorização e analogização).
- » **Associação transmodal:** articulação que fornece o vínculo entre conteúdo e forma, com base no pressuposto de que experiências coocorrentes tendem a se associar cognitivamente.

O conector “a meu ver” ilustra a atuação desses processos: a) é membro de um paradigma do português; b) está em relação analógica com outros da rede, como “no meu ponto de vista” e “na minha opinião”; c) é um encadeamento, um *type* altamente vinculado, em termos de conteúdo e forma; d) trata-se de uma construção já convencionalizada na língua, com histórico de uso que a torna disponível na mente da comunidade linguística; e

e) resulta também da associação entre uma preposição, um pronome de primeira pessoa do singular e um verbo de sentido visual.

Exemplos de pesquisa

Atualmente, existe um grande volume de trabalhos com base na LFCU, especialmente decorrentes de artigos, dissertações e teses produzidos na UFF, UFRJ e UFRN. Nesta seção, selecionamos uma síntese dos resultados de duas pesquisas: uma dissertação de mestrado desenvolvida em abordagem sincrônica e uma tese de doutorado com base em uma abordagem diacrônica, ambas recentemente desenvolvidas sob nossa orientação acadêmica na UFF.

Um dos temas mais investigados pelos pesquisadores do grupo é a questão dos conectores em língua portuguesa. Ramos (2019), por exemplo, analisou as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas do “aliás” em língua portuguesa. A conclusão a que se chegou é que

aliás é multifuncional e, portanto, desempenha diferentes funções na gramática do português, o que vai muito além da lacônica classificação que tradicionalmente lhe é associada, ou seja, de palavra denotativa ou advérbio (ROSÁRIO; RAMOS, 2020, p. 108).

De fato, esse elemento de conexão não costuma atrair muito a atenção dos pesquisadores, sendo pouco apresentado em nossos compêndios gramaticais. Aliás, a própria classificação do item como “palavra denotativa” já indica essa questão, pois esse é um rótulo bastante disforme para abrigar uma série de elementos pouco concatenados entre si, em uma espécie de “limbo” da gramática.

Por meio de uma pesquisa sistemática baseada em dados de língua escrita, Ramos (2019) investigou 30 dissertações de mestrado e 30 teses de doutorado defendidas na UFRJ, no período entre 2014 e 2016. A pesquisa demonstrou sete diferentes usos de “aliás”, com algumas ocorrências que extrapolam as funções laconicamente apresentadas pelas obras normativistas. Por uma questão de recorte, aqui apresentamos apenas três diferentes usos

entre os atestados, todos de viés inclusivo. Vejamos alguns dados retirados de Ramos (2019):

(1) Dessa forma, sem termos comprovação da presença cênica de Gonçalves de Magalhães anterior ao famoso 13 de março de 1838, sua estreia oficial continua sendo a mesma. *Aliás*, é de se prever que a tendência do poeta fosse reivindicar a data correta, não sendo necessários muitos esforços para defini-la. (Almeida, Tese/UFRJ, 2016, p. 105)

(2) Em suma, um indivíduo que vivencia as primeiras experiências de uma sexualidade e erotismo prementes no contato e brincadeiras infantis com outras crianças e adolescentes: “Confesso. Diante da cara mascarada/ por treliça e sombra. / De carne, pecador. Passivo, ativo/ meia, bronha, pegação:/ pera, uva, maçã no rosto, na boca” (p.21). *Aliás*, esse percurso, que vai da infância à maturidade, revela a formação de uma consciência culpada que culmina em versos de clara reprovação do corpo [...] (Conceição, Tese/UFRJ, 2015, p. 183)

(3) Obviamente, não queremos defender o absurdo de que o Simbolismo não tenha explorado o foco narrativo externo (*aliás*, fê-lo com bastante frequência), tampouco o de que não tenha investido na primeira pessoa. (Vasconcelos, Tese/UFRJ, 2014, p. 240)

Em (1), o elemento *aliás* serve para conectar dois períodos, o que, de antemão, já nos indica uma função mais ampla do que concebemos como “conector”. De fato, os elementos de conexão não podem ser restringidos apenas àqueles responsáveis por unir orações dentro de um mesmo período. Nesse exemplo, *aliás* cumpre o papel de incluir argumentos, o que é muito característico dos gêneros acadêmicos. Nessa inclusão, o elemento de conexão introduz uma explicação ou justificativa para o que é dito anteriormente.

Em (2), o elemento *aliás* também cumpre a função de incluir informações, mas em termos semântico-pragmáticos também tem função propulsora, visto que colabora com a progressão

discursiva. Logo após *aliás*, o autor da tese utiliza a expressão “esse percurso”, cuja função é encapsular a informação anterior.

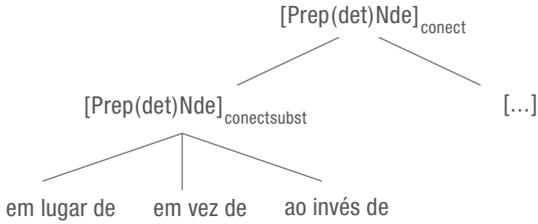
Por fim, o dado (3) ilustra um terceiro uso de *aliás*. Trata-se de uma função de realce de argumento. É um uso atestado apenas em função parentética, o que comprova um dos postulados funcionalistas de que forma e função devem ser analisadas sempre em conjunto. Em (3), *aliás* introduz uma oração interpolada de valor explicativo. Ao receber destaque (o que é aferido pelo uso dos parênteses), essa oração cumpre o papel de focalizar ou realçar uma informação relevante no fluxo discursivo.

De maneira muito sucinta, esses dados ilustram respectivamente três funções inclusivas do conector “aliás”: a) inclusão de argumentos; b) inclusão e propulsão; e c) inclusão e realce. Na pesquisa funcionalista, a atestação desses diferentes usos não se dá de forma apriorística. Ao contrário, são constatações sempre decorrentes do uso, da análise de *corpus* de língua real, como se verifica em Ramos (2019) e Rosário e Ramos (2020).

Outro ponto importante a ser destacado é a própria noção de categorização. Na visão funcionalista, como já se destacou aqui anteriormente, os limites dentre as categorias são difusos. Logo, toda classificação está sempre assentada em ocorrências mais prototípicas, já que muitos dados refletem sobreposições e polissemias, o que é natural e característico das línguas humanas, por conta dos seus diferentes contextos de uso.

No plano diacrônico, citamos o trabalho de Novo (2020). Em pesquisa de doutorado, a autora analisou a construcionalização de três conectores que pertencem ao domínio funcional da substituição: “em lugar de”, “em vez de” e “ao invés de”, na história da língua portuguesa. Esses três conectores pertencem a uma rede de construções que pode ser esquematizada por meio da figura a seguir:

Figura 1. Recorte da rede construcional [prep(det)Nde]conect



Fonte: Novo (2020, p. 103).

Após investigar dados diacrônicos, a autora chega a importantes conclusões:

(a) *em lugar de*, *em vez de* e *ao invés de* são conectores que instanciam o domínio funcional da SUBSTITUIÇÃO; (b) o membro exemplar da classe (*em lugar de*) atua como base para a fixação e o surgimento de novos padrões de uso, já que é o conector mais antigo dentre todos os outros; (c) *em vez de* e *ao invés de* entram para o paradigma mesoconstrucional [Prep (det) N de]conect subst por analogização ao conector *em lugar de*; (d) a efetiva construcionalização das três microconstruções ocorre quando esses conectores passam a instanciar construções oracionais hipotáticas substitutivas (NOVO, 2020, p. 9).

Por uma questão de recorte, vamos apresentar aqui somente a rota de mudança de “em lugar de”. De antemão, verificamos que, na composição desse *chunk*, atestamos a palavra “lugar”. Segundo pesquisa da autora, desde a língua latina, esse elemento linguístico tem sua base espacial bem demarcada, mas convive também com os sentidos de “posição”, “situação” e “condição”, que são noções mais abstratas. Isso pode ser atestado no dado a seguir, do século XIII:

(4) “Mando ainda q(eu) *en meu logar* ouuer a reinar se a mia morte ouuer reuora e meus uassalos e o abade d’Alcobaza sen demorancia e sen (com)t(ra)dita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as out(ra)s cousas.”

Nesse dado (4), *en meu logar* significa “em meu posto”. O enunciador dá algumas orientações sobre quem deverá assumir o reinado após a sua morte. Com isso, já fica atestado um uso mais abstrato do elemento “lugar” desde o início da formação da língua portuguesa. Esse uso mais abstrato, por sua vez, também convivia (e convive) com um uso mais concreto, em que “lugar” tem sentido espacial.

Com base em uma análise contextual proposta por Diewald (2002; 2006) e Rosa (2019), Novo (2020) flagra diferentes graus de gradualidade da mudança linguística, o que leva a expressão “em lugar de” a, progressivamente, construcionalizar-se na língua como conector. Vale destacar que a gradualidade tem equivalência com o conceito de gradiência, com a diferença de que este é de cunho sincrônico e aquele de teor diacrônico. A proposta de mudança defendida por Diewald (2002) considera quatro tipos de contexto (fonte, atípico, crítico e isolado), que podem ser sinteticamente apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1. Contextos de mudança

| | |
|------------------|---|
| Contexto fonte | Os usos são mais lexicais e referenciais. Nesse estágio, ainda não se notam indícios de mudanças, os quais só começam a ficar evidentes no contexto atípico. |
| Contexto atípico | Nesse estágio, estão as pré-condições para o desenvolvimento do processo de construcionalização. Há uma inespecífica expansão de distribuição da unidade lexical para contextos em que não tinha sido anteriormente utilizada. Por meio de implicaturas conversacionais, construções já existentes surgem em combinações de construções, a um só tempo, incomuns e facilmente interpretadas devido a sua estrutura composicional. |
| Contexto crítico | Efetivo acionamento do processo de construcionalização. É caracterizado por ambiguidades semânticas e estruturais, ou opacidades, que permitem várias alternativas de interpretação, incluindo o novo significado gramatical. De acordo com Diewald (2002), esse estágio tende a desaparecer na pós-construcionalização gramatical, pois também cessam as ambiguidades múltiplas. |
| Contexto isolado | Efetiva-se a mudança linguística, ou seja, o processo de construcionalização se consolida. Nessa fase, o novo significado gramatical é isolado como um significado distinto dos anteriores, presentes no contexto crítico. Esse novo significado também não é mais dependente de implicaturas conversacionais, já que o contexto linguístico lhe favorece uma única leitura. |

Fonte: Adaptado de Novo (2020) com base em Diewald (2002; 2006).

Vejam os dados a seguir, acompanhados de alguns comentários:

(5) Dos quais navios era Capitão-mor Diogo de Azambuja, pessoa mui experimentada nas cousas da guerra, e os outros capitães eram Gonçalo da Fonseca, Rui de Oliveira, João Rodrigues Gante, João Afonso [...], Pero de Évora e Gomes Aires, escudeiro del-Rei Dom Pedro de Aragão, o qual entrou *em lugar de* Pero de Azambuja, irmão dele, Diogo de Azambuja, por morrer de peste primeiro que partissem de Lisboa. (Século XV, *Décadas da Asia (Década Primeira, Livros I-X)*, João de Barros *apud* Novo, 2020)

(6) E sse alguu dos comendadores ou dos priores ou dos mijstradores for tolhecto daquel logo per morte ou per mandado de seu mayor o outro que for *en seu logar* seya teudo a responder e a demandar assy como era aquel en cuyo logar entrou. [...] defendemos que nenhũa das pessoas sobredictas nõ possa meter a juyzo nenhũa villa nen castello nen outro herdamẽto qualquer demandãdo nõ respõdendo sen mandado special de seu mayor ou pessoarya de sa carta assy como manda a lee. (Século XIII, *Foro Real*, Afonso X *apud* Novo, 2020)

(7) Fechando uma noite sobre a minha mesa em Lisboa um barrilinho com vinte arráteis de pólvora de Flandres e determinando ao mesmo tempo lacrar uma garrafa de água de Barbadas que tinha também sobre a mesa, me distrai de tal forma que *em lugar de* lacrar a rolha da botelha lacrei a rolha J5 do barril de pólvora, sobre a qual fiz um tao grande togo que estive em perigo de entrar em uma distracção que fosse eterna. (Século XVIII, *Cartas familiares*, Francisco Xavier de Oliveira *apud* Novo, 2020)

No dado (5), relata-se que Diogo de Azambuja passa a ocupar o cargo de capitão-mor no lugar de seu irmão, Pero de Azambuja. Nesse dado, *em lugar de* indica um uso em contexto atípico, em que há menor composicionalidade dos elementos constituintes. Já se pode falar em um *status* construcional, isto é, um novo pareamento de forma e conteúdo, tendo em vista que “em lugar de” passa a cumprir uma função inovadora e convencionalizada

na língua, como um novo conector de substituição, em que o termo “lugar” já não é dotado de sua base física espacial concreta.

O dado (6) ilustra o contexto crítico. Nesse ponto da mudança, há ambiguidades estruturais marcadas por inferências semânticas e pragmáticas. É um estágio intermediário entre o atípico e o isolado. Nesse dado, o emprego da expressão *en seu logar* implica, pelo menos, duas interpretações possíveis. Segundo Novo (2020), uma primeira leitura refere-se ao sentido próprio de contexto fonte. O uso do verbo “for” sugere deslocamento espacial, com movimento físico-espacial a um local, no mundo biossocial. Por outro lado, uma segunda leitura possível indica *en seu logar* já com valor substitutivo, indicando a transferência de cargos em caráter de projeção virtual, e não necessariamente de projeção física. Essa segunda interpretação é propiciada pelo gênero textual, que tem caráter regulamentador, com função de indicar procedimentos.

Por fim, o dado (7) indica “em lugar de” circunscrito a uma sequência oracional. Nesse caso, a construção em destaque passa a ser recrutada em um novo contexto, cuja função é marcar a substituição de um procedimento pelo outro, o que é algo mais abstrato que os usos anteriores. Nesse dado, observa-se “aumento de intersubjetividade”, pois o conector é usado em uma cena de recomendação, ou seja, em que se deseja algum tipo de afetamento do interlocutor. Em termos morfossintáticos, “em lugar de” ganha *status* mais gramatical, justamente por ser agasalhado no rol dos conectores hipotáticos oracionais. Trata-se, portanto, de um uso em contexto isolado.

Abordagens e métodos

Na LFCU, as pesquisas podem adotar uma abordagem sincrônica, diacrônica ou ainda pancrônica. Na primeira, busca-se investigar, sobretudo, a gradiência linguística no que tange à multifuncionalidade e/ou à polissemia das construções que convivem em um mesmo estágio/período da língua. Conforme

vimos na última seção, o trabalho de Ramos (2019), desenvolvido nessa perspectiva, recorreu a sessenta textos do século XXI para a descrição dos usos de “aliás” no português brasileiro. Na abordagem diacrônica, intenta-se: a) explicar o surgimento de novas construções gramaticais na língua a partir da reinterpretação de material já disponível, seja ele de função lexical ou procedural; e b) descrever a mudança de construções já existentes, seja no plano formal, seja no funcional. Nesse sentido, os dados que apresentamos de Novo (2020), na seção anterior, atendem ao primeiro objetivo, na medida em que evidenciam o processo de construcionalização de “em lugar de”, que, hoje, figura no rol dos conectores do português. Por fim, na abordagem panocrônica, associam-se as duas perspectivas, isto é, almeja-se tanto descrever a trajetória da mudança linguística quanto a gradiência das construções. Esta última perspectiva é muito comum quando se analisam construções linguísticas cuja rota de mudança não resultou na obsolescência do(s) uso(s) anterior(es), na medida em que os diferentes sentidos e/ou funções convivem em um mesmo estágio da língua.

Os métodos de pesquisa podem ser variados, conforme os objetivos traçados na pesquisa – é possível, por exemplo, empregar metodologia experimental⁵ ou ainda fazer uso de *softwares* que, quando adequadamente configurados, fazem busca e análise de dados em *corpora*. No entanto, é importante frisar que a análise de dados empíricos pelo próprio analista é imprescindível. Sendo assim, toda pesquisa em LFCU deve compreender o levantamento e a seleção de dados em textos reais (nos diferentes gêneros e modalidades linguísticas), assim como a análise sistemática e criteriosa desses dados com base em fatores de natureza formal (fonológicos e morfossintáticos) e funcional (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais). Ou seja, o emprego de pesquisa

⁵ A metodologia experimental é desenvolvida pela abordagem psicolinguística. Um de seus objetivos é testar empiricamente alguma hipótese sobre o comportamento linguístico dos falantes, no que tange à produção e à percepção.

experimental ou de automação deve ser complementar, pois não substitui a análise individual das ocorrências, dada a sua complexidade e abrangência.

Sob essa ótica, a metodologia de pesquisa que se tem mostrado mais eficaz para o tratamento dos dados e, por isso, tem sido empregada recorrentemente em nossas pesquisas é o método misto, que se caracteriza pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa” (LACERDA, 2016, p. 85), sendo a primeira responsável pela análise interpretativa das ocorrências e a segunda pelo levantamento da produtividade das construções. Para nós, produtividade pode ser mensurada em termos de frequência de uso, tanto *type* quanto *token*, ou ainda de extensibilidade das construções. Bybee e Thompson (1997, p. 378) definem frequência *type* e *token* da seguinte maneira:

A frequência *token* está associada à quantidade de ocorrências de palavras particulares no texto, como “quebrado” ou “ter”, ou expressões específicas, como “eu não penso”. A frequência *type*, por sua vez, está associada à quantidade de itens lexicais diferentes aplicáveis a um certo padrão ou construção. Usando um exemplo morfológico, o morfema do passado simples regular *-ed*, no inglês, tem uma frequência *type* muito elevada porque se aplica a milhares de verbos diferentes. Já o padrão de mudança vocálica, exemplificado por *strung* e *stung*, tem uma frequência menor, pois se aplica a menos de vinte verbos. A frequência *type* em construções sintáticas contaria quantos itens distintos de uma determinada classe lexical ou gramatical (por exemplo, verbos) podem ser usados na construção.

A extensibilidade está associada à frequência *type* e também aos três tipos de expansão identificados por Himmelmann (2004, p. 32-33):

- a) “Expansão da classe hospedeira”: uma forma aumentará o alcance de suas combinações por meio da inclusão de novas estruturas (substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio). Esse é um aumento em frequência *type*.

- b) “Expansão sintática”: envolve a extensão a contextos mais amplos, e.g., de posições argumentais nucleares (tais como sujeito e objeto) a adposições (como os sintagmas direcionais e temporais).
- c) “Expansão semântico-pragmática”: uma forma apresentar novas polissemias em diferentes contextos semântico-pragmáticos.

Entendemos que a associação dos métodos qualitativo e quantitativo seja necessária para que se chegue a algum nível de generalização das construções linguísticas. Afinal, somente uma análise atenta de ocorrências variadas possibilita-nos separar o que é intrínseco à construção – isto é, identificar as propriedades próprias da construção – daquilo que é particular a um dado ou a um conjunto de dados.

Podemos observar a contribuição do método misto, por exemplo, nas duas pesquisas apresentadas na seção anterior. A extensibilidade semântico-pragmática é observável na pesquisa de Ramos (2019), que, por meio da análise de 226 ocorrências de “aliás”, chegou a sete diferentes valores semântico-pragmáticos, a saber: a) inclusão de argumentos; b) inclusão e propulsão; c) inclusão e realce; d) realce e propulsão; e) realce; f) retificação absoluta; e g) retificação parcial. Como sabemos, as construções linguísticas apresentam funções mais prototípicas e menos prototípicas. Estas últimas, por serem bem menos frequentes, tendem a ficar de fora da análise em um conjunto muito restrito de dados. A função *retificação absoluta*, por exemplo, apresenta uma única ocorrência em todo *corpus*. Transcrevemo-la abaixo, em (8), em que podemos perceber que “aliás” é empregado para retificar o termo “colônia”:

- (8) A vinda da família real portuguesa para o Brasil mudaria o curso da história. Os espaços seriam reorganizados. A sede do Império Português deslocou-se para a colônia. O Brasil se transformaria no coração dos domínios lusitanos, culminando com a “elevação” do território a

Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves, com capital sediada no Rio de Janeiro. Portugal e Brasil alteram suas relações, este último assumindo centralidade nas decisões políticas do Império. A transferência de todo o aparato administrativo para além-mar doou um novo contorno às relações entre metrópole e colônia; *aliás*, não mais colônia, e sim integrante de um Reino Unido. (Moreth, Dissertação/UFRJ, 2014, p. 25).

No trabalho de Novo (2020), por sua vez, a aplicação do método misto possibilitou à pesquisadora observar os três tipos de expansão descritos por Himmelmann (2004): a) Há expansão da classe hospedeira, na medida em que “em lugar de” passa a figurar no rol dos conectores do português; b) há expansão sintática, já que passa a estabelecer, com o tempo, a conexão hipotática; e c) há expansão semântico-pragmática, uma vez que, na trajetória diacrônica, “lugar” passa a veicular sentidos cada vez mais abstratos.

Vale ressaltar que o método misto requer planejamento. É preciso que o pesquisador submeta seus dados, sistematicamente, a um conjunto de fatores de ordem formal (fonológicos e morfossintáticos) e funcional (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais), já que temos como objetivo a descrição das propriedades construcionais. Tais fatores são apreendidos tanto a partir de uma revisão de literatura cuidadosa – isto é, observam-se as propriedades já levantadas por outros pesquisadores – quanto pela análise piloto dos dados – uma análise inicial permite-nos identificar propriedades potencialmente inerentes da construção em estudo, que serão futuramente aferidas em todos os dados selecionados.

Por fim, é importante chamar a atenção para o fato de que os critérios de análise devem se ajustar à abordagem da pesquisa. Nesse sentido, abordagens sincrônicas e diacrônicas (bem como as pancrônicas) valorizam certos conceitos/categorias funcionalistas em detrimento de outros/outras. As pesquisas diacrônicas, uma vez

que buscam identificar a origem e a evolução das construções linguísticas, costumam investir tanto no estudo dos contextos de mudança (DIEWALD, 2002; 2006) quanto na descrição dos mecanismos cognitivos envolvidos nesse processo, como a neoanálise e a analogização, por exemplo. Podemos observar essa escolha na pesquisa de Novo (2020). As mudanças contextuais descritas no Quadro 1 são observáveis na trajetória de construcionalização de “em lugar de” no português. A reincidência das inferências semânticas e pragmáticas iniciais levou à convencionalização de um novo pareamento de forma-função na língua, na medida em que “em lugar de” passou a atuar como um conector hipotático. Já as pesquisas sincrônicas voltadas para multifuncionalidade e/ou polissemia das construções linguísticas, como a de Ramos (2019), por sua vez, concentram-se em outros temas, como a gradiência e a variabilidade e/ou a competição pelo uso.

Temas atuais e novas direções

Em todas as suas vertentes, o funcionalismo sempre reconheceu uma investigação baseada no uso linguístico (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Por isso, na primeira fase dos estudos linguísticos (denominado funcionalismo clássico), era muito explícita a preocupação dos pesquisadores com os dados reais flagrados em *corpora* de língua oral ou escrita. De fato, pesquisar a língua em perspectiva funcionalista sempre supôs esse olhar voltado para os dados.

Mais recentemente, a partir da incorporação mais robusta do viés cognitivista (BATORÉO; OLIVEIRA; AGUIAR, 2021), as análises funcionalistas enriqueceram-se, pois, sem deixar de olhar os dados (o que continua altamente relevante e indispensável), a pesquisa também passou a voltar-se para aspectos mais virtuais ou abstratos das línguas, em uma visão mais holística dos fenômenos. Dessa forma, o desafio hoje é não só atestar como a língua se apresenta no discurso, mas também, cada vez mais, buscar explicações acerca de sua arquitetura na mente dos falantes.

A contribuição cognitivista também se observa na incorporação de testes psicolinguísticos e neurolinguísticos (ROSÁRIO; HILPERT, 2020) ao campo da pesquisa funcional. Por exemplo, o princípio da iconicidade, o conceito de analogia, o papel da metáfora e os parâmetros de transitividade, com forte repercussão nas pesquisas clássicas, hoje contam com sustentação calcada em experimentos, o que, sem dúvida, fortalece ainda mais o instrumental teórico-metodológico defendido pela LFCU. A esses pontos, assomam-se os *softwares* que auxiliam o pesquisador na análise estatística de grande quantidade de dados, como o Programa R⁶ e outros.

De outro lado, o advento da Gramática de Construções (GC), especialmente em suas vertentes mais ligadas ao uso, também permitiu um grande enriquecimento das investigações funcionalistas. A GC é um grande “guarda-chuva” multifacetado e complexo, com linhas de trabalho em franca ascensão em todo o mundo (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001). Ao incorporar esse aporte teórico, a linguística funcional passou a cultivar uma *visão construcional da gramática* (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Afinal, em termos práticos, a língua já não é mais vista como a união de elementos discursivos e gramaticais, mas como uma grande rede de pareamentos de forma e conteúdo, ou seja, um grande *constructicon*, formado por construções de diferentes naturezas e níveis, com distintos graus de esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Em nossa visão, o *constructicon* é permanentemente remodelado a partir da rotinização e da convencionalização dos usos linguísticos.

Essa perspectiva teórica acarretou um novo *modus operandi* no campo das investigações empíricas. Os trabalhos clássicos, baseados normalmente em itens do léxico e da gramática, estudados sob o escopo da *gramaticalização* e da *lexicalização* (HEINE *et al.*, 1991), passaram a ceder lugar aos estudos de *construcionalização* e *mudanças construcionais* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

⁶ Para mais informações, acessar: <https://www.r-project.org>.

Afinal, o olhar já não está calcado em mudanças unidirecionais de itens do léxico para a gramática (ou do menos para o mais gramatical), mas nas mudanças direcionais atestadas no campo das construções, em relações *top-down* e *bottom-up*.

Esses movimentos no interior da linguística funcional não a descaracterizam. Ao contrário, permitem refinamentos e atualizações importantes, mais consentâneos com o desenvolvimento da própria investigação científica, sem prescindir de sua essência, que é o estudo da língua em uso. Assim, funcionalismo, cognitivismo e gramática de construções constituem uma triangulação cada vez mais promissora, com forte potencial para o desenvolvimento das pesquisas que agora se voltam não só para os dados atestados empiricamente como também para os mecanismos cognitivos que permitem esses usos.

A LFCU, do modo como é praticada nas três sedes do D&G e também em outros centros de pesquisa no país, abriga uma série de investigações distintas. No D&G UFF, por exemplo, destacam-se os trabalhos envolvendo os conectivos e a conexão de orações, o estudo dos locativos e as relações coesivas estabelecidas por pronomes. Em outras sedes, estudam-se os mecanismos de transitividade, a intensificação, a relativização, as relações entre adjetivos e advérbios, a ordem dos constituintes na sentença, além de muitos outros temas. De forma geral, nossos estudos baseiam-se fortemente na morfossintaxe da língua portuguesa (mas também de outras línguas), sempre em associação com fatores semânticos, cognitivos e pragmáticos.

Além desses tópicos citados, muito ligados à morfossintaxe da língua portuguesa, a pesquisa atual também busca aprimoramentos no interior da própria teoria, como se verifica em Rosa (2019), por exemplo, que discute e refina os passos da mudança contextual, na proposição de que, além dos contextos fonte, atípico, crítico e isolado (DEIWALD, 2002; 2006), também se verificam *nanopassos* entre um contexto e outro. Outro trabalho igualmente importante nesse ponto consiste na proposição do conceito de *construcionalidade* (ROSÁRIO; LOPES, 2019),

que prevê uma aplicação do modelo diacrônico da construcionalização aos dados sincrônicos do português.

Sugestões de leitura e materiais

Nesta seção, apresentamos algumas referências bibliográficas para aqueles que desejam conhecer mais profundamente a LFCU. Tais sugestões indicam tanto textos de caráter mais geral, com o objetivo de introduzi-los a essa linha de pesquisa, quanto outros de natureza mais específica, voltados a temas caros à LFCU. As obras estão organizadas por ordem de sugestão de leitura.

- a) ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022.

De forma introdutória, mas não superficial, o objetivo deste livro é apresentar questões teóricas, metodológicas e de aplicação centrais à Linguística Funcional Centrada no Uso, desenvolvimento recente da Linguística Funcional norte-americana. Oferece aos seus leitores, futuros professores e pesquisadores da língua portuguesa, um material indispensável a sua formação. Organizado por Ivo da Costa do Rosário, com a colaboração de Mariangela Rios de Oliveira e Monclar Guimarães Lopes, apresenta linguagem acessível e tem como público-alvo estudantes de graduação e de pós-graduação interessados na área, em crescimento no Brasil.

- b) CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

É uma obra de caráter introdutório aos princípios funcionalistas em sua vertente norte-americana. Trata dos pressupostos funcionalistas clássicos, tais como iconicidade e marcação, transitividade e planos discursivos, informatividade, gramaticalização e discursivização,

entre outros. Por ser uma obra que agrega teoria e prática, também traz, em seu bojo, diversos exemplos de pesquisa desenvolvida nessa abordagem.

- c) MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Corresponde à primeira obra com divulgação da teoria e das pesquisas funcionalistas desenvolvidas sobre o português do Brasil. Trata, especificamente, dos fenômenos da gramaticalização e da discursivização.

- d) CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013.

Trata-se de uma das primeiras obras publicadas na nova vertente funcionalista: a LFCU. Apresenta seus conceitos básicos e suas categorias analíticas, bem como traz uma série de pesquisas desenvolvidas no país, algumas delas ainda desenvolvidas sob a perspectiva clássica do funcionalismo norte-americano.

- e) OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015.

Nessa obra, apresenta-se a nova vertente funcionalista com a qual trabalhamos: a LFCU. Busca-se estabelecer o casamento entre o funcionalismo clássico e a LFCU, por meio da compatibilização dos princípios funcionalistas e cognitivistas (em especial, com os pressupostos da abordagem construcional da gramática). Entre os assuntos tratados, destacamos: a) o estudo dos contextos de mudança; b) o emprego da abordagem construcional nos estudos de gramaticalização; e c) as motivações pragmático-discursivas da mudança linguística, entre outros.

- f) ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

Trata-se de um texto de referência na LFCU, amplamente citado nas pesquisas desenvolvidas no Brasil. Nesse artigo, os autores defendem a compatibilidade entre o funcionalismo clássico e a abordagem construcional da gramática, bem como apontam os ganhos teórico-metodológicos que esse casamento teórico tem propiciado na investigação linguística.

- g) HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh Textbooks on the English Language, 2014.

Nessa obra, Martin Hilpert apresenta os princípios básicos da gramática de construções. Trata-se de uma obra introdutória à abordagem construcional da gramática, redigida em linguagem bastante didática. Em seu bojo, temos contato com vários temas, dentre os quais destacamos: o conceito de construção, identificação das propriedades construcionais, aquisição da linguagem, processamento linguístico, variação construcional, entre outros.

- h) GOLDBERG, Adele. *A constructional grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

As obras acima são duas grandes referências a todos aqueles que estudam gramática de construções. As investigações de Goldberg sobre as construções de estrutura argumental representaram um grande avanço para a área, na medida em que nos possibilitaram identificar pareamentos de forma-função em construções altamente virtuais e es-

quemáticas, por exemplo, a construção ditransitiva [SUJ V OBJ1 OBJ2]. Além disso, a obra propõe uma série de generalizações e princípios construcionistas, a que fazem referência, até hoje, pesquisadores do mundo inteiro.

- i) CROFT, William. *Radical construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

Trata-se de uma obra bastante relevante em nossa área. Embora seja um livro destinado aos estudos tipológicos – e pouco desenvolvemos trabalhos em tipologia linguística no Brasil –, nele, Croft (2001) apresenta uma proposta para a identificação das propriedades formais (fonológicas e morfossintáticas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) das construções linguísticas, a qual vem sendo amplamente empregada nas pesquisas desenvolvidas no Brasil e no mundo.

- j) TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. United Kingdom: Oxford University Press, 2013.

Nesse livro, os autores apresentam um modelo de análise da mudança linguística em perspectiva construcional. Trata-se de uma obra de grande referência nos estudos desenvolvidos em LFCU, que busca a compatibilização entre os estudos diacrônicos desenvolvidos em perspectiva funcionalista e a abordagem construcional da gramática. Em breve, sairá uma versão brasileira da obra, traduzida pelas professoras Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) e Taísa Peres de Oliveira (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS).

- k) ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletras*, v. 37, p. 83-102, 2019.

Nesse artigo, os autores discutem uma proposta de aplicação sincrônica ao estudo da mudança linguística em perspectiva construcionista. Propõem um modelo analítico, associando os pressupostos teóricos da construcionalização e das mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) aos estudos que versam sobre variação, gradiência e gramaticalidade (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, entre outros).

- l) PEREK, Florent. Alternations as units of linguistic knowledge. In: PEREK, F. *Argument Structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015, p. 145-174.

Nesse capítulo, o autor aborda o tema da variação em perspectiva construcional. Mostra que, a despeito de defendermos a inexistência de construções completamente sinônimas, existem construções que são alternáveis em determinados contextos de uso, isto é, em situação de variação.

- m) BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

Nessa obra, a autora apresenta-nos os processos cognitivos de domínio geral que dão origem à estrutura linguística. Tais processos são bastante caros à pesquisa funcionalista, na medida em que são extensivamente verificáveis no processo de categorização e mudança linguística.

- n) BYBEE, Joan. *Language change*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

Nesse livro, a autora aborda os princípios e mecanismos envolvidos na mudança linguística. A obra traz, em seu bojo, vários temas, dentre os quais destacamos: a) processos e mecanismos na gramaticalização; b) rotas comuns na gramaticalização; c) mudança sintática e lexical, entre outros.

Referências

ANDERSEN, Henning. Actualization and the (uni)directionality. In: ANDERSEN, Henning (ed.). *Actualization: linguistic change in progress*. Amsterdam: Benjamins, 2001, p. 225-248.

BATORÉO, Hanna Jakubowicz; OLIVEIRA, Mariangela Rios; AGUIAR, Milena Torres. Apresentação “Funcionalismo e Cognitivismo: o viés cognitivista da gramática funcional”. *Soletras*, n. 41, p. 1-12, 2021.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Language change*. Reino Unido: Oxford University Press, 2015.

_____. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, Joan. L.; THOMPSON, S. Three frequency effects in syntax. *Berkeley Linguistics Society*, 23, p. 378-388, 1997.

CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2013, p. 13-40.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

DIEWALD, Gabriele. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: DIEWALD, Gabriele; WISCHER, Ilse (ed.). *New reflexions on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

_____. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, v. esp., 2006.

DU BOIS, John. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey; London: Lawrence Erlbaum, 2003, p. 47-87.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Byörn (eds.). *What makes grammaticalization?: a look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 2, n. 56, p. 251-299, 1980.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. esp., p. 83-101, 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NOVO, Idrissa Ribeiro. *Análise funcional das microconstruções conectoras substitutivas em lugar de, em vez de e ao invés de: um estudo pancrônico*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2020.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa. (orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015.

PEREK, Florent. Alternations as units of linguistic knowledge. In: PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015, p. 145-174.

RAMOS, Nice da Silva. *Usos semântico-pragmáticos de aliás: uma análise centrada no uso*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSA, Flávia Saboya. *A mesoconstrução marcadora discursiva refrador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; HILPERT, Martin. Apresentação “Gramática de Construções: reflexões teóricas e aplicações empíricas”. *Gragoatá*, v. 25, n. 52, p. 520-534, 2020.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Soletras*, v. 1, n. 37, p. 83-102, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; RAMOS, Nice da Silva. Aspectos morfossintáticos e usos semântico-pragmáticos de *aliás*: uma análise centrada no uso. *Confluência*, n. 58, p. 106-134, 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CAPÍTULO 3

Pesquisas sobre o português em uso: o PorUs

Jussara Abraçado
Nilza Barrozo Dias

*Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.*
(Manuel de Barros, 2016)

Introdução

Como o próprio nome explicita, temos por objeto de estudo uma língua particular em uso: o português. Mas o português não é apenas um. São vários. Os estudos que desenvolvemos contemplam uma ou mais variedades do português no mundo, baseados no entendimento de que o português é uma língua pluricêntrica com dois principais, mas não únicos, centros de interação: Brasil e Portugal.

Em nossas pesquisas, preocupamo-nos tanto com os aspectos funcionais e discursivos quanto com os aspectos cognitivos subjacentes aos fenômenos investigados. No que diz respeito aos

aspectos funcionais, tomamos como esteio os modelos centrados no uso, em especial, o funcionalismo, além da linguística centrada no uso e de propostas que envolvam a interação. No cerne desses estudos, lidamos com os fenômenos ligados à sintaxe, apontando para a gramaticalização de orações, para a modalização e avaliação das construções subjetivas, incluindo o valor semântico de impessoalização, para as relações de contraste na parataxe e na hipotaxe, para os usos da aposição extrapolando a sintaxe, além de construções variadas, que se destacam na mídia. Todos esses fenômenos podem ser observados em textos argumentativos, digitais e diacrônicos.

Em nossa abordagem dos aspectos cognitivos, interessa-nos, sobretudo, a relação entre cognição e gramática, na perspectiva teórica da linguística cognitiva, em especial, da gramática cognitiva e da sociolinguística cognitiva. No cerne dessa relação, estão fenômenos como tempo, modo e aspecto, dêixis, vozes verbais, topicalização, ordem de palavras, além de estudos de construções de diferentes naturezas.

Paralelamente às pesquisas, dedicamo-nos à constituição de um *corpus* da fala fluminense, por meio de gravações de áudio e vídeo, de conversas espontâneas. A constituição desse *corpus* está prevista no projeto Português falado nas regiões fluminense e mineira: constituição de um banco de dados, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos Linguísticos do Português em Uso – PorUs (<http://porus.sites.uff.br/>). Essa iniciativa visa a oferecer meios para o estudo de diferentes variedades fluminenses, uma vez que, diferentemente de alguns Estados – em que há muitos *corpora* e pesquisas linguísticas voltadas para regiões interiores –, no Rio de Janeiro, esse movimento é bastante tímido. Assim sendo, o projeto em questão tem por objetivo central a constituição de um banco de dados com amostras do português fluminense – falado nas regiões Serrana, Noroeste, Baixadas Litorâneas, Centro-Sul, Médio Paraíba e Metropolitana do Rio de Janeiro – e, adicionalmente, do português mineiro, falado na macrorregião da Zona da Mata. O projeto visa à constituição de

amostras de interação dialógica de microrregiões ou municípios das regiões fluminense e mineira, o que se dá com a gravação de fala espontânea em situações de interação, como em conversas informais entre familiares ou amigos e, ainda, entre moradores das pequenas regiões e donos de “vendas”, na compra de bens perecíveis ou de outros produtos para utilidade imediata. A consolidação desse projeto, que conta com registro e aprovação da Plataforma Brasil, subordina-se à linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística do Curso de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O trabalho que desenvolvemos conta com a parceria de colegas de outras universidades, também membros do PorUs: Prof^a. Dr^a. Maria Célia Lima Hernandes (Universidade de São Paulo), Prof^a Dr^a Amanda Heiderich Marchon (UFES) e Prof^a Dr^a Valéria Viana Sousa (UESB). No âmbito dessas parcerias, nossas atividades contam com a atuação de estudantes (doutorandos, mestrandos e graduandos) e buscam repercutir na vida acadêmica dos seus participantes de forma incisiva, seja na preparação de trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), seja no desenvolvimento de projetos de pesquisa e na produção científica de seus pesquisadores. Para tanto, mantemos relações estreitas com outros grupos de pesquisa que reúnem pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras, com destaque para: (i) Grupo de Pesquisa Galego e Português,¹ que reúne pesquisadores de três universidades brasileiras – Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo –, e de uma universidade espanhola, a Universidade de Santiago de Compostela; e (ii) Grupo de investigação português do Centro Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica de Braga,² que agrega pesquisadores de diferentes nacionalidades. Para incrementar tais relações, organizamos, periodicamente, eventos presenciais e remotos,

¹ Mais informações sobre o grupo podem ser obtidas em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7349916412336413>.

² Mais informações sobre o grupo podem ser obtidas em: <https://cefh.braga.ucp.pt/investigadores/>.

como reuniões de estudos, colóquios e seminários que visam a promover interação e troca de conhecimentos. Um dos eventos regulares e de maior impacto que promovemos é o Seminário de Estudos do Português em Uso. Em sua terceira edição, devido à repercussão das edições anteriores, decidimos pela ampliação do evento, para acolher o grande número de interessados, e pela publicação de um *e-book* contendo os trabalhos que, apresentados no evento em questão, foram avaliados e aprovados por uma comissão editorial constituída para esse fim. A quarta edição do evento, que deveria acontecer no segundo semestre de 2021, foi adiada em virtude da pandemia de SARS-CoV-2, causador da COVID-19. Contudo, a expectativa para essa edição é a de que seja mais abrangente e atraia um número maior de participantes do que as anteriores. Fato é que, além das contribuições efetivas para a área dos estudos linguísticos e ensino da língua, estudar o português em uso é também lidar com um objeto de estudo instigante e bastante atraente.

E-book Estudos sobre o português em uso



O *e-book Estudos sobre o português em uso*, organizado por Nilza Barroso e Jussara Abraçado, reúne os trabalhos apresentados no III Seminário de Estudos sobre o Português em Uso que foram selecionados em avaliação feita por pareceristas *ad-hoc*. Na obra, encontram-se pesquisas sobre o português em uso sob diferentes domínios e perspectivas teóricas, com uma vasta gama de fenômenos, de métodos de análise e de resultados de pesquisas recentes. O livro pode ser adquirido gratuitamente no site da editora: <https://editorapangeia.com.br/product/estudos-sobre-o-portugues-em-uso/>.

Conceitos básicos

Nas próximas seções, vamos discorrer brevemente sobre alguns conceitos basilares das pesquisas realizadas no âmbito do PorUs; são eles: pluricentrismo linguístico, linguística cognitiva e linguística funcional.

Pluricentrismo linguístico

A adoção de uma ou mais variedades do português como objeto de estudo respalda-se na noção de línguas pluricêntricas. De acordo com Clyne (1992, p. 1), as línguas pluricêntricas são “línguas com vários centros de interação, cada uma fornecendo uma variedade nacional com pelo menos algumas normas próprias (codificadas)”. Entre as várias línguas pluricêntricas, estão as línguas europeias dos antigos povos colonizadores. Neste contexto, o português ocupa um lugar proeminente, conforme explica Batoréo (2014, p. 3):

Entre as línguas europeias, o alcance do Português ocupa um lugar destacado (cf. BAXTER, 1992, SILVA *et al.*, 2011), sobretudo por ser (i) o idioma nacional de dois países (geograficamente distantes): Portugal e Brasil, (ii) a língua falada na qualidade de variedade(s) galega(s) na Galiza, em Espanha (podendo, porém, o Galego ser, eventualmente, considerado uma língua independente do Português apesar das raízes comuns no Galego-português) e (iii) a língua oficial numa série de países independentes, ex-colónias portuguesas em África (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe) e na Ásia (Timor-Leste).

Associados ao conceito de língua pluricêntrica, estão os de variedade dominante e de variedade não dominante. Com base nas observações de Clyne (1992) e Muhr (2012), a distinção entre variedades dominantes e não dominantes estabelece-se na relação de poder que se verifica entre as diferentes nações que compartilham a mesma língua e, ainda, refere-se a centros primários e secundários de definição e de difusão de normas.

Em geral, as variedades dominantes coincidem com aquelas faladas em países mais poderosos e com maior população. As variedades não dominantes, por sua vez, são as variedades próprias de todos os outros países que compartilham a língua em questão e, na maioria das vezes, são também as “mais jovens”. É o que ocorre, por exemplo, com línguas como chinês, holandês, alemão, francês, grego e sueco, em que se verifica uma “pluricentricidade assimétrica”. Distintamente, em línguas como o árabe e o inglês, observa-se uma “pluricentricidade simétrica” (ao menos em relação às principais variedades).

Como se pode concluir, a relação entre as variedades das línguas pluricêntricas pode diferir consideravelmente de língua para língua. No caso específico do português, as variedades “mais jovens”, especialmente a brasileira, possuem populações maiores do que a “variedade mãe”.

Linguística cognitiva

De acordo com Geeraerts (2007), as teorias em linguística tendem a ser uma ilha, a constituírem uma entidade conceptual e sociológica por direito próprio, com apenas um número limitado de pontes, praças ou até mesmo de campos de batalha compartilhados com outras abordagens. À luz dessa metáfora, a linguística cognitiva (doravante LC) toma a forma de um arquipélago em vez de uma ilha, uma vez que se constitui um aglomerado de muitas abordagens parcialmente sobrepostas. Sendo assim, nós podemos nos perguntar acerca da unidade dessas abordagens, ou seja: quais os liames que unem as diversas ilhas que compõem o arquipélago da LC? A resposta está nas características comuns e perspectivas fundamentais compartilhadas pelas abordagens que se reúnem sob o rótulo de *linguística cognitiva*. Todas elas compartilham um princípio básico: a linguagem é toda sobre significado.

A LC concebe a língua como maleável, buscando atender às reais necessidades dos falantes, e, desse modo, à visão de que o significado linguístico é um produto das formas linguísticas

isoladas é rechaçada. Para a LC, o significado corresponde à forma de se interpretar o mundo, envolve construções mentais, conhecimento enciclopédico e experiências humanas. É dinâmico e flexível, estando sujeito a mudanças, uma vez que a língua está sempre em evolução, e a adequações aos propósitos comunicativos de seus usuários. Sob a perspectiva da LC, como não poderia deixar de ser, “a relação entre linguagem e mundo é mediada pela cognição. O significado é entendido como uma construção cognitiva por intermédio da qual o mundo é apreendido e experienciado” (ABRAÇADO; CASTRO, 2020, p. 207). Nesse viés, as palavras orientam a construção do sentido, mas não detêm os significados em si, uma vez que o significado é uma espécie de

construção mental, num movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, o que se dá via interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais (SILVA, 2015).

Linguística funcional e interfaces

A abordagem funcionalista tem como ponto de partida a visão de que a língua é um instrumento de comunicação, dando relevo, portanto, à investigação de construções linguísticas em situações de uso. Considera-se que a gramática se encontra na composição de enunciados (tudo que se fala e escreve em situação de uso) e que a moldura pragmática molda o sentido tanto na emissão quanto na recepção dos enunciados. Na incursão pela gramática, que se dá pela vivência da linguagem, selecionamos um objeto de investigação carregado de significado e de poder, acomodado pelos participantes nos processos que se combinam na interação, mas que não devem ser pensados em moldes fixos para sua categorização e funcionamento (NEVES, 2018; CASTILHO, 2010). Tal categorização é parte da gramática do ser humano que tende a classificar, juntar, relacionar, comparando e destacando elementos compartilhados pelo objeto investigado com construções já existentes na língua. Em estruturas discursivas

mais frouxas (a frequência pode determinar a frouxidão com o uso), as construções (pareamento de forma e função) podem se gramaticalizar e migrar para uma outra categoria.

Na sequência das interfaces possíveis, pode-se apontar a Linguística Centrada no Uso (LCU), de Bybee (2016), em que, para a autora, toda língua “exibe estrutura aparente e regularidade de padrões, ao mesmo tempo, mostra variação considerável”, comparável à metáfora de dunas de areia (BYBEE, 2016, p. 17).

As dunas de areia têm regularidades aparentes de formato e estrutura, contudo elas também exibem considerável variação entre instâncias individuais, assim como gradiência e mudança ao longo do tempo. [...] A língua também é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis: as línguas diferem umas das outras, embora sejam notoriamente moldadas pelos mesmos princípios [...]

A gramática é, então, “pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua” (BYBEE, 2016, p. 28), de sorte que ela possa ser vista em níveis, unidades e processos que criam enunciados. Para se entender os níveis de abstração encontrados em uma gramática, faz-se necessário construir a análise via categorização de exemplares similares de uso em representações mais abstratas (BYBEE, 2016; LANGACKER, 2000). Assim, os processos dinâmicos que criam a língua podem permitir compreender a estrutura linguística a partir dos processos de domínio geral, operantes em áreas da cognição, tais como categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. O estudo das mudanças linguísticas operadas pela gramaticalização nas construções faz-se por mecanismos de mudança, cujo efeito acumulativo leva à criação de novas construções. Somos capazes, então, de analisar o surgimento de uma construção/estrutura em um sistema adaptativo complexo (DIAS; RAMOS; PACHECO, 2020; DIAS; CORRÊA, 2020).

Ainda com base em modelos centrados no uso, podemos enfatizar o diálogo funcionalista com a argumentação discursiva, numa interface discurso *versus* gramática, proposta por Thompson e outros pesquisadores de universidades da Califórnia.

A gramática é uma forma de interação entre os indivíduos, pois é parte da essência da própria interação, sendo inerentemente interacional e se desenvolvendo momento a momento na produção de uma fala. Além disso, a gramática organiza a interação porque coordena os elementos linguísticos em elocuições que constituem o discurso, sendo também modelada por ele (OCHS; SCHEGLOFF; THOMPSON, 1996).

O trabalho tem-se desenvolvido na investigação de articulação de orações em contextos argumentativos, verificando a inter-relação da gramática (a parataxe, a hipotaxe adverbial e o encaixamento) com a argumentação discursiva (a tese e os movimentos argumentativos de sustentação).

No trabalho a seguir, encontramos uma relação entre posição na argumentação discursiva e construções subjetivas deónticas.

Este estudo mostrou, em discursos proferidos por dois deputados na ALERJ, o papel do uso de construções subjetivas deónticas com verbo *ser* + *necessário* na defesa dos pontos de vista dos parlamentares. Todas as ocorrências encontradas estavam na ordem preferencial e não marcada oração matriz + oração completiva subjetiva. Identificamos, na argumentação dos deputados, a tese como o lugar preferencial para ocorrência de construções subjetivas deónticas. Como essas construções expressam o posicionamento/a tese do falante em direção à necessidade de execução da ação descrita na oração completiva subjetiva, seu instanciamento na argumentação dos parlamentares é coerente com a posição defendida por eles. Por meio do componente argumentativo posição/tese (Schiffrin, 1987), o parlamentar sinaliza a *conduta* a ser seguida (VIEIRA; DIAS, 2019).

Abordagens e métodos

Valemo-nos de análises baseadas em *corpus*, que é o método empírico mais genuinamente linguístico. Além do banco de dados do próprio PorUs, Amostra de fala fluminense (<http://porus.sites.uff.br/banco-de-dados/>), recorremos a outros bancos de dados, tais como: O *corpus* do português (<https://www.corpusdoportugues.org/>); *Corpus* brasileiro (<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>) etc., além de *corpora da web*, constituídos a partir de coletas em redes sociais e diferentes *sites* da internet.

Dependendo do fenômeno investigado, além da análise de caráter descritivo-explicativo, lançamos mão de técnicas e modelos quantitativos de análise dos dados. Os dados, por sua vez, sejam da modalidade oral, sejam da modalidade escrita, são sempre provenientes de situações de língua em uso.

Pesquisas sobre o português em uso realizadas no âmbito do PorUs

São diversos os fenômenos do português em uso investigados no âmbito do PorUs. Para citar apenas alguns, destacamos os objetos de estudo dos projetos *Conexão de orações: diálogos e Vertentes* e *Construções contrajuntivas não prototípicas em variedades de língua portuguesa: brasileira, angolana, moçambicana e portuguesa* (coordenados pela profa. pesquisadora Nilza Barrozo Dias), e *Padrões de voz nas variedades brasileira e europeia do português: visões alternativas de uma situação* e *A expressão do futuro nas variedades do português de Portugal, Brasil, Angola, Cabo verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe* (coordenados pela profa. pesquisadora Jussara Abraçado). Para além desses, ressaltamos pesquisas mais recentes dedicadas a fenômenos como tempo, dêixis, conectivos, articulação de contraste e construções de naturezas diferentes, como se pode constatar a seguir:

- » *Opiniões em confronto: as cláusulas hipotáticas finais como estratégia argumentativa*. Pesquisa pós-doc de Amanda Heiderich Marchon (2021).
- » *O sistema braille e a compreensão de frames discursivos por cegos congênitos*. Pesquisa pós-doc de Hylea de Camargo Vale Fernandes Lima (2017).
- » *Conexão de cláusulas e argumentação: uma proposta de interface gramática e interação*. Pesquisa pós-doc de Amitza Torres Vieira (2017).
- » *Usos e funções de “mesmo” no português amazonense sob a perspectiva da linguística cognitiva*. Tese de doutorado de Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante (2021).
- » *Frame de finalidade: a projeção de eventos futuros no âmbito da realidade potencial*. Tese de doutorado de Melina Célia e Souza (2019).
- » *Dêiticos de Lugar e Esquemas Imagéticos em Amostras de Fala do Galego, Português Europeu e do Português Brasileiro Contemporâneos*. Tese de doutorado de Rachel Maria Campos Menezes de Moraes (2018).
- » *Construções com o verbo passar: mudança construcional em perspectiva funcional*. Tese de doutorado de Geisa Maria Jayme Jordão (2017).
- » *A construção [pagar de] em postagens no microblogging twitter*. Dissertação de mestrado de Eduardo Santana Moreira (2021).
- » *As construções “em vez de” e “ao invés de”: níveis de substituição*. Dissertação de mestrado de Leandro Horta (2021).
- » *A ordem das orações nas construções subjetivas com verbo + nome*. Dissertação de mestrado de Angelina Maganha G. da Silva (2021).
- » *Os usos da construção “na verdade”*. Dissertação de mestrado de Vanessa Barbosa de Almeida (2021).

- » *Usos do presente do indicativo em referência a eventos no presente, passado e futuro nas variedades do português de Portugal, Brasil, Moçambique e Angola sob a perspectiva da linguística cognitiva.* Dissertação de mestrado de Thalita Amil do Carmo (2021).
- » *A construção subjetiva deôntica e a argumentação discursiva.* Dissertação de mestrado de Gilson Lauri Pereira de Menezes Junior (2020).
- » *Os tipos de contexto da microconstrução acontece que no português contemporâneo.* Dissertação de mestrado de Priscila Hoelz Pacheco (2020).
- » *A construção “Acontece que” no português brasileiro contemporâneo: uma análise baseada no uso.* Dissertação de mestrado de Karina Correa (2019).
- » *O fenômeno da dêixis como estratégia de persuasão em peças publicitárias.* Dissertação de mestrado de Paulo Victor Almeida Galvão (2019).
- » *A construção mas quando paraense.* Dissertação de mestrado de Érica Reis (2018).
- » *Variação linguística na redação de alunos de 1º ano do ensino médio.* Monografia de Otavio Souza de Oliveira (2020).
- » *A construção acontece que.* Monografia de Priscilla Hoelz Pacheco (2017).
- » *A construção subjetiva na argumentação.* Monografia de Leandro Horta (2017).
- » *A interface cláusulas de finalidade e argumentação discursiva.* Monografia de Gilson Lauri (2017).
- » *A voz reflexiva no português brasileiro e europeu e suas particularidades em termos de conceptualização.* Pesquisa de Iniciação Científica de Paola Vitoria de Lana Melo de Carvalho (2021).

- » *As construções contrastivas não prototípicas em variedades de língua portuguesa: brasileira, angolana, moçambicana e portuguesa.* Pesquisa de Iniciação Científica de Luiza Moretzsohn (2021).
- » *A voz média no português, brasileiro, europeu, angolano, caboverdiano, moçambicano, guineense e santomense.* Pesquisa de Iniciação Científica de Matheus Barbosa Namen (2020).
- » *A construção subjetiva avaliativa no português do Brasil, num viés pancrônico.* Pesquisa de Iniciação Científica de Bárbara Vivas (2019).
- » *Construções contrajuntivas não prototípicas em língua portuguesa.* Pesquisa de Iniciação Científica de Luckas Catojo (2018).
- » *A esquematização da construção subjetiva.* Pesquisa de Iniciação Científica de Matheus Ribeiro (2018).
- » *As formas de referências ao tempo futuro em situações de interação: levantamento e análise.* Pesquisa de Iniciação Científica de Alexsander Carneiro Tinoco (2017).

Temas atuais e novas direções

Atualmente, têm sido temas de estudo, no âmbito do PorUs, construções idiomáticas no português; vozes verbais, construção do tempo; o valor semântico contrastivo e sua realização em articulações oracionais não prototípicas; modalidade e (inter) subjetividade na conexão de orações; e pluricentrismo linguístico. Como trabalhamos com língua em uso, a análise de todos esses fenômenos baseia-se em dados da modalidade oral ou escrita do português em uso.

Breve descrição de como são realizadas as pesquisas no âmbito do PorUs

Após a escolha do objeto de estudo, o estudante deve procurar ocorrências do fenômeno em questão em bancos de dados. Sugerimos alguns: Núcleo de Português em Uso (www.sites.porus.uff.br), *Corpus* do Português (www.corpusdoportugues.org), jornais e revistas de grande circulação, Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp. Em seguida, passamos à catalogação e categorização dos dados, em que o estudante observa as ocorrências do fenômeno em um co(n)texto, verificando como ele se comporta, ou seja, quais usos são mais recorrentes até chegar ao exemplar de menor frequência. Todas as ocorrências encontradas são analisadas, utilizando-se um arcabouço teórico adequado.

Referências

- ABRAÇADO, Jussara; CASTRO, Tainara Pinheiro de. Usos e funções de *Praticamente*: de Advérbio de Modo a Angulador. *Confluência*, n. 59, p. 201-223, jul./dez. 2020.
- BATORÉO, Hanna. Que gramática(s) temos para estudar o português língua pluricêntrica? *Revista Diadorim*, v. 16, p. 1-15, 2014.
- BAXTER, Alan Norman. Portuguese as a pluricentric language. In: CLYNE, Michael; GRUYTER, Walter de (eds.). *Pluricentric languages: differing norms in different nations*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1992, p. 11-23.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLYNE, Michael. Pluricentric languages: introduction. In: CLYNE, Michael (ed.). *Pluricentric languages: differing norms in different nations*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1992, p. 1-10.
- DIAS, Nilza Barrozo; CORRÊA, Karina da Silva. O valor contrajuntivo de “acontece que”. *Revista Confluência*, n. 59, p. 1-24, 2020.

- DIAS, Nilza Barrozo; RAMOS, Jocineia Andrade; PACHECO, Priscilla Hoelz. Construções contrastivas “acontece que” e “logo eu”. *Revista Contextos Linguísticos*, v. 14, n. 28, p. 4-6, 2020.
- GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- HILPERT, Martin. *Constructional change in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- LANGACKER, Ronald. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 2000.
- MUHR, Rudolf. Linguistic dominance and non-dominance in pluricentric languages: a typology. In: MUHR, Rudolf (ed.). *Non-dominant varieties of pluricentric languages: getting the Picture*. Wien: Peter Lang, 2012, p. 23-48.
- NEVES, M.H. Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: EdUnesp, 2000.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- OCHS, Elinor; SCHEGLOFF, Emanuel; THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Interaction and grammar*. Cambridge: University Press, 1996.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, Elaine Pereira da. *Internet tipo net: um estudo da palavra tipo com ênfase na função anguladora*. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- VIEIRA, Amitza; DIAS, Nilza Barrozo. Construções subjetivas deônticas e argumentação: uma proposta de interface gramática e interação. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 20, n. 2, 2019.

CAPÍTULO 4

Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos

Solange Vereza

Fernanda Cavalcanti

Introdução

A palavra “metáfora” deriva do termo grego *metaphorá*: *meta*, que significa “sobre”, e *pherein*, que tem o significado de “transporte”, “transposição” ou “transferência”. No caso específico da metáfora, a transferência se daria do sentido literal de uma palavra para o sentido (figurado) de outra. Esse significado de metáfora está também presente na definição proposta por Aristóteles (2015), no capítulo XXI (7) da *Poética*: “A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra”. Dos três tipos de “transposição” descritos pelo filósofo – transposição do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra, por analogia – apenas a última (transposição de caráter analógico) se aplicaria ao que entendemos hoje como sendo “metáfora”.

O que a visão tradicional – que ainda parece predominar no senso comum – herdou da visão aristotélica, além do sentido etimológico, é a própria categorização da metáfora como uma “figura” de linguagem ou de estilo; ou seja, “um ornamento” – *ornatum* – cujo uso deveria ser “apropriado” e “parcimonioso”

na prosa retórica, pelo seu efeito de “frivolidade” e pela sua clara vinculação ao discurso poético, conforme aparece no livro III da *Retórica* (ARISTÓTELES, 2019, p. 3).

Ainda sob a perspectiva tradicional, a metáfora ocorreria a partir de uma semelhança entre o que hoje chamamos “domínios” (domínios A e B), que estaria na base de uma comparação entre eles. Em *Julieta é o sol*, metáfora clássica da obra de Shakespeare, por exemplo, a semelhança entre Julieta e o sol estaria no brilho deste último e em sua capacidade de “trazer vida”, e não em seu formato, tamanho ou cor.¹ Um outro atributo da metáfora, nessa mesma visão, seria a possibilidade de ela ser substituída por uma expressão literal, sem que houvesse mudança de sentido.

Os filósofos Richards (1936) e Black (1962), já no século XX, desafiaram a hegemonia desses postulados, introduzindo a que hoje é conhecida como “teoria interacional da metáfora”. No entendimento dos autores, a função da metáfora não seria a de um “ornamento” ou “desvio” de um sentido (literal), uma vez que geraria um efeito cognitivo que não poderia ser reproduzido, fielmente, por uma substituição ou paráfrase literal. Dizer, por exemplo, que “recebi uma enxurrada de mensagens” não seria exatamente o mesmo que dizer “recebi um grande número de mensagens”. O efeito do primeiro enunciado, em nível cognitivo, não se daria apenas pela hipérbole em si, mas pela “transposição” da quantidade de água para a quantidade de mensagens. A semelhança entre os domínios, segundo a teoria da interação, não precederia à metáfora, mas seria criada por ela própria. Dessa forma, é na *interação*, e não na comparação entre possíveis semelhanças pré-existentes entre “A” e “B”, que o efeito cognitivo é produzido.

¹ A metáfora é usada no seguinte trecho de *Romeu e Julieta* (ato 2, cena 2), na fala de Romeu: “Qual é a luz que brilha através daquela janela? é o oriente, e Julieta é o Sol. Ergue-te, ó Sol resplandecente, e mata a lua invejosa, que já está fraca e pálida de dor ao ver que tu, sua sacerdotisa, és mais bela do que ela própria”. Disponível em: <https://citacoes.in/citacoes/935927-william-shakespeare-mas-devagarinho-qual-e-a-luz-que-brilha-atraves/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

A radicalização do redimensionamento do papel cognitivo da metáfora foi responsável pelo que é considerado, por muitos estudiosos – por exemplo, Zanotto *et al.* (2002) –, uma quebra de paradigma nos estudos da metáfora: a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC). Formalizada, em seus conceitos e postulados fundadores, na obra *Metaphors we live by* (1980),² de George Lakoff e Mark Johnson, a TMC está na base de uma área de pesquisa em que a metáfora, na perspectiva cognitiva e, mais recentemente, cognitivo-discursiva, vem reinando como objeto, cada vez mais produtivo, de investigação.

Curiosidades

No vídeo intitulado *George Lakoff on how he started his work on conceptual metaphor, particularly the 'LOVE IS A JOURNEY' metaphor*,³ o autor explica como teria se iniciado o seu entendimento acerca da natureza cognitiva da metáfora. Relata que, em 1978, durante um seminário de verão sobre artes e performances linguísticas, por ele organizado, na Universidade de Berkeley, uma aluna chegou chorando em sua aula, em que iriam, justamente, discutir metáfora. Ele começa a aula, então, perguntando a seus alunos o que acharam do texto sobre metáfora que teria recomendado a leitura. A aluna que chorava disse que estava muito abalada por estar tendo problemas com seu namorado e que, talvez, todos da sala poderiam lhe ajudar a entender o que estava acontecendo. Relata, então, que, a caminho da aula, seu namorado lhe teria dito que: “nosso relacionamento está num beco sem saída”. Lakoff explica, então, a sua aluna que, se um relacionamento encontra-se em “um beco sem saída”, ele não teria mais como avançar, tendo como única solução dar meia volta e retornar.

² O livro foi traduzido para o português, em 2002, pelo Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), coordenado por Mara Sophia Zanotto. A versão em português recebeu o título *Metáforas da vida cotidiana*, e foi publicado pela EDUC/ Mercado de Letras.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Eu-9rpJITY8>. Acesso em: 4 mar. 2021.

Durante essa explicação, percebe que, no inglês, havia muitas expressões que relacionavam amor e viagem. Ao compilar uma lista dessas expressões usadas pelos norte-americanos para se referirem a problemas em seus relacionamentos amorosos, constata que, com base nessas expressões, seria possível encontrar um significado geral: AMOR É VIAGEM. O linguista passa, então, a levantar hipóteses que o levariam ao desenvolvimento da TMC, a saber: as expressões linguísticas semanticamente relacionadas a um domínio da experiência tal qual VIAGEM, e usadas para se referirem a domínios abstratos como AMOR, seriam licenciadas por uma metáfora superordenada, no nível do pensamento, a metáfora conceptual.

Conceitos-chave e linhas teóricas

O redimensionamento do papel cognitivo da metáfora deu-se a partir de um corpo teórico constituído, principalmente, pelos seguintes conceitos: metáfora conceptual (MC), domínios (fonte e alvo), mapeamentos metafóricos e metáfora primária.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) afirmam que a abordagem cognitiva da metáfora nasceu da percepção de que teorias semânticas dominantes, no âmbito da filosofia e da linguística, não lhes permitiam discutir o modo com que as pessoas produzem significados a partir de suas experiências na vida cotidiana. Tais teorias semânticas, *grosso modo*, abordam a necessidade humana de conhecer o mundo e/ou atribuir-lhe significado, seja a partir do funcionamento de uma razão objetivista, para além do sujeito, seja a partir de uma razão subjetiva, eminentemente humana.

Embora não rompam radicalmente com o objetivismo e subjetivismo, por considerarem possível o acesso ao mundo e atribuírem características também humanas à razão, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) formulam uma teoria semântica alternativa, de base “experencialista”, que contempla a relação continuada e interacional entre ser humano e ambiente, mundo interno e externo, mente e corpo. Ou seja, os autores fincam as bases

dessa teoria alternativa, que viria a ser conhecida como teoria da metáfora conceptual, no “paradigma experiencialista”, para o qual o pensamento e a linguagem do ser humano surgem da sua experiência com o mundo físico e sociocultural. Em outras palavras, as estruturas que integram o nosso sistema conceptual emergem da interação entre a natureza de nossos corpos, definida pelo caráter específico do aparato sensório-motor, e o ambiente físico e sociocultural.

Um aspecto importante do experiencialismo, que diz respeito diretamente à metáfora, é a natureza imaginativa do pensamento, sobre a qual Lakoff (1987, p. xiv-xv, tradução nossa), afirma que:

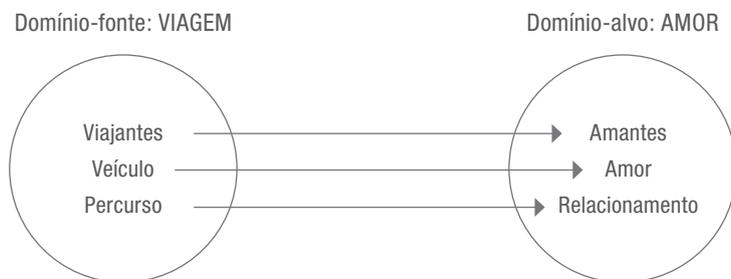
O pensamento é imaginativo na medida em que os conceitos que não emergem diretamente da experiência corpórea apoiam-se na metáfora, na metonímia e em imagens mentais, que vão além do espelhamento literal, ou representação, da realidade externa. É essa propriedade imaginativa que permite o pensamento “abstrato” e leva a mente para além do que podemos ver e sentir.

Nessa perspectiva, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) instalam a linguagem no âmbito de uma cognição corporificada, de caráter não modular, envolvendo processos fundamentalmente estruturados por recursos imaginativos, como a metáfora. Assim sendo, os autores deslocam tais recursos imaginativos, considerados por teorias semânticas objetivistas como essencialmente linguísticos, do âmbito da linguagem para o do pensamento, atribuindo-lhes caráter conceptual.

Nesse sentido, a metáfora é abordada como recurso cognitivo por meio do qual compreende-se algo em termos de outro. O funcionamento de tal recurso seria baseado no estabelecimento de correspondências (ou mapeamentos) entre dois domínios (i) domínio fonte, de natureza mais concreta; e (ii) domínio-alvo, de natureza mais abstrata e menos delineável. Têm-se, por exemplo, as expressões linguísticas (i) *penso que esse relacionamento não chegará a nenhum lugar*; e (ii) *temos que seguir caminhos separados*. Essas expressões, de acordo com a TMC, seriam motivadas – ou

“licenciadas” – pela metáfora conceptual AMOR É VIAGEM,⁴ em que AMOR seria o domínio-alvo e VIAGEM, o domínio-fonte, como ilustrado na Figura 1 abaixo:

Figura 1. Mapeamentos de AMOR É VIAGEM



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os mapeamentos, como os da Figura 1, seguem o princípio da unidirecionalidade (GRADY, 1997) entre domínio-fonte e domínio-alvo, ou seja, a projeção semântica dá-se, necessariamente, do domínio-fonte para o domínio-alvo, e nunca ao contrário, pois isso resultaria em outra metáfora.

Voltando à MC AMOR É VIAGEM, nem todos os elementos do domínio-fonte VIAGEM são projetados para o domínio-alvo AMOR, por exemplo. Dito de outra forma, a partir do processo de projeção em que “se realçam e se escondem” (*highlighting and hiding*) elementos no domínio-fonte VIAGEM, elementos como “passaporte” ou “agência de viagens” são raramente realçados, contrariamente ao elemento “percurso”, que, frequentemente, o é.

Por outro lado, o processo de projeção aponta para os graus de convencionalidade de uma MC (KÖVECSSES, 2010), ou seja, quanto mais convencionalizados forem os mapeamentos de uma MC, mais automatizado será o seu acionamento por parte dos falantes; ao contrário dos mapeamentos novos, cujo acionamento

⁴ Na linguística cognitiva, convencionou-se grafar metáforas e domínios conceptuais em caixa-alta.

é mais consciente, até mesmo deliberado (STEEN, 2011), por parte dos falantes.

O caráter dinâmico das MCs aponta, igualmente, para o fato de que domínios-alvo, como AMOR, podem ser mapeados a partir de diferentes domínios-fonte, a exemplo da MC AMOR É FOGO, evocada em *O amor é fogo que arde*, no poema de Camões (2002).

A partir dessa perspectiva cognitiva de metáfora, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) propõem a seguinte classificação:

1. Metáfora estrutural constitui-se de domínio-fonte que fornece rede complexa/conceptual de elementos a ser projetada no domínio-alvo. Além da MC AMOR É VIAGEM, examinada anteriormente, que seria um caso de metáfora estrutural, tem-se, como um outro exemplo, a MC DISCUSSÃO É GUERRA. Nessa metáfora, os elementos “combatentes”, “armas” e “campo de guerra” do domínio-fonte GUERRA, ao serem mapeados para os elementos “debatedores”, “argumentos” e “discussão” estruturantes do domínio-alvo DISCUSSÃO, licenciam frases como “destruí todos os seus argumentos”; “com seu talento em focar bem o alvo, ele atacou todos os pontos fracos de minha argumentação”.

2. Metáfora ontológica constitui-se de domínio-fonte que fornece rede conceptual menos complexa, cujos elementos apresentam natureza mais corporificada, dada a sua relação com a experiência de manipulação de objetos físicos. Esses elementos são projetados no domínio-alvo na conceptualização de eventos, ideias, atividades, emoções em termos de entidades físicas. Dessa forma, a MC ELEMENTOS ABSTRATOS SÃO OBJETOS FÍSICOS permite a delimitação de emoções (amor, felicidade) e outros fenômenos e/ou eventos abstratos (inflação, mente) em termos de objetos físicos para que possamos pensar, falar e agir sobre eles: “o seu amor me completa” (AMOR É CONTEÚDO DE UM RECIPIENTE), “a minha mente não está funcionando bem hoje” (MENTE É MÁQUINA).

3. Metáfora orientacional constitui-se em domínio-fonte que fornece rede conceptual menos complexa, cujos elementos apresentam natureza mais corporificada, dada a

sua relação com a nossa experiência basilar de ocupação e orientação espacial. Assim, elementos, como frente/trás, em cima/embaixo e centro/periferia, são projetados para o domínio-alvo na conceptualização de emoção e valores. Tem-se, como exemplos, as MC BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO, licenciando expressões como “ela atingiu um alto posto na firma”; “ele está se sentindo por baixo em sua carreira”; e a MC FELICIDADE É PARA CIMA, licenciando “hoje acordei de alto astral”.

Outra classificação que representou uma contribuição teórica importante para a TMC foi a proposta por Grady (1997) entre metáforas complexas e primárias, considerando estas a base daquelas. Metáforas como PESSOAS SÃO ALIMENTOS e TEORIA É CONSTRUÇÃO são, por ele, consideradas complexas, uma vez que suas bases seriam as metáforas primárias ACEITAR É ENGOLIR e ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA, respectivamente.

Com efeito, para o autor, a base de uma metáfora constituiu-se de experiências corpóreas mais simples e delimitáveis, isto é, de mapeamentos de conceitos primários supersimplificados que emergem da interação entre o aparato sensorio-motor da criança e seu meio físico restrito e localizado. Dessa forma, as metáforas primárias AFETO É CALOR, INTIMIDADE É PROXIMIDADE e COMPREENDER É AGARRAR, por exemplo, resultariam de mapeamentos entre os conceitos primários estruturados pela experiência da criança ao: (i) engolir algo, (ii) manipular objetos e (iii) estar próxima do corpo da mãe, de um lado; e os conceitos primários alvo relativos ao julgamento subjetivo por parte da criança, (i) de prazer, (ii) de peso/leveza e (iii) de conforto e proteção, de outro lado.

Em suma, o que todas as metáforas conceptuais têm em comum é o fato de serem estruturadas por uma série de mapeamentos entre dois domínios cognitivos: fonte e alvo. Tais mapeamentos atendem à classificação de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), segundo a qual, para domínio-fonte estruturado por

elementos de natureza sobretudo complexa/conceptual, tem-se uma metáfora estrutural; para domínio-fonte estruturado por elementos de natureza sobretudo corporificados, têm-se metáforas orientacionais e ontológicas.

Tal classificação, segundo Grady (1997), teria como base metáforas primárias resultantes de interações pré-conceptuais de uma criança com seu meio restrito e localizado, o que as tornam de caráter universalizante e menos dinâmicas, se comparadas aos tipos de metáforas introduzidos por Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

Para concluir, ao deslocarem a metáfora do âmbito da linguagem para o do pensamento corporificado, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) alçam a metáfora ao lugar de centralidade no processo de conhecimento humano, atribuindo, a este, um caráter imaginativo.

A pesquisa em metáfora: abordagens e métodos

A perspectiva cognitiva da metáfora, que a desloca do âmbito da linguagem para o do pensamento – entendido como sistema conceptual –, abre caminho para uma linha de pesquisa significativamente diferente da que era tradicionalmente desenvolvida anteriormente e que tinha como foco o que passou a ser concebido como “expressão linguística metafórica”. Na nova abordagem, a metáfora conceptual, subjacente a tais expressões, seria o que realmente importava, uma vez que a linguagem seria o “topo de um *iceberg* cognitivo espetacular” (FAUCONNIER, 1997), ou seja, um índice das representações que estariam na base do sentido – ou conceptualizações.

Ao proporem e demonstrarem sua nova visão de metáfora como figura de pensamento, e não apenas de linguagem, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) reconheceram o papel relevante que o conceito de “metáfora do conduto” (*conduit metaphor*), introduzido e explorado na pesquisa publicada por Michael Reddy em 1979 – um ano antes do lançamento de *Metaphors we live by* – desempenhou no desenvolvimento de sua teoria.

A “metáfora do conduto” foi definida por Reddy (1979) como um modo particular e hegemônico de se pensar e falar sobre a comunicação. Segundo o autor, enquadramos cognitivamente a comunicação a partir de uma perspectiva em que um emissor deposita suas ideias – ou mensagens – dentro de recipientes “palavras”, enviando-as através de um canal (ou conduto). O receptor, por sua vez, recebe as palavras, que teriam os mesmos conteúdos enviados pelo emissor. Esse esquema, formado por vários elementos interconectados, formaria, em seu conjunto, a “metáfora do conduto”. Nela, a comunicação se daria sem grandes ruídos ou falhas, pois as ideias transmitidas em palavras pelo emissor, ao serem “desempacotadas” pelo receptor, seriam as mesmas das enviadas.

Reddy (1979) argumenta que a “metáfora do conduto” não seria consistente com o que realmente acontece no ato comunicativo, em que a interpretação seria bem mais relevante do que a simples transmissão. Em sua argumentação, ele propõe uma metáfora alternativa: a metáfora dos construtores de ferramentas. Nessa metáfora, ao contrário da dimensão objetivista que a metáfora do conduto pressupõe, a comunicação exigiria esforço cognitivo constante, uma vez que cada participante de uma interação produziria sentidos a partir de suas experiências únicas e subjetivas. Nessa perspectiva, a probabilidade de se ter falhas na comunicação seria largamente ampliada. Mesmo assim, Reddy (1979) não acredita que uma metáfora, mesmo sendo mais fiel ao que realmente acontece nas interações verbais, não poderia substituir, de fato, a metáfora que é hegemônica em uma comunidade discursiva e que está no cerne da conceptualização da comunicação: a metáfora do conduto.

A hipótese sobre a predominância dessa metáfora é empiricamente sustentada por mais de uma centena de evidências linguísticas, na língua inglesa, identificadas por Reddy (1979), como as seguintes: “é muito difícil *colocar minhas ideias em palavras*”; “ele não consegue *transmitir* bem o que pensa”; “suas

palavras *contêm muitas ideias raivosas*”; e “eu não *captei bem o seu pensamento*” (REDDY, 1979, p. 307, tradução nossa).

A metodologia, que pode ser abordada como sendo dedutiva⁵ e introspectiva,⁶ foi também seguida por Lakoff e Johnson, ao formalizarem sua visão de metáfora na obra de 1980. Assim, os autores abrem o primeiro capítulo de seu livro com a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (já, então, grafada em caixa-alta), seguida de uma lista de expressões usadas para se referir a uma “discussão”, que seriam próprias do domínio da “guerra”, entre elas:

- (1) Suas críticas foram *direto ao alvo*;
- (2) Seus argumentos são *indefensáveis*;
- (3) Ele *atacou* todos os pontos da minha argumentação;
- (4) *Eu ganhei* a discussão.

Muitas pesquisas que se seguiram à publicação de 1980 adotaram caminho metodológico semelhante: a partir de uma hipotética metáfora conceptual, propõem-se exemplos de expressões que possam indicar a existência de tal metáfora em nosso sistema conceptual. Metáforas conceptuais não são encontradas na linguagem, em cuja esfera haveria apenas expressões linguísticas metafóricas “licenciadas” pela MC a elas subjacente, no âmbito do pensamento.

Tais expressões, além de serem teoricamente abordadas como manifestações, na linguagem, de metáforas conceptuais, teriam que possuir as seguintes características para adquirirem estatuto metodológico de evidências linguísticas de metáforas conceptuais: a) pertencerem ao léxico diretamente associado ao domínio-fonte, por exemplo: as expressões marcadas em itálico nos exemplos (1) a (4) fariam parte do campo semântico-cognitivo GUERRA, mas estão sendo usadas como referência a um outro

⁵ A metodologia é dedutiva uma vez que, por meio dela, parte-se de uma proposta de metáfora cognitiva, para, então, buscarem-se evidências ou “marcas” na língua que a corroborem.

⁶ A metodologia pode ser vista como introspectiva por fazer uso de evidências que consistem em exemplos construídos, não coletados em *corpora* de linguagem autêntica.

domínio – no caso, DISCUSSÃO; e b) não serem expressões isoladas, mas parte de uma rede lexical cognitivamente estruturada pela projeção de elementos de um domínio A para um domínio B. As expressões metafóricas linguísticas podem ser convencionais e pouco transparentes (*vencer um debate*, por exemplo, só é visto como metáfora pelas lentes de um analista alinhado à TMC), ou inéditas ou criativas, como no exemplo retirado de um *website* de uma revista:

(5) Os argumentos a favor da constitucionalidade dos planos econômicos das décadas de 1980 e 1990 feitas pelo governo e os bancos no STF são *granada oca*, que não *explodiu* e não vai *explodir*.

Essa abordagem tem sido problematizada por pesquisadores da metáfora, como Gibbs (2006), Cameron (1999), entre outros, pelo seu caráter dedutivo, considerado “circular” e largamente subjetivo. Quanto a ser “circular”, problematiza-se o procedimento de, primeiramente, se propor uma metáfora com base na experiência do linguista e, a partir daí, buscar evidências que legitimariam essa mesma metáfora. Em relação a ser “largamente subjetiva”, a abordagem é criticada pelo fato de se basear em exemplos provenientes da “intuição” do analista, e não de usos reais da linguagem.

É preciso considerar, no entanto, que essa abordagem inicial da TMC, adotada tanto por Reddy (1979) quanto por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), apresentava-se vinculada, fundamentalmente, à introdução de uma ideia alternativa, por muitos considerada até mesmo revolucionária, sobre a metáfora. Nesse sentido, fez-se necessário um ato de nítido poder argumentativo, mesmo que não definitivo do ponto de vista empírico, para os pesquisadores lançarem e traçarem as bases conceituais de sua nova visão.

As centenas de exemplos encontrados em ambas as obras não apenas serviam como “dados” ou “evidências empíricas”, mas, principalmente, ilustravam ou demonstravam o poder da metáfora conceptual, ao se inscreverem no próprio sistema

gramático-lexical de uma dada língua. Além disso, os exemplos partiam não apenas “da intuição de um falante ideal de uma comunidade linguística homogênea”, aos moldes chomskyanos (no âmbito do léxico). Eles partiam, de fato, de linguistas experientes e sensíveis a questões de linguagem (FITZGERALD, 2010), que supostamente tiveram o cuidado de não “forçar” os exemplos para que se “encaixassem” na metáfora conceptual por eles evocada.

A utilização de amostras autênticas de linguagem em uso, coletadas em *corpora* gerais (como o *Corpus* do Português *On-line*)⁷ passou a ser quase um pré-requisito nas metodologias de análise da metáfora. Com o levantamento do *corpus* feito, o analista passou a ter a tarefa de, nele, identificar as expressões linguísticas metafóricas, ou “veículos”, na terminologia de Cameron (2003) e, a partir dessas expressões, inferir, por introspecção, as possíveis metáforas conceptuais que a elas subjazem.

Para ilustrar esse tipo de análise, tomemos como exemplo um pequeno trecho de uma matéria publicada em uma revista dominical,⁸ sobre uma modelo bem-sucedida em sua carreira:

(6) Ela (Valentina Sampaio) sabe que ainda há oportunidades a serem *agarradas*, numa *estrada* cujo *ponto alto* é *romper barreiras*. “Tenho muito a *caminhar*. É gratificante ver que estou *na direção certa*”, reflete.

Identificados os veículos metafóricos, grafados em itálico, podemos fazer algumas observações e inferir as possíveis metáforas conceptuais subjacentes. As expressões metafóricas identificadas podem ser vistas a partir de um *continuum* que vai das mais cristalizadas – que, de tão convencionalizadas, têm o seu grau de metaforicidade⁹ muito baixo – até as mais inéditas,

⁷ Disponível em: www.corpusdoportugues.org.

⁸ Matéria publicada na *Revista Ela*, suplemento dominical do Jornal *O Globo*, em 21 de fevereiro de 2021 (o excerto foi retirado da página 17).

⁹ O termo “metaforicidade” é, aqui, compreendido com base na conceptualização proposta por Dienstbach (2017, p. 386), ou seja, como a “possibilidade de reconhecimento de uma expressão metafórica como tal”.

possivelmente deliberadas, cuja metaforicidade é bastante alta. Nesse sentido, as expressões assinaladas no excerto em análise estariam entre o meio do *continuum* e o extremo da convencionalidade. Ou seja, elas podem ser reconhecidas como sendo metafóricas por um analista, mas não seriam suficientemente salientes ou transparentes para serem identificadas por falantes teórica e analiticamente não informados. “Caminhar e romper barreiras na vida”, “estar na direção certa” em um projeto e “agarrar oportunidades”, por exemplo, são expressões corriqueiras, de natureza idiomática, por vezes até consideradas “clichês”, como demonstrado por uma breve pesquisa na plataforma Google, tendo tais expressões como alvos da busca.

Na perspectiva da TMC, no entanto, essas expressões são manifestações, na linguagem, de representações cognitivas em que um domínio é conceptualizado por meio de projeções de outro domínio; ou seja, trata-se de evidências de metáforas conceptuais. Assim, grande parte dos veículos assinalados em (6) é licenciada pela MC A VIDA É UMA VIAGEM. O Quadro 1 esquematiza os mapeamentos envolvidos nessa metáfora a partir desses veículos:

Quadro 1. Mapeamentos de A VIDA É UMA VIAGEM

| Domínio-fonte: VIAGEM | | Domínio-alvo: VIDA |
|-------------------------|--------|------------------------|
| Elementos-fonte | —————▶ | Elementos-alvo |
| Caminho/estrada | —————▶ | Vida |
| Meta/trajetória/destino | —————▶ | Objetivos/destino |
| Direção | —————▶ | Decisões/planejamento |
| Obstáculos/barreiras | —————▶ | Problemas/dificuldades |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Mapeamentos e perspectivação

É importante observar que, no Quadro 1, haveria outros mapeamentos possíveis, que projetam, para o domínio-alvo VIDA, outros elementos do domínio-fonte VIAGEM, dependendo do que se queira colocar em perspectiva. Afinal, segundo os postulados da linguística cognitiva (SILVA, 2008), o sentido é sempre perspectivado. No caso específico da metáfora, essa perspectivação, como já comentado, decorre do processo cognitivo a que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) se referem como “realçar e encobrir” (*highlight and hide*). Ou seja, ao se realçarem, nos mapeamentos, certos elementos do domínio-fonte, encobrem-se outros.

No exemplo (7), a estrofe do poema “A verdadeira arte de viajar”, de Mario Quintana, o que está sendo mapeado do domínio-fonte VIAGEM, na conceptualização de VIDA, é a liberdade que viagens proporcionam; o sair do lugar conhecido (conceptualizado também como “contêiner” – *dentro*) em direção a outros desconhecidos (para além do “contêiner” – *fora*). Ao contrário do exemplo (6), os elementos-fonte “obstáculo/barreira” e “meta/trajetória” não são realçados. Os veículos “abertos/aberta”, “sair”, “caminhos do mundo”, “chegamos” e “longe” marcam os mapeamentos perspectivados no poema.

(7) “A verdadeira arte de viajar” (Mário Quintana)
A gente sempre deve *sair* à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem *abertos* diante de nós todos os
caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos, as obrigações,
estejam ali...
Chegamos de muito longe, de alma aberta e
o coração cantando!

Outro exemplo de perspectivação é um possível uso metafórico de “cadeado” na conceptualização de, por um lado, PRISÃO, e, por outro, AMOR, conceitos com conotações usualmente antagônicas. No primeiro caso, o elemento do domínio CADEADO perspectivado seria a sua propriedade ou função prototípica de

“trancar”, impedindo a entrada e/ou saída de pessoas, animais ou substâncias ou o livre acesso a determinados ambientes ou objetos. Assim, é possível pensar em uma expressão metafórica como a usada em um trecho da canção “Coração cadeado”:

(8) “Coração cadeado”¹⁰
É sempre assim
Quando tento me entregar
Esse meu coração *cadeado*
Se esconde no peito
Não há quem dê jeito
De mostrar o outro lado

O “cadeado”, nesse exemplo, impede o acesso ao “outro lado” e à desejada “entrega”. Neste caso, o “coração cadeado” evoca o elemento-fonte “tranca”, do domínio PRISÃO, como ilustrado na Figura 2.

Figura 2. Cadeado é prisão



Fonte: Pixabay e Pexels.

Já o domínio-alvo AMOR pode ser conceptualizado, tanto metafórica quanto metonimicamente, por meio da perspectivação de “cadeado” indicada na Figura 3. Aqui, o contexto sociocultural¹¹ ancora a perspectivação do elemento “elo” do

¹⁰ Composição de Joanna, Sara Benchimol e Tony Bahia, interpretada por Joanna. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/joanna/191454/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

¹¹ Segundo a Wikipedia, os cadeados do amor são aqueles que namorados fixam a uma ponte, cerca, portão ou local público semelhante, para simbolizar seu amor. Normal-

domínio “cadeado”. O elemento “tranca” também participa do mapeamento, na medida em que há uma expectativa de que os namorados não se separarão: o cadeado os une, sendo que a chave para abri-lo – o que implicaria separação – é descartada. Nesse caso, a conotação de “união” é perspectivada positivamente, e os elementos negativos pertencentes ao domínio PRISÃO não participam do mapeamento.

Figura 3. Cadeado é amor



Fonte: Pixabay e Pexels.

Os mapeamentos envolvidos na metáfora, portanto, não são inerentes à própria metáfora; eles são perspectivados (ou “perfilados”) na conceptualização do domínio-alvo, com base nos elementos desse domínio a serem realçados, baseados, por sua vez, nos valores e crenças dos conceptualizadores.

Para o analista da metáfora, portanto, não basta identificar as expressões linguísticas metafóricas em um dado *corpus* e inferir as metáforas conceptuais que as licenciam. Verificar a natureza dos mapeamentos e os elementos-fonte e elementos-alvo colocados, linguística e cognitivamente, em perspectiva, representa um desafio analítico a ser também explorado.

mente, os nomes ou iniciais dos apaixonados estão inscritos no cadeado, e sua chave é lançada longe para simbolizar o amor inquebrável. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cadeados_do_amor. Acesso em: 20 fev. 2021.

A metáfora na linguagem em uso

Com a adoção do uso de *corpora* autênticos, ou “amostras de linguagem em uso” (DEIGNAN, 2008), muitas pesquisas em metáfora passaram a se debruçar sobre a linguagem metafórica em diversos gêneros discursivos, como: discursos políticos (MUSSOLF, 2004); manchetes de jornal (MALTA, 2016); *blogs* (MENDES, 2020); *tweets* (RAMANATHAN; HOON; PARAMASIVAM, 2018); cartas de aconselhamento (FARIAS, 2015); artigos científicos e aulas do Ensino Médio (DEIGNAN; DEMINO; PAUL, 2017); sonetos (DIENSTBACH, 2018); postagens do Instagram (DIAS, 2017); anúncios publicitários (XIAQING, 2017); folders turísticos (ALDRIGUE; ESPÍNDOLA, 2011); entre outros. Gêneros multimodais são também contemplados nos estudos da metáfora, como charges (MEDEIROS, 2019), charges animadas (SPERANDIO, 2014) e memes da internet (PIATA, 2016). Pesquisas sobre multimodalidade, principalmente no que se refere à metáfora visual e verbo-visual, têm recebido suporte teórico e analítico da abordagem proposta por Forceville (2006), conhecida como “Teoria da Metáfora Visual”, um desdobramento da TMC voltado a outras modalidades de linguagem metafórica.

A análise de metáforas em diferentes gêneros, no entanto, pressupõe a identificação das expressões linguísticas metafóricas nos textos a serem analisados. Essa identificação é frequentemente avaliada como sendo largamente subjetiva, caindo na “armadilha da intuição do analista” sobre o que seria metafórico ou não. Com o propósito de, segundo Dienstbach (2018, p. 288), “mitigar as inconstâncias e divergências na identificação de expressões metafóricas – decorrentes da percepção particular do analista (ou dos analistas)”, Steen *et al.* (2010) desenvolveram um conjunto ordenado de passos metodológicos, denominado “Procedimento de identificação de metáforas” (*Metaphor Identification Procedure: MIP-Vu*). O MIP-Vu estabelece, assim, os seguintes encaminhamentos para a identificação de metáforas:

Quadro 2. Procedimento de identificação de metáforas (MIP-Vu)

- (i) encontre palavras usadas metaforicamente no discurso, analisando o texto palavra por palavra;
- (ii) quando uma palavra é usada indiretamente, e o seu uso pode ser explicado por um mapeamento entre domínios a partir de um sentido mais básico seu, marque essa palavra como metáfora;
- (iii) quando uma palavra é usada diretamente, e o seu uso pode ser explicado por um mapeamento entre domínios relacionado ao referente ou ao tópico mais básicos do texto, marque a palavra como metáfora direta;
- (iv) quando uma palavra é usada com função de substituição léxico-gramatical (como, por exemplo, pronomes pessoais de terceira pessoa) ou quando ocorre uma elipse em algum tipo de coordenação, e quando essa substituição ou elipse retomam um sentido direto ou indireto que pode ser explicado por um mapeamento entre domínios a partir de um sentido, referente ou tópico mais básico, marque a substituição ou elipse como metáfora implícita;
- (v) quando uma palavra é usada para indicar um mapeamento entre domínios, marque essa palavra como sinalizador de metáfora; e
- (vi) quando uma palavra composta é inédita, examine as suas partes de forma independente, de acordo com as etapas em (i) a (v).

Fonte: Steen *et al.* (2010, p. 25-26) traduzido por Dienstbach (2017, p. 119).

A identificação de expressões linguísticas metafóricas, no entanto, é apenas o primeiro passo para uma análise que tem como quadro teórico a TMC. A identificação de metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas dá-se, essencialmente, por introspecção, uma vez que MCs são apenas manifestadas na linguagem, e é por meio de suas manifestações que elas podem ser inferidas pelo analista.

O estudo da metáfora e a linguística de *corpus*

A tendência de se investigar a metáfora em uso (STEEN, 2006), que se instalou nos estudos da metáfora, após a primeira fase da TMC, levou muitos especialistas a buscarem, na linguística de *corpus*, a base tanto para o levantamento quanto para o tratamento

analítico da linguagem metafórica. Entre esses pesquisadores, há que se destacar o trabalho de Alice Deignan (2008), que tem buscado apoio na linguística de *corpus* para investigar o funcionamento da metáfora em uso, na língua inglesa, principalmente a partir de seus “colocados” (ou coocorrências lexicais). A autora dá como exemplo o uso metafórico dos verbos relacionados a plantas, como *blossom*, *bloom* (florescer), *to wither* (murchar) e a expressão *bear fruit* (dar frutos), cujas ocorrências, no *corpus* de base, são, em grande parte, metafóricas e relacionadas aos domínios-alvo RELACIONAMENTOS, NEGÓCIOS e IDEIAS. Essa sistematidade semântica não apenas joga luz sobre o uso das expressões em questão, como também corrobora os fundamentos da TMC.

Para ilustrar de que modo pesquisa semelhante pode ser feita a partir do *Corpus* do Português, apresentam-se, no Quadro 3, as 12 primeiras linhas que aparecem como resultado da busca com o item lexical “florescer”:

Quadro 3. Usos metafóricos e não metafóricos de “florescer”

| |
|--|
| 1. Para a evolução da modalidade, é necessário um esforço conjunto; a semente precisa ser regada para <i>florescer</i> . |
| 2. As alunas do internato assumem que, finalmente, podem <i>florescer</i> acadêmica e artisticamente. |
| 3. Passam por uma renovação; período em que todas as folhas caem e voltam a <i>florescer</i> repentinamente. |
| 4. Lorca, Dalí e Buñuel experimentaram o <i>florescer</i> de um movimento artístico que os uniu. |
| 5. Na minha infância, aprendi a andar descalça, superar todos os meus traumas e <i>florescer</i> . |
| 6. Foi criada pelo atual governo, mas as soluções econômicas devem dele brotar e <i>florescer</i> . |
| 8. Aqui em o Bom Jardim, puderam <i>florescer</i> novos caminhos de paz e harmonia. |
| 9. Explosão de cores # Os primeiros ipês a <i>florescer</i> são os roxos, em junho. |
| 10. Elas são o símbolo de Brasília. Quando começam a <i>florescer</i> , transformam a capital em uma cidade florida. |
| 11. Criar o ambiente seguro necessário para não perder a oportunidade de <i>florescer</i> do ponto de vista econômico. |
| 12. Lineu citou, ainda, que Guiana está empenhada em <i>florescer</i> a relação econômica entre os dois países. |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Entre as doze ocorrências de “florescer” no quadro três, apenas três apresentam o sentido não metafórico do termo: plantas (árvores) florescem. É interessante observar que dois dos exemplos literais (9 e 10) referem-se à árvore que parece ser o protótipo de uma árvore florida, no contexto brasileiro: o ipê. Já entre os usos metafóricos de “florescer”, três têm como domínio-alvo ECONOMIA (6, 11 e 12), enquanto os outros são projetados no domínio-alvo DESENVOLVIMENTO PESSOAL. Nesse último caso, a conotação positiva, de natureza estética, de FLOR, parece também participar do mapeamento: quando alguém “floresce”, desenvolve atributos positivos, e não negativos, como explicitado nas linhas 1, 2, 5, 8, e, possivelmente, 4 (quem floresce, nessa ocorrência, é um movimento artístico encabeçado por gênios da literatura, da pintura e do cinema e, portanto, com avaliação fortemente positiva). Essa perspectivação de “florescer” é coerente com aquela analisada por Cavalcanti (2019) em relação ao domínio-fonte FLOR.

É preciso ressaltar que essas observações, por terem propósito fundamentalmente ilustrativo, abordam um número pouco significativo de dados. O item “florescer”, no *Corpus* do Português, aparece com 1.155 ocorrências e, para fazer uma análise minimamente robusta, seria necessário um número bem maior de ocorrências. Outra possibilidade seria fazer a mesma busca com outros verbos do campo semântico “planta”, como o fez Deignan (2008): brotar, murchar e dar frutos; ou, ainda, verbos cujo agente não seria a planta em si, mas o ser humano (plantar, semear, regar, colher, por exemplo) exercendo ação sobre um paciente (a planta).

Pesquisas dessa natureza, que se apoiam na linguística de *corpus*, têm, portanto, um nítido potencial de jogar luz sobre a metáfora na linguagem e no pensamento e, ao mesmo tempo, de contribuir para os estudos lexicais.

Metáforas situadas e sistemáticas

Como discutido na seção anterior, as pesquisas em metáfora que se ancoram, metodologicamente, na linguística de *corpus*, além de jogarem luz sobre o modo com que manifestações linguísticas de metáforas conceptuais se inscrevem no sistema léxico-gramatical de uma língua, propiciam reflexões acerca da frequência e da abrangência dos usos metafóricos de determinados itens lexicais. No entanto, essa abordagem não revela – pois, de fato, este não é seu objetivo – o funcionamento da metáfora na dinâmica do discurso, como, por exemplo, a sua relação com o texto como um todo ou a sua função retórica em um dado ato comunicativo. Além disso, a análise com base na linguística de *corpus* não contempla, necessariamente, a articulação entre, por um lado, a cognição *off-line*, ou seja, o âmbito das representações cognitivas oriundas do sistema conceptual mais estável, e, por outro lado, a cognição *on-line*, caracterizada pela produção de sentido em episódios comunicativos situados em contextos específicos (VEREZA, 2013).

A busca pelo entendimento desses níveis de metáfora em uso (STEEN, 2006) coloca-se como norte das pesquisas que se ancoram em três conceitos, de caráter tanto teórico quanto analítico: a metáfora sistemática (CAMERON; MASLEN, 2010), a metáfora situada e o nicho metafórico (VEREZA, 2013). Esses conceitos são peças-chave na tendência de pesquisas recentes, conhecida como perspectiva “cognitivo-discursiva da metáfora”.

Segundo Pelosi e Gabriel (2016, p. 36), com base na definição de Cameron e Maslen (2010), as *metáforas sistemáticas*

emergem a partir de agrupamentos de veículos metafóricos – termos ou expressões utilizados com sentido incongruente com seu significado mais concreto/experiencial – interligados e usados em torno de um mesmo tópico durante um evento discursivo.

Sendo assim, a metáfora sistemática participa da teia de sentidos de um texto a partir de expressões linguísticas metafóricas

que se interligam semântico-cognitivamente no contexto específico em que surgem.

A *metáfora situada*, como a sistemática, é circunscrita a um evento comunicativo específico. Ao contrário da metáfora conceptual, é local e episódica – pertencendo, portanto, à cognição *on-line*. Difere da metáfora sistemática, no entanto, por ser deliberada e participar do fio argumentativo de um ato discursivo. Ou seja, é cognitivo-discursiva, mas com evidente função retórica. Frequentemente, a metáfora situada é desenvolvida textualmente em um *nicho metafórico*, que seria um “um grupo de expressões metafóricas, inter-relacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada (a metáfora situada) – normalmente presente (ou inferida) no próprio contexto” (VEREZA, 2013), como em (9):

(9) “No fundo do mar”¹²

O Brasil *naufraga* A grande *nau*, com seus 200 milhões de *passageiros*, quase raspa o *fundo do mar*, onde ficará atolada se não tomarmos medidas. [...] Tenho escrito especificamente sobre esta *nau* vítima de tamanho desastre. [...] O que vai suceder, quem vai *comandar*? [...] Que a gente não *naufraque*, mas que uma fórmula quase milagrosa, legal e eficiente, ponha este *grande leme* em *mãos firmes e competentes*.

No nicho metafórico em (9), a metáfora situada é explicitada logo no início do parágrafo: *O Brasil é uma grande nau*. Essa metáfora, que evoca a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, muito abrangente em nossa língua e cultura, desenvolve-se discursiva, cognitiva e retoricamente por meio de mapeamentos *on-line*. O quadro 4 esquematiza esses mapeamentos:

¹² Artigo de Lya Luft publicado em edição impressa de *Veja* (4 abr. 2015, p. 12).

Quadro 4. Metáfora situada *Brasil é nau*

| | | |
|--------------------------------------|---|--------------------------------------|
| Nau | → | Brasil |
| Passageiros | → | Habitantes |
| Fundo do mar | → | Colapso social, político e econômico |
| Naufrágio | → | Crise política/econômica/social |
| Leme | → | Plano político/econômico |
| Mãos firmes (metonímia de "capitão") | → | Líder político |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessa forma, nichos metafóricos, por meio dos mapeamentos específicos, criam uma estrutura textual, de natureza cognitiva e *on-line* que, de uma certa forma, direciona o ponto de vista; o poder argumentativo do texto, assim, parece ser reforçado. Desenvolver um argumento por meio de projeções efetuadas, com coerência, a partir de metáforas situadas, sendo estas ancoradas por metáforas conceptuais mais estáveis, como A VIDA É UMA VIAGEM, parece ser um recurso de nítido impacto cognitivo-discursivo.

Abordagens experimentais e introspectivas

A TMC elege, como já amplamente discutido até o momento, o pensamento corporificado como *locus* da metáfora. A natureza cognitiva da metáfora, portanto, passou a ser, também, o foco de vários estudos de base psicolinguística, que se ocupam do processamento da linguagem figurada de um modo geral. Carroll (2021) apresenta um panorama detalhado de vários estudos que se utilizam de técnicas próprias de pesquisas experimentais, como *eye tracking* e *cross-modal priming*, para investigar as seguintes questões:

como os diferentes tipos de linguagem figurada são compreendidos, como as diferenças entre os falantes afetam a forma com que a linguagem figurada é processada e como as informações linguísticas concorrentes são utilizadas de forma dinâmica durante o uso da linguagem online (CARROLL, 2021, p. 93, tradução nossa).

Já na perspectiva das pesquisas experimentais voltadas mais diretamente à metáfora conceptual, destaca-se o trabalho de Gibbs, Lima e Françoso (2004), que investiga a hipótese da corporeidade como alicerce de base sensorio-motora da metáfora cognitiva. Um estudo de caso acerca do modo com que as pessoas falam de DESEJO em termos de FOME mostrou como elementos de experiências corpóreas atuam como domínio-fonte para mapeamentos que participam da conceptualização de domínio abstratos.

Nessa mesma linha, Siqueira e Gibbs (2007) investigam a hipótese da universalidade de metáforas primárias, que emergem diretamente de experiências sensorio-motoras, a partir de uma pesquisa envolvendo duas línguas/culturas diferentes. Nesse estudo, as seguintes metáforas primárias foram selecionadas, por meio de algumas de suas instanciações linguísticas: FELICIDADE É PARA CIMA; BOM É CLARO; DIFICULDADE É PESO; INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR; ACEITAÇÃO É ENGOLIR; INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE; e IMPORTÂNCIA É TAMANHO. Os resultados da pesquisa atestam a plausibilidade da hipótese da universalidade de tais metáforas. Ainda no âmbito da psicolinguística, Siqueira, Gil e Melo (2010) desenvolvem um estudo envolvendo a convencionalidade de mapeamentos conceptuais metafóricos e a familiaridade de expressões linguísticas metafóricas licenciadas por esses mesmos mapeamentos.

Por fim, Zanutto (2014) propõe uma abordagem metodológica, de natureza qualitativa, que tem como foco as várias interpretações de metáforas (ou suas “múltiplas leituras”) presentes em textos literários. O método principal é o “Pensar alto em grupo”, que resultou de uma adaptação do protocolo verbal. Leitores diversos debruçam-se sobre as metáforas encontradas (a partir da incongruência semântico-discursiva identificada) em textos selecionados – poemas e fábulas, por exemplo. Ao compartilharem e, por vezes, coconstruírem suas leituras, de maneira dialógica, os leitores deixam revelar pelo menos parte dos processos cognitivos

que participam da metáfora, como os mapeamentos envolvidos e os frames e metáforas conceptuais evocados. Esse método, além de iluminar a pesquisa sobre metáfora, sua compreensão e interpretação, tem, segundo a pesquisadora, se mostrado bastante promissor como atividade de leitura em sala de aula.

Temas atuais e novas direções

Na atual agenda dos estudos e pesquisas acerca da metáfora conceptual, constam temas relacionados, sobretudo, à metáfora no discurso, conforme destacado na seção anterior, como também à multimodalidade da metáfora. Tais temas apontam para a formulação de novas abordagens, com base nas quais se investigam e analisam usos específicos das metáforas (gestos e retórica) no quadro de uma teoria mais ampla que articula cognição à interação e à comunicação.

Nessa perspectiva, para autores como Musolff (2004), algumas abordagens que já discutiam a língua em uso, sem, contudo, levar em consideração sua dimensão cognitiva, a exemplo da análise crítica do discurso, não seriam incompatíveis com a teoria da metáfora conceptual. Ao contrário, para o autor, seria relevante que tais abordagens passassem a ser orientadas cognitivamente de modo a poder analisar a metáfora conceptual não apenas à luz de suas estruturas conceptuais e categoriais, mas, igualmente, de suas dimensões argumentativas, inferenciais e interacionais.

Nesse sentido, o autor adota a perspectiva que Charteris-Black (2004) cunhou como “Análise Crítica da Metáfora”, a fim de propor que se passe a investigar a metáfora a partir do papel exercido pelos fatores discursivo-pragmáticos e de variação sociolinguística na restrição dos sentidos dos enunciados metafóricos. Essa nova abordagem se justificaria, segundo Musolff (2004), porque lançaria luz sobre o efeito ideológico do uso das metáforas. Como exemplo, o autor aponta para o uso frequente e argumentativamente poderoso de metáforas racistas e xenófobas que desqualificam determinados grupos sociais, mesmo que os

falantes aleguem estarem fazendo uso apenas “decorativo” das “figuras de linguagem”. A pesquisa de Mendes (2016) sobre o uso da expressão “macaco” e de expressões racistas encontradas em redes sociais alinha-se a essa abordagem.

Trabalhos como o de Vereza, Pelosi e Carneiro (2016) adotam essa nova direção nos estudos sobre a metáfora – ou melhor: sobre metáforas sistemáticas (CAMERON; MASLEN, 2010) e situadas (VEREZA, 2013) –, ao investigarem como tema a conceptualização de VIOLÊNCIA a partir de dados reais da língua em uso, obtidos por meio de grupo focal realizado junto a seis informantes vítimas de violência doméstica. Dessa forma, as autoras abordam as metáforas de violência como algo que surge de forma recorrente e inevitável em diferentes estágios do discurso, refletindo a dimensão ideológica da conceptualização da violência.

Ainda sobre a relação entre metáfora e ideologia, segundo Goatly (2007), temas de pesquisas relacionados às implicações ideológicas das metáforas seriam um dos mais promissores no século XXI. Entre as metáforas por ele avaliadas como tendo grande efeito ideológico, estaria a metáfora SER HUMANO É ANIMAL, por abrir caminho para conflitos ideológicos acerca da natureza do ser humano e demais animais. Nesse sentido, Cavalcanti (2018), ao investigar o gênero da expressão convencional “cabra”, relaciona sua variação de gênero – já que tal expressão é usada por falantes da língua portuguesa do Nordeste do Brasil para se referir ora a animal de gênero feminino, ora a homem – com as implicações ideológicas da metáfora HOMEM MESTIÇO É CABRA.

Tendo como objeto de estudo as migrações internacionais a partir de uma perspectiva do Sul Global, Ferreira, Flister e Morossoni (2017) têm desenvolvido estudos que visam a descrever como o refúgio e a migração são representados por meio do enquadramento metafórico na versão *on-line* de um jornal brasileiro e outro estadunidense. Os resultados da pesquisa apontam que refugiados e imigrantes são representados por meio de frames como DESASTRE NATURAL, MERCADORIA e CRIMINOSO, que refletem e reificam a imagem negativa do

imigrante. Nesse estudo, portanto, os efeitos ideológicos da metáfora são também evidenciados.

Considerando que as novas abordagens investigam e analisam usos específicos das metáforas no quadro de uma teoria ampla que articule cognição, interação e comunicação, Avelar (2017) tem como foco de suas preocupações e pesquisas o papel dos gestos metafóricos na produção de sentido. Para tanto, compartilha da visão de que os gestos, na condição de imagem, com a linguagem verbal, igualmente metafórica, pertencem a um único sistema cognitivo. Assim, a autora propõe que, ao se deslocar o foco da cognição para a interação, se discutam as dimensões multimodais da metáfora ou ainda a inter-relação entre fala e gestos na construção de metáforas. Ao adotar uma abordagem tão inovadora, Avelar (2017) integra a vertente que congrega pesquisadores, a exemplo do italiano Alan Cienki e da alemã Cornelia Müller, que tratam de forma articulada os conceitos de metaforicidade (MÜLLER; CIENKI, 2009) e de iconicidade (KENDON, 2004) à luz da teoria da metáfora conceptual.

Sugestões de leitura e materiais

Para aprofundamento das questões relativas à visão contemporânea da metáfora, sugerimos, de início, a leitura da obra seminal de Lakoff e Johnson (1980), bem como de sua versão brasileira, *Metáforas da Vida Cotidiana*, publicada em 2002. Nessa obra, conforme anteriormente apontado, Lakoff e Johnson lançaram as bases da TMC, ao levantarem a hipótese de que a metáfora, na condição de recurso cognitivo, seria estruturada por correspondências e/ou mapeamentos entre domínios conceptuais fonte e alvo. Dessa forma, os autores discutem a plausibilidade dessa hipótese, a partir da análise de inúmeros exemplos de expressões linguísticas à luz de três tipos de metáforas – estrutural, ontológica e orientacional – contrapondo-se à visão tradicional de metáfora, calcada, em grande parte, na perspectiva aristotélica.

Desde então, a TMC está na base de uma área de pesquisa em que a metáfora, na perspectiva cognitiva e, mais recentemente, cognitivo-discursiva, vem reinando como objeto, cada vez mais produtivo, de investigação. Para que se possa entender o impacto dessa teoria, após algumas décadas da publicação de *Metaphor we live by*, sobretudo, nos campos da cognição, da linguagem, da cultura, da psicologia e da filosofia, recomenda-se a leitura de Kövecses (2010) e de Gibbs (2017). O primeiro, ao explanar os principais conceitos que embasam a TMC e seus desdobramentos teóricos, adota perspectiva didática e introdutória sobre o assunto, fornecendo, a seus leitores, um conjunto de exercícios, glossário e índice das principais metáforas conceptuais por ele abordadas. Gibbs (2017), por sua vez, ao analisar o impacto da TMC nos vários campos do conhecimento e as críticas que esta recebeu em relação a seu poder de explicação, preocupa-se em apresentar e destacar a plausibilidade e consistência dessa teoria à luz do grande volume de evidências empíricas resultante de pesquisas realizadas no âmbito da linguística cognitiva e de demais campos de investigação.

Ainda sob o viés retrospectivo da TMC, após o lançamento de *Metaphor we live by*, salienta-se a importância da leitura de Berber Sardinha (2007). Com o intuito de introduzir os leitores brasileiros às principais abordagens contemporâneas da metáfora – a conceptual, de Lakoff e Johnson (1980); a gramatical, de Halliday (1985; 1994); e a sistemática, de Cameron (2003) –, o autor discute a relevância de investigar, identificar e analisar metáforas conceptuais em grandes *corpora* eletrônicos e demais recursos fornecidos pela linguística de *corpus*.

Conforme comentado em outras seções, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) fincaram as bases do que viria a ser a TMC no que chamaram de experiencialismo e/ou de pensamento corporificado. Para entender melhor o caráter corporificado do pensamento e, por conseguinte, das metáforas conceptuais, destaca-se a leitura de Lakoff (1987). Essa obra é voltada para a discussão dos processos de conhecimento e categorização. Nela, o autor,

ao apresentar evidências empíricas relativas ao caráter corporificado do pensamento, propõe que os domínios conceptuais sejam compreendidos na condição de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), como é o caso da metáfora.

No que tange à discussão do caráter universalizante e variacional das metáforas, sugere-se a leitura de Kövecses (2004). Nessa obra, ao se basear em investigação sobre a conceptualização de emoção em línguas distintas e não relacionadas – inglês, chinês, japonês, húngaro, zulu, entre outras –, o autor demonstra que EMOÇÃO é conceptualizada de duas maneiras: a) por uma metáfora de nível geral, a exemplo de RAIVA É FLUIDO QUENTE EM RECIPIENTE, que é estruturada pelo nosso aparato sensorio-motor, cuja configuração é universalmente similar, levando os falantes das diversas línguas a experimentarem fisiologicamente *raiva* como algo que esquento o corpo ao ponto de fazê-lo explodir; e b) por metáfora de nível específico, estruturada por distintos modelos culturais, a exemplo da conceptualização de RAIVA É EXCESSO DE Q1 NO CORPO, na cultura chinesa, em que os falantes desta cultura conceptualizam *raiva* como o gás Q1, não necessariamente quente, fazendo o corpo explodir.

Por outro lado, conforme já discutido em outras seções, os estudiosos da TMC, nos últimos anos, vêm ponderando acerca do caráter situado e/ou contextualizado das metáforas conceptuais, seja no âmbito da linguagem em uso/discurso, seja no âmbito das crenças e valores/ideologia de uma determinada comunidade de fala. No que diz respeito à discussão sobre a relação entre metáfora conceptual e língua em uso, sugere-se a leitura de Low *et al.* (2010), que apresenta estudos que abordam a metáfora a partir do “mundo real”, para “além da mente”, numa perspectiva que articula o cognitivo ao discursivo, e de Vereza (2012). Esta última obra se trata de uma coletânea, em que os autores, ao discutirem os resultados de suas pesquisas à luz da TMC, ponderam sobre o lócus da metáfora, isto é, sobre o deslocamento do foco preponderantemente cognitivo para o cognitivo-discursivo nos estudos da metáfora conceptual.

Quanto à discussão sobre a relação entre metáfora e ideologia, sugere-se a leitura das obras de Goatly (2007) e Charteris-Black (2004). Em ambas, os autores preconizam que se deve investigar, com base na análise crítica da metáfora, como as metáforas, ao estruturarem o comportamento do léxico e da gramática de uma dada língua, ora representam, ora formulam as práticas sociais e ideológicas de uma dada comunidade de fala. Explicam, nesse sentido, que compreendem práticas discursivas/ideológicas na condição de temas da vida contemporânea relativos, por exemplo, às práticas médicas e legais, ao racismo, à urbanização, à ecologia, às práticas sexuais e seus abusos, entre outros.

No que diz respeito à dimensão retórico-cognitiva da metáfora, recomenda-se a leitura de Vereza (2016), como apoio para estudos que se debruçam sobre os efeitos argumentativos e, portanto, ideológicos, da metáfora – tanto cognitiva quanto linguística –, no discurso *on-line*.

Por fim, vale ressaltar a importância de se acompanhar o debate de questões relacionadas aos estudos da metáfora a partir de trabalhos e pesquisas apresentadas em encontros como *Association for Researching and Applying Metaphor* (RaAM), que se encontra em sua 14ª edição, e Congresso Internacional sobre Metáfora na Linguagem e no Pensamento, que se encontra em sua 6ª edição.

Referências

ALDRIGUE, Natália; ESPÍNDOLA, Lucienne. Expressões linguísticas metafóricas como recurso argumentativo em folders turísticos. *Veredas*, v. 2, p. 190-201, 2011.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. *Retórica*. São Paulo: Edipro, 2019.

AVELAR, Maíra. Gestos e metáforas multimodais: iconicidade, cognição e (inter)ação. In: ÁLVARO, Patrícia; FERRARI, Lilian. *Linguística cognitiva: pensamento, linguagem e cultura*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2017, p. 99-115.

- BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BLACK, Max. *Models and metaphors: studies in language and philosophy*. Cornell: Cornell University Press, 1962.
- CAMERON, Lynne. Identifying and describing metaphor in spoken discourse data. In: CAMERON, Lynne; LOW Graham. *Researching and applying metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 105-132.
- _____. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, Lynne; MASLEN, Robert. *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London: Equinox, 2010.
- CAMÕES, Luís. *Sonetos de amor*. São Paulo: Landy, 2002.
- CARNEIRO, Paulina de Lira. *Metáforas conceituais da corrupção na charge e no blog jornalístico*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- CARROLL, Gareth. Psycholinguistic approaches to figuration. In: SILVA, Augusto Soares. *Figurative language: intersubjectivity and usage*. Amsterdam: John Benjamins, 2021, p. 175-198.
- CAVALCANTI, Fernanda. Uma abordagem cultural das metáforas animais: uma relação entre teoria sociobiológica e gênero da expressão convencional cabra. *Linguagem em Foco*, v. 10, n. 12, p. 103-112, 2018.
- _____. Pessoas, flores e a conceptualização de beleza. In: Pelosi, Ana Cristina; Carneiro, Monica (orgs.). *Linguagem e pensamento: pesquisas reflexões e práticas*. São Luis: EDUFMA, 2019, p. 239-254.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.
- DEIGNAN, Alice. Corpus linguistic data and conceptual metaphor theory. In: ZANOTTO, Mara; CAMERON, Lynne; CAVALCANTI, Marilda. *Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 149-163.
- DEIGNAN, Alice; SEMINO, Elena; PAUL, Shirley-Anne. Metaphors of climate science in three genres: research articles, educational texts, and secondary school student talk. *Applied Linguistics*, v. 40, n. 2, p. 379-403, 2017.
- DIAS, Marcela Z. *Uma análise das representações sociocognitivas sobre a conquista do corpo fitness no discurso de mulheres no Instagram*. 2017.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

DIENSTBACH, Dalby. *Metaforicidade nos gêneros discursivos: a natureza das metáforas e sua relação com os tipos de discurso*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

_____. Metáforas na realização da subjetividade em sonetos. *Calidoscópico*, v. 16, n. 2, p. 286-293, 2018.

FARIAS, Cláudia Valéria Vieira Nunes. *Reenquadramentos cognitivo-discursivos em cartas de aconselhamento*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: CUP, 1997.

FERREIRA, Luciane C.; FLISTER, Catarina Valle; MOROSINI, Cassio. The representation of refuge and migration in the online media in Brazil and abroad: a cognitive linguistics analysis. *Signo*, v. 42, n. 75, p. 59-66, 2017.

FITZGERALD, Gareth. Language intuition. *The British Journal for the Philosophy of Science*, v. 61, n. 1, 2010.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: KRISTIANSEN, Gitte *et al.* *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 379-402.

GIBBS, Raymond W. Cognitive linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, future challenges. *DELTA*, v. 22, p. 1-20, 2006.

_____. *Metaphor wars: conceptual metaphor in human life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

GIBBS, Raymond W.; LIMA, Paula Lenz Costa; FRANÇOZO, Edson. Metaphor is grounded in embodied experience. *Journal of Pragmatics*, v. 3, n. 6, p. 1189-1210, 2004.

GOATLY, Andrew. *Washing the Brain: metaphor and hidden ideology*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. Dissertation (Doctor of Philosophy in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1985.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.

KENDON, Adam. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphor, we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC; Mercado das Letras, 2002 [1980].

LOW, Graham *et al.* *Researching and applying metaphor*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

MALTA, Flavia R. S. Silva. *Construção metafórica na mulher nas capas do jornal Meia-Hora*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

MEDEIROS, Ilana S. Metáforas situadas em charges sobre economia: multimodalidade e argumentação. *Signo*, v. 44, n. 78, p. 63-70, 2019.

MENDES, Lucia D. S. *O macaco, a banana e o preconceito racial: um estudo da metáfora no discurso*. 2016. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

MENDES, Paulo Henrique. Análise cognitivo-discursiva de Metáforas e Mesclas (Blends) multimodais presentes em um blog político brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 28, n. 3, 2020.

MÜLLER, Cornelia; CIENKI, Alan. Words, gestures, and beyond: forms of multimodal metaphor in the use of spoken language In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. *Multimodal metaphors*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009, p. 297-232.

MUSOLFF, Andreas. *Metaphor and political discourse: analogical reasoning in debates about Europe*. London: Palgrave Macmillan, 2004.

PELOSI, Ana Cristina; CARNEIRO, Monica (orgs.). *Linguagem e pensamento: pesquisa, reflexões e práticas*. São Luís: EDUFMA, 2019.

PELOSI, Ana Cristina; GABRIEL, Rosângela. Atitudes intolerantes erguem muros e impedem a construção de pontes: uma análise cognitivo-discursiva da emersão da metáfora sistemática no gênero artigo de opinião. *Signo*, v. 41, n. esp, p. 29-41, 2016.

- PIATA, Anna. When metaphor becomes a joke: metaphor journeys from political ads to internet memes. *Journal of Pragmatics*, v. 106, p. 39-56, dez. 2016.
- QUINTANA, Mário. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: O Globo, 1989.
- RAMANATHAN, Renugah; HOON, Tan Bee; PARAMASIVAM, Shamala. Metaphors in political tweets during national elections. *Social Sciences and Humanities*, v. 26, n. 2, p. 929- 944, 2018.
- REDDY, Michael J. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 284-310.
- RICHARDS, Igor. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.
- SILVA, Augusto Soares. Perspectivação conceptual e gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, v. 12, n. 1, p. 17-44, 2008.
- SIQUEIRA, Maity; GIBBS, Raymond. Children’s acquisition of primary metaphor: a cross-linguistic study. *Organon*, v. 43, p. 161-179, 2007.
- SIQUEIRA, Maity; GIL, Maitê; MELO, Tamara. Contribuições para a elaboração de testes psicolinguísticos: construção de uma lista de sentenças. *Gragoatá*, v. 15, n. 29, p. 127-145, 2010.
- SPERANDIO, Natália Elvira. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- STEEN, Gerard J. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. *DELTA*, v. 22, n. esp., p. 21-44, 2006.
- _____. What does “really deliberate” really mean?: more thoughts on metaphor and consciousness. *Metaphor and the Social World*, n. 1, p. 53-56, 2011.
- STEEN, Gerard, J. *et al. A method for linguistic metaphor identification*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- VEREZA, Solange. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Eduff, 2012.
- _____. “Metáfora é que nem”: cognição e discurso na metáfora situada. *Revista Signo*, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.
- _____. Mal comparando...: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. *SCRIPTA*, v. 20, n. 40, p. 18-35, 2016.

VEREZA, Solange; PELOSI, Ana Cristina; CARNEIRO, Mônica. The metaphoric framing of violence: systematic and situated metaphors in discourse. In: GABRIEL, Rosângela; PELOSI, Ana Cristina. *Linguagem e cognição: emergência e produção de sentidos*. Florianópolis: Insular, 2016, p. 195-216.

XIAQING, Li. Analysis of metaphor in ads from a cognitive perspective. *Advances in Social Sciences Research Journal*, v. 4, n. 47, p. 153-163, 2017.

ZANOTTO, Mara Sophia. As múltiplas leituras da “metáfora”: desenhando uma metodologia de investigação. *Signo*, v. 39, n. 67, p. 3-17, 2014.

ZANOTTO, Mara Sophia *et al.* Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ; Mercado de Letras, 2002.

CAPÍTULO 5

Pesquisas em estrutura informativa

Paulo Pinheiro-Correa

*“Tirávamos, assim, do esquecimento, de sua
inconcebível obscuridade, detalhes ignorados de
todos os geógrafos do mundo”*

(Saint-Exupéry, Terra dos Homens)

Introdução

A estrutura da informação pode ser compreendida como um dos âmbitos da pragmática, nível de análise linguística que se caracteriza por estudar elementos do contexto e da interação na comunicação. O termo “estrutura” remete aos aspectos formais da linguagem, como a sintaxe – entendida como a organização hierárquica de constituintes em determinada língua –, a morfologia ou a fonologia. O termo “informativa”, por sua vez, refere-se à contraparte pragmática, que lida com elementos que estão ligados à relação interpessoal entre enunciador e ouvinte ou entre autor e leitor.

Quando nos comunicamos oralmente ou por escrito, atendemos a algumas convenções do domínio da relação interpessoal que são compartilhadas pelos usuários da língua na qual estamos nos comunicando. O interlocutor tem variados graus de familiaridade com os diferentes assuntos de que tratamos em nossos enunciados. Devido a isso, o enunciador modifica a forma pela qual se refere ao seu conteúdo para sinalizar ao interlocutor propriedades pragmáticas que devem ser levadas em conta na interpretação do que está sendo comunicado, como, por exemplo, se os elementos do conteúdo são novos ou se já foram ativados na cognição do interlocutor no fluxo da comunicação.

El Zarka e Heidinger (2014) assinalam que muitos dados linguísticos podem ser compreendidos com mais propriedade se forem levadas em conta as propriedades informacionais das expressões linguísticas e, por isso, este é um campo que, tendo sido originado nos estudos da pressuposição em pragmática (STALNAKER, 1974; KARTTUNEN, 1974), hoje, consiste em um âmbito próprio de pesquisa e tem despertado cada dia mais interesse entre os pesquisadores.

Uma das mais tradicionais abordagens à estrutura informativa é o estudo do *status* informacional (PRINCE, 1981). Os elementos que fazem parte das orações que comunicamos podem ser classificados, no que diz respeito ao interlocutor, como novos, dados e inferíveis. Os primeiros são os elementos que constituem informação desconhecida para o interlocutor; os segundos correspondem a peças de informação já presentes cognitivamente para o interlocutor; e os últimos são peças de informação que, ao serem trazidas à comunicação, podem ser inferidas pelo interlocutor a partir de outros elementos já presentes. Um enunciador não expressa conteúdos novos para o interlocutor da mesma maneira que expressa conteúdos conhecidos. Isso se dá porque, a depender da língua, o enunciador sinaliza – em maior ou menor grau – como o interlocutor deve compreender aquela peça de informação que recebe no ato comunicativo. Esta sinalização, também chamada de “empacotamento da informação” (*information packaging*)

(CHAFE, 1976), varia segundo a língua, podendo influenciar a morfologia, a sintaxe ou a fonologia dos enunciados.

Assim, um determinado referente que o enunciador venha citando de maneira reiterada em seu enunciado termina por se estabelecer na relação interpessoal entre emissor e interlocutor como um *tópico* naquele ponto da situação de enunciação, porque é o candidato principal a ser o referente de qualquer coisa que se diga naquele momento. Ele é central naquele ponto da enunciação. Por outro lado, pode ser que o emissor decida trazer à comunicação um novo elemento. Para que o interlocutor compreenda que esse novo elemento é não central no enunciado, ou novo em relação aos outros referentes já ativados na comunicação, o enunciador pode lançar mão de recursos convencionalizados na língua que sinalizam essa informação – que não é de nenhum dos níveis de análise intraoracional. Pertence a um dos âmbitos da relação interpessoal, portanto, é do domínio da pragmática.

Um dos exemplos mais didáticos sobre a estrutura informativa é o da distinção existente em japonês entre tópico e sujeito em uma oração. O tópico, uma função informativa que será discutida na seção “Conceitos e unidades fundamentais de estudo”, e o sujeito, uma relação gramatical, muitas vezes correspondem ao mesmo sintagma nominal (SN) em uma oração, mas não tem sempre que ser assim. Estudos sobre correferenciação mostram que o tópico tende a ser omitido no fluxo de informação pelo fato de corresponder a uma peça de informação já ativada na situação de comunicação. No japonês, no entanto, ele tende a ser expresso e é sinalizado com uma partícula: *-wa*, enquanto, ao mesmo tempo, o sujeito não tópico tem uma partícula diferente a ele anexada: *-ga*.

Isso pode explicar a diferença entre as duas orações a seguir, apresentadas por Vermeulen (2012, p. 187), perfeitamente gramaticais, mas com valores pragmáticos diferentes em japonês:

(1a) *Taro-wa wain-o noda* (“O Taro tomou vinho”).

(1b) *Taro-ga wain-o noda* (no) (“O Taro tomou vinho”).

A primeira oração, (1a), ocorre em resposta a uma pergunta sobre o referente Taro, do tipo “O que o Taro fez ontem?”. Em (1a), o emissor sinaliza ao interlocutor que Taro deve ser entendido como tópico. Já (1b) ocorre em resposta a uma pergunta do tipo: “Quem tomou vinho?”, em que Taro é um sujeito sem caráter topical, já que a comunicação não é centrada nele.

Português de lá e de cá

No português europeu (doravante PE), há, notavelmente, uma maior incidência de sujeitos pós-verbais, inclusive em orações transitivas, em comparação com o português brasileiro (doravante PB). Se, no PB, a resposta mais comum à pergunta: “Quem quer o bolo?” é a que apresenta o sujeito em posição pré-verbal “Nós três queremos”, no PE, a resposta esperada é “Queremos nós, os três” (MARTINS; COSTA, 2016). Isso se explica pela diferença na estrutura informativa entre o PB e o PE. No PE, sujeitos não centrais no discurso, isto é, aqueles que não são tópicos, ocupam a posição pós-verbal. Nessa língua, é convencionalizado, entre os usuários, que a posição pré-verbal fica reservada para o tópico. No PB, tanto tópicos quanto sujeitos não tópicos tendem a ocupar a posição pré-verbal, o que mostra uma diferença na forma de sinalizar cognitivamente essas categorias ao interlocutor.

Curiosamente, o estudo de peças de teatro brasileiras do século XIX mostra-nos que o português corrente empregado no Brasil naquela época também obedecia ao procedimento de situar sujeitos não tópicos após o verbo. Veja o caso da peça *O demônio Familiar*, de José de Alencar, escrita em 1857, em que o personagem Eduardo convida Carlotinha a ir ao Teatro Lírico, no Rio de Janeiro, e tenta convencê-la fazendo referência a uma cantora lírica francesa muito reconhecida na capital do país à época, Charton:

Eduardo: Tenho pressa, não posso esperar. Queres ir hoje ao Teatro Lírico?

Carlotinha: Não, não estou disposta.

Eduardo: Pois representa-se uma ópera bonita. (Enche a carteira de charutos). Canta a *Charton*. Há muito tempo que não vamos ao teatro.

No exemplo, “a Charton”, um sujeito mencionado pela primeira vez, acomoda-se na posição pós-verbal, e, com isso, o autor sinaliza uma diferença no tratamento entre informação que corresponde a *tópico* e informação que corresponde a um sujeito não tópico, que é o caso de Charton. Aqui, “a Charton” corresponde a *foco informativo*, outra relação pragmática que caracteriza sujeitos novos no enunciado, ou sujeitos em orações nas quais toda a informação é nova, como neste caso.

Conceitos e unidades fundamentais de estudo

A comunicação oral e escrita é caracterizada por uma alternância entre informação conhecida pelo interlocutor e informação que este desconhece, com seus vários graus e matizes de (não) familiaridade e diferentes possibilidades de distribuição na sentença. A análise das unidades fundamentais de estudo e dos princípios e condições que regem essa tessitura informativa fina que se comunica diretamente com as possibilidades estruturais da sentença em uma língua é o objeto de estudo da estrutura informativa. Há vários conceitos teóricos inerentes que permitem ao pesquisador observar e compreender a forma como essa conexão entre informação e estrutura se dá. Vamos iniciar pelo que chamaremos de unidades fundamentais de estudo e, depois, analisaremos as condições que caracterizam a sua organização.

Há muita diversidade teórica entre os autores no que se refere à delimitação das unidades fundamentais que estruturam a informação e suas propriedades fundamentais. Nas próximas seções, vamos apresentá-las procurando seguir características consensuais entre a maioria dos autores: fluxo da informação, tema, tópico, foco e orações categóricas e téticas.

Fluxo da informação

A distribuição da informação nas trocas comunicativas tende a obedecer a um princípio, de acordo com o qual a informação conhecida é apresentada em primeiro lugar e é seguida da informação nova. Chafe (1987) propõe o conceito de *fluxo da informação*, por meio do qual procura explicar a razão para esse comportamento das línguas. Para o autor, a informação que é sucessivamente intercambiada na troca comunicativa tem diferentes graus de ativação na cognição dos interlocutores. Isso se deve a que:

A mente parece capaz de focar apenas uma pequena quantidade de conteúdo de cada vez, de maneira que o fluxo do pensamento necessariamente consiste de (*sic.*) ativações e desativações de ideias (CHAFE, 1992, p. 21, tradução nossa).¹

Assim, cada porção de informação em uma troca comunicativa, como um diálogo, por exemplo, é um elemento com um histórico de ativação (e desativação) na cognição do interlocutor. De acordo com essa ideia, as peças de informação – que contêm situações e referentes em si – são classificadas de acordo com o seu grau de ativação no momento em que são enunciadas, podendo ser: *ativas* (ocupam presumivelmente o foco da atenção do interlocutor), *semiativas* (informação que já foi ativa, que permanece latente e pode ser reativada) ou *inativas* (informação não antes trazida ao jogo cognitivo). A informação *ativa*, para Chafe (1992), é associada à ideia de informação dada, na classificação de Prince (1981), e a *inativa*, à de informação nova.

Tema

Na maioria das abordagens, *tema* é uma função informativa ligada diretamente à divisão entre informação nova e informação

¹ Do original, em inglês: “*The mind seems capable of focusing on only a small amount of content at one time, so that the flow of thought necessarily consists of successive activations and deactivations of ideas*”.

conhecida, que caracteriza a grande maioria (mas não a totalidade) dos enunciados em uma língua. Nestes casos, a oração apresenta uma porção de informação conhecida dos interlocutores e uma porção de informação que o emissor julga ser desconhecida pelo interlocutor. Em termos informativos, essa oração é binária, pois está dividida entre duas funções informativas: esse par é denominado tema-rema. Ao *tema*, corresponde a porção de informação conhecida ou dada, e ao *rema* corresponde a porção de informação desconhecida ou nova.

A estrutura informativa é altamente dependente do contexto, daí que as funções informativas só são reconhecíveis, na maioria das vezes, a partir do exame das características contextuais. Veja o exemplo:

(2a) Picasso pintou o *Guernica* em 1937.

Nessa oração, adaptada de Gutiérrez Ordóñez (1997), as funções sintáticas são facilmente reconhecíveis: o sujeito corresponde a “Picasso”, e “o *Guernica*” corresponde a um objeto direto. Do mesmo modo, as funções semânticas podem ser apreendidas a partir do exame do significado verbal: “Picasso” é um agente, e “o *Guernica*” é um tema afetado.² As funções informativas, por sua vez, podem, em certos casos, ser identificadas diretamente a partir da estrutura da sentença, mas, na maioria das vezes, sua identificação depende do exame de todo o contexto, quando se tratar da comunicação oral (em menor medida, isso vale também para a comunicação escrita). Se a oração é enunciada em resposta a uma pergunta do tipo: “Quando Picasso pintou o *Guernica*?”, o *tema* compreende todos os elementos anteriormente citados:

| | |
|---------------------------------------|-------------|
| (2b) Picasso pintou o <i>Guernica</i> | em 1937. |
| <i>tema</i> | <i>rema</i> |

² Em outras análises, também pode ser chamado de “paciente”. Esta discussão, semântica, está fora do escopo do assunto deste capítulo.

Ao ser informação dada, o tema pode ser eliminado da resposta (como acontece na maioria das vezes): “Quando Picasso pintou o *Guernica*?”

(2c) Em 1937.

Mas se a oração for uma resposta à pergunta: “O que que o Picasso fez?”, o tema vai se limitar à porção da oração que corresponde a “Picasso”:

| | | |
|------|-------------|-----------------------------------|
| (2d) | Picasso | pintou o <i>Guernica</i> em 1937. |
| | <i>tema</i> | <i>rema</i> |

O tema não deve ser confundido com o tópico. As duas noções podem sobrepor-se, mas são independentes.

Tópico

Tópico oracional *versus* tópico discursivo

Esta função está ligada à ideia de referência. Pode estar localizada no núcleo da oração ou na sua periferia. Chamaremos a primeira de *tópico (sentencial)* e a segunda de *tópico discursivo*, também chamada de *marco de referência*. Essas duas funções se correlacionam fortemente, mas têm propriedades distintas. Considere o exemplo a seguir, adaptado de Gutiérrez Ordóñez (1997, p. 40):

(3a) Curitiba é uma cidade dura.

Observamos que, na oração, falta algo, ainda que esteja bem-formada sintática e semanticamente. O que falta é o tópico discursivo, o elemento que dá a referência da afirmação: *Em que sentido/em relação a que é que se diz que Curitiba é uma cidade dura?* O tópico discursivo estabelece o âmbito cognitivo dentro do qual deve ser interpretada a afirmação. Nas palavras de Chafe (1976, p. 50, tradução nossa), o tópico, em geral, “restringe a

aplicabilidade da predicação principal a um certo domínio”.³ No exemplo, podemos estabelecer o âmbito do *clima* como o tópico discursivo, dizendo:

(3b) No que se refere ao clima, Curitiba é uma cidade dura.

Neste caso, o tópico não corresponde ao sujeito, “Curitiba”. Isso acontece também com o tópico oracional. Observe o título de uma famosa música francesa dos anos 1960:

| | |
|--------------------------|------------------------|
| (4) Moi | je pense encore a toi |
| eu | eu penso ainda em você |
| <i>tópico oracional</i> | <i>comentário</i> |
| “Eu ainda penso em você” | |

Exemplo semelhante observa-se no PB falado contemporâneo:

| | |
|-------------------------|-------------------------|
| (5) A sua irmã, | ela me falou a verdade. |
| <i>tópico oracional</i> | <i>comentário</i> |

O tópico oracional é um SN presente na periferia da oração que é completado pelo comentário, em uma estrutura binária, de maneira similar ao que ocorre com o par informativo tema-rema. Neste caso, o comentário corresponde a uma oração, e o tópico está localizado na sua periferia. Em ambos os exemplos, do francês e do português, a oração parece acomodar dois sujeitos, mas o primeiro constituinte não é o sujeito, e, sim, o SN que guarda a referência para interpretação do sujeito oracional, que, neste caso, corresponde ao pronome: *je* e “ela”.

Diferentemente dos tópicos discursivos, os tópicos oracionais ocupam o interior da oração. Quando estão presentes no interior da oração, correspondem ao sujeito. Porém, como vimos, nem todo sujeito é tópico. Retomando o exemplo sobre Picasso, em:

(6a) Picasso pintou o *Guernica* em 1937.

³ Do original: “*limit the applicability of the main predication to a certain restricted domain*”.

O exame da oração escrita isolada não permite saber nada sobre a estrutura informativa (na fala, pode haver marcas prosódicas convencionais que evidenciem a função informativa atribuída ao sujeito). Neste caso, apenas o contexto pode informar se o sujeito, “Picasso”, deve ser interpretado como tópico. Segundo Chafe (1992), as peças de informação que são mobilizadas na comunicação constituem nódulos de ativação na memória, em termos cognitivos. Essas peças são ativadas, desativadas e reativadas à medida que os assuntos se sucedem na interação. Assim, o elemento central para a comunicação e com alto grau de referencialidade é o constituinte oracional cognitivamente ativado naquele momento. Esse elemento corresponde ao tópico oracional. Seu grau de referencialidade é tão alto que o SN que o representa na oração frequentemente é omitido.

Se o exemplo (6a) for uma resposta à pergunta: “o que o Picasso fez de memorável?”, “Picasso” corresponde ao tópico. Como tópico, ele pode ser substituído por um pronome sem margem a grandes falhas na interpretação (exemplo 6b) ou mesmo ser omitido (exemplo 6c) por estar cognitivamente ativo e funcionar como marco de referência, desta vez, intraoracional:

(6b) Ele pintou o *Guernica* em 1937.

(6c) Pintou o *Guernica*.

Da mesma maneira que ocorre com o tópico discursivo, o exemplo (6c) só pode ser interpretado se houver um tópico nitidamente estabelecido entre os interlocutores no momento da enunciação.

Nem todo sujeito pré-verbal do PB corresponde a tópico. O sujeito pode vir a corresponder a uma peça de informação que não está estabelecida como referente na comunicação. Este é um caso de foco, próxima função a ser abordada.

Foco

Foco informativo *versus* foco contrastivo

A função informativa *foco* pode expressar informação nova ou, alternativamente, contraste. A primeira é denominada *foco informativo* e a segunda, *foco contrastivo*. Quando o usuário de uma língua tem uma peça de informação que corresponde a um conteúdo novo para transmitir para o interlocutor, ele deve proceder de acordo com a estrutura informativa de sua língua para inserir a peça adequadamente na comunicação. Há línguas nas quais os usuários sabem intuitivamente quais peças de informação inativas, como objetos e sujeitos novos no discurso – correspondentes ao *foco informativo* –, devem ser expressas em posição pós-verbal. Tal é o caso do espanhol, entre outras línguas.

O foco informativo caracteriza-se por um conteúdo de informação novo, inativo, que é acrescentado ao conhecimento compartilhado entre os interlocutores para suprir uma lacuna de informação. Na definição de Halliday (1967, tradução nossa), é através dele que “o falante assinala a parte [...] da mensagem que deseja que seja interpretada como informativa”.⁴

No PB, os focos informativos podem ocupar a posição pré-verbal – a mesma ocupada pelos tópicos. Ou seja, tanto elementos já estabelecidos no discurso quanto aqueles que eram inativos na interação até o momento em que foram enunciados podem ocupar a mesma posição. Veja o exemplo abaixo:

- (7a) — Quem comprou o refrigerante?
— O Cláudio comprou.

A exemplo das funções anteriores, o foco também se apresenta em uma relação binária com outra função, a *pressuposição*. Esta corresponde à porção pressuposta ou conhecida da oração.⁵

⁴ Do original: “the speaker marks out a part [...] of a message block as that which he wishes to be interpreted as informative”.

⁵ O foco informativo identifica-se com outra função previamente descrita neste capítulo, o rema.

No exemplo, “O Cláudio” corresponde ao foco informativo, aporta informação nova, e “comprou”, corresponde à pressuposição, conteúdo que já estava presente no que chamamos de conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Observe que a disposição entre as duas porções informativas na oração é foco-pressuposição:

(7b) — O Cláudio comprou.
 foco informativo *pressuposição*

Isso mostra que o foco informativo pode ocupar a posição pré-verbal no PB, coisa que, como dissemos, não é possível em outras línguas. Uma comparação com o espanhol vai mostrar essa característica do PB. O mesmo exemplo em (7a), se traduzido ao espanhol, teria uma diferente ordem de constituintes:

(7c) — ¿Quién compró la gaseosa?
 — La compró Claudio.
 pressuposição *foco informativo*

No exemplo, o foco informativo, mesmo correspondendo a um sujeito sintático, ocupa a posição pós-verbal. A posição pré-verbal é reservada aos tópicos, como observado, por exemplo, por Van Valin (1999), o que mostra que, no espanhol, a ordem de constituintes é fortemente condicionada pela pragmática.

No conhecimento compartilhado, pode haver conteúdos que o interlocutor julgue que estão errados. Neste caso, ele vai aportar uma peça de informação para corrigir a informação que considera que está errada. Esse tipo de aporte de informação nova que corrige, em vez de simplesmente acrescentar informação, é chamada, na literatura, de *foco contrastivo* (DIK, 1997). O mesmo exemplo de (7b), se corresponder a uma resposta a uma oração do tipo: “A Sílvia comprou o refrigerante?”, vai exibir um foco deste tipo:

(7d) — O Cláudio comprou.
 foco contrastivo *pressuposição*

Esse foco vem acompanhado de uma prosódia específica no elemento que entra para corrigir a peça de informação considerada equivocada no conhecimento do interlocutor. O foco contrastivo costuma ocupar a posição pré-verbal, nas diferentes línguas; não corre o risco de ser confundido com tópico, por sua prosódia específica, e, muitas vezes, manifesta-se por meio de recursos sintáticos adicionais, como as clivadas no PB:

- (7e) — Foi o Cláudio que comprou.
foco contrastivo *pressuposição*

Orações categóricas e téticas

Uma oração também pode ser constituída apenas de conteúdos novos, não pressupostos. Neste caso, a oração é chamada informativamente de *foco sentencial* (LAMBRECHT, 2000) ou de *oração tética* (SASSE, 2006). Esta não é binária em termos de estrutura informativa, o que significa que a oração inteira compreende uma única função informativa. As orações téticas estão longe de ser as mais comuns em qualquer língua. Nas línguas do mundo, predominam as orações categóricas, que são aquelas que têm estrutura informativa binária. Assim, as orações partidas informacionalmente em tema-remata, tópico-comentário e foco-pressuposição, discutidas anteriormente, são todas categóricas. As orações téticas não possuem essa divisão. Há línguas em que a diferença entre orações categóricas e téticas é funcional e parece relevante cognitivamente para os seus usuários, e há outras nas quais essa diferença não parece ser funcional.

Tal diferença, por exemplo, não é tão evidente no exame puro da sintaxe do PB, mas numa língua próxima, como o espanhol, há uma nítida diferença no nível da sintaxe oracional entre uma oração categórica e uma tética, como no exemplo a seguir. Nele, a *miss* de um país hispânico responde a uma pergunta difusa sobre como ela teria chegado à vitória, mesmo com poucos recursos materiais e culturais:

(8a) *En parte, me ayudó la Universidad Galileo, con un curso sobre la realidad nacional.*

No exemplo, o sujeito *la Universidad Galileo*, em destaque, aparece em posição pós-verbal, mesmo correspondendo semanticamente a um agente e fazendo parte de uma oração transitiva. Esses são fatores que propiciariam a localização pré-verbal de um sujeito desse tipo em PB. Considerando a interação entre sintaxe e pragmática, é convencional, no espanhol, que sujeitos de orações téticas sejam localizados na porção final.

As orações téticas estão relacionadas a uma de três situações: (a) expressam um estado de coisas no qual um actante pode estar inserido, mas não é um elemento preponderante daquela cena descrita pelo enunciador; (b) introduzem um novo actante no discurso, configurando uma oração existencial; ou, ainda, (c) são orações tradicionalmente analisadas como remáticas, em que, considerando a divisão informativa entre tema e rema, carecem de tema, sendo constituídas apenas de informação nova, o rema, o que é o caso do exemplo (8a). Por outro lado, se a oração fosse categórica, o sujeito tenderia a ocupar a posição pré-verbal, como no seguinte exemplo hipotético:

(8b) *La Universidad Galileo me ayudó em parte, con un curso sobre la realidad nacional.*

Essa frase ocorreria, por exemplo, como resposta a uma pergunta do tipo “Em que a Universidade Galileu a ajudou?”, na qual o referente “a Universidade Galileu” seria tópico, a peça de informação ativa (CHAFE, 1994), naquele ponto da interação.

Os sujeitos de orações téticas, de maneira geral, são componentes que não têm papel de referente discursivo, limitando-se a ser o referente do evento citado dentro daquela oração e não voltam a ser mencionados na enunciação. Sasse (2006) observa que a maioria das línguas românicas, entre muitas outras, apresenta a chamada inversão verbo-sujeito (VS), ou seja, sujeitos pós-verbais, para caracterizar as orações téticas, em oposição às categóricas,

que apresentam tipicamente sujeitos iniciais, pré-verbais. O recurso à ordem VS seria um procedimento destinado a sinalizar, para o interlocutor/leitor, o caráter tético da oração. Lambrecht (2000) chama a esse procedimento *detematização*, por meio do qual o emissor destitui o sujeito de traços que poderiam levar à falsa identificação dele como um tópico ou tema da oração, já que esta tenderia a ser a interpretação mais prototípica, dada a grande frequência das orações categóricas nas línguas.

Tipologias de estruturação informativa propostas na literatura

a) Li e Thompson (1976)

Entre os primeiros autores que exploraram a relação entre a estrutura linguística e a dimensão informacional nas línguas estão Li e Thompson (1976). Na obra *Subject and topic: a new typology of language*, os autores procuram explorar até que ponto as línguas poderiam divergir tipologicamente umas das outras, para além dos limites das suas diferenças sintáticas ou morfológicas, já discutidas por autores anteriores. Para isso, mostram que, em algumas línguas, a noção pragmática informacional de *tópico* pode ser mais básica – em termos de estruturação das orações – que a de *sujeito*, tradicionalmente reconhecida na linguística ocidental. Para os autores, as línguas “podem diferir nas suas estratégias de produção de sentenças, de acordo com a proeminência das noções de tópico e de sujeito” (LI; THOMPSON, 1976, p. 459). Assim, há línguas nas quais a estrutura básica das sentenças é articulada gramaticalmente como sujeito-predicado e outras cuja estrutura sentencial básica é articulada entre os elementos informacionais tópico e comentário. Exemplos de línguas do primeiro tipo são, por exemplo, o inglês e o espanhol, e uma língua do segundo tipo seria o mandarim. Outras línguas asiáticas, como o coreano e o japonês, por sua vez, exibiriam a estruturação tópico-comentário de forma gramaticalizada, lado a lado com a estruturação sujeito-predicado.

Quadro 1. Classificação das línguas

| Grupo | Exemplo de língua |
|--|---|
| De proeminência de sujeito | Famílias: indo-ariana, níger-congo, fino-úgrica, semítica |
| De proeminência de tópico | chinês, lalo, lisu |
| De proeminência de sujeito e de proeminência de tópico | japonês, coreano |
| Nem proeminência de sujeito nem de tópico | tagalog illocano |

Fonte: Elaboração do autor com base em Li e Thompson (1976, p. 460).

E o PB? Pontes (1987) identifica muitas orações típicas da nossa fala que se estruturam na combinação tópico-comentário. Isso não ocorre com a mesma frequência nem com a mesma produtividade em outras línguas tipologicamente semelhantes, como o italiano e o espanhol. Assim, de acordo com Pontes (1987, p. 27), o PB oral apresenta períodos como:

(9) O Cláudio, o fim de semana dele vai até segunda-feira.

Nesse exemplo, “O Cláudio” é *tópico*, ocupa a periferia esquerda da oração e demarca o âmbito cognitivo dentro do qual deve ser interpretado o *comentário*, que corresponde à oração inteira que o segue; o sujeito da oração é “o fim de semana dele”. Esse período corresponde, sintaticamente, ao típico exemplo de estruturação do período em línguas de proeminência de tópico, como no exemplo a seguir, do mandarim, do texto de Li e Thompson (1976, p. 462):

(10) *Nei-xie shùmu shù-shen dà*
 “aquela árvore tronco-árvore grande”.

No exemplo, o tópico corresponde a “aquela árvore”, e o sujeito é “o tronco”. A tradução seria “Aquela árvore, o tronco é grande”, que corresponde precisamente à estrutura do período do exemplo (9). Observe que, em PB, também poderíamos estruturar

a tradução no molde sujeito-predicado: “O tronco daquela árvore é grande”. Isso mostra que o PB apresenta as duas possibilidades, o que o aproximaria tipologicamente do japonês, de acordo com a classificação proposta por Li e Thompson (1976). Galves (1985) estende a observação de Pontes (1987) para o âmbito do português escrito e postula a possibilidade de estruturação de períodos no molde tópico-comentário como um dos grandes pontos de diferença do PB em relação ao PE, que não exibiria essa possibilidade de forma produtiva.

b) Lambrecht (1994)

A divisão apresentada nas seções anteriores, com os principais expoentes da estrutura informativa – como os pares tópico-comentário, foco-suposição e as sentenças téticas –, é revista por Lambrecht (1994), que propõe acomodar todas essas noções informativas em diferentes tipos de *estrutura focal* – foco no predicado, foco no argumento e foco sentencial – e demonstra que a articulação entre os diferentes constituintes se modifica de acordo com a configuração informativa.

Uma das contribuições mais notáveis de Lambrecht (1994) para a tipologia refere-se àquelas estruturas de foco sentencial ou téticas. O autor elabora uma tipologia das línguas baseando-se na forma como são estruturadas essas orações. Ele consegue mostrar uma diferença, pragmaticamente motivada, na estruturação básica de línguas como o inglês, o italiano, o francês e o japonês no modo de marcar essas sentenças. Assim, em uma resposta à pergunta “o que aconteceu?”, sem tópico e sem elementos pressuposicionais explícitos,⁶ cada uma dessas línguas apresenta uma estrutura gramatical diferente na resposta, que atua conjuntamente com a marcação prosódica, conforme os exemplos (LAMBRECHT, 1994, p. 223):

⁶ Sempre existirá a pressuposição aberta de que “algo aconteceu”.

- (11a) O que aconteceu?
 (11b) Inglês: *My car broke down.*
 (11c) Italiano: *Mi si e rotta (rotta) la macchina.*
 (11d) Francês: *J'ai ma voiture qui est en panne.*
 (11e) Japonês: *Kuruma ga koshoo-shi-ta.*
 “O meu carro pifou.”

O exemplo (11b) caracteriza as línguas de prosódia diferenciadora, geralmente aquelas com uma sintaxe considerada rígida, como o inglês. O sujeito ocupa a posição inicial com seu núcleo, *car*, marcado pelo acento de insistência.⁷ Já (11c) caracteriza as línguas que permitem produtivamente sujeitos finais (ordem VS), como o italiano e o espanhol. No exemplo, o sujeito *la macchina* não pode ocupar a posição inicial quando o foco é sentencial. O exemplo do francês (11d) mostra que há línguas nas quais sujeitos informativamente novos não podem ocupar a posição inicial, como o italiano, mas também não podem aparecer em posição pós-verbal. Neste caso, os usuários da língua recorrem ao recurso da clivagem, em que *ma voiture* é inserido no período não como sujeito, mas como objeto, em posição pós-verbal.

Finalmente, o exemplo (11e), do japonês, mostra que, quando o sujeito é novo e, portanto, não tem traços topicais, ele vem marcado pela partícula *-ga*, em contraste com uma sentença categórica de foco no predicado, em que o mesmo sujeito, sendo tópico, apareceria marcado com a partícula *-wa* (LAMBRECHT, 1994, p. 223), como também observamos na seção inicial deste capítulo.

⁷ O acento de insistência no inglês corre pela oração para assinalar o foco. A mesma oração, se fosse de foco no predicado, teria sujeito tópico e o acento de insistência recairia no predicado: *My car broke down.*

Quadro 2. Tipologia de estruturação de orações de foco sentencial proposta por Lambrecht

| Tipo de marcação | Exemplo de língua |
|---|--------------------|
| Prosódica – mobilidade do acento de insistência | inglês |
| Sintática – construção VS | espanhol, italiano |
| Sintática – clivagem | francês |
| Morfológica – partícula diferenciadora | japonês |

Fonte: Elaboração do autor com base em Lambrecht (1994).

O PB apresenta mais de uma possibilidade estrutural, dentre as estabelecidas por Lambrecht (1994), discutidas previamente. Para a pergunta “O que aconteceu?”, há respostas com diferentes ordenamentos:

- (12a) O carro pifou.
- (12b) Pifou o carro.
- (12c) (É) o carro, que pifou.

A resposta, em (12a), estrutura-se na ordem sujeito-verbo-objeto (SVO), com o sujeito informativamente novo em posição inicial (à diferença do italiano); (12b) apresenta o sujeito informativamente novo em posição pós-verbal (à diferença do inglês e do francês); e, em (12c), o recurso à clivada (similar ao do francês), pelo que uma tentativa de classificação tipológica do PB, ficaria inconclusa no que diz respeito a esse conjunto de propriedades.

c) Van Valin (1999)

Van Valin (1999), baseando-se na ideia de estrutura focal de Lambrecht (1994), propõe uma tipologia que leva em conta a rigidez ou a flexibilidade da ordem de palavras e a rigidez ou a flexibilidade da estrutura focal. Esses dois fatores devem ser entendidos com um *continuum* de línguas de sintaxe mais

rígida a menos rígida, com o inglês como exemplo de língua do primeiro tipo e o russo, o polonês e o latim como exemplos de línguas no outro espectro.

Com relação à estrutura focal, línguas de estrutura focal rígida correspondem àquelas nas quais constituintes informativamente novos não podem aparecer em certas posições. Por outro lado, línguas de estrutura focal flexível permitem que tais constituintes novos (associados ao foco informativo) possam aparecer em qualquer ordem de palavras dentro da oração. O italiano, o espanhol e o francês são exemplos de línguas de estrutura focal rígida, já que, como vimos anteriormente, não admitem focos informativos em posição pré-verbal, posição reservada a constituintes informativamente dados, tópicos. Já línguas como o inglês e o russo são exemplos de línguas de estrutura focal flexível.

A combinação desses dois fatores permite ao autor classificar as línguas em quatro grupos:

- (a) Línguas de sintaxe rígida e estrutura focal rígida. Um exemplo é o francês. Nela a ordem básica SVO não se altera, mas também o foco informativo não pode ser associado a qualquer constituinte da sentença, tem que ser pós-verbal, o que justifica o recurso à clivagem, como vimos no exemplo (12d).
- (b) Línguas de sintaxe rígida e estrutura focal flexível. Um exemplo é o inglês. A ordem básica SVO não se altera produtivamente, salvo em casos específicos, mas a marcação prosódica do foco informativo tem mobilidade e pode correr pela sentença, fazendo o foco recair em qualquer constituinte, seja inicial, medial ou final.
- (c) Línguas de sintaxe flexível e estrutura focal rígida. Este seria o caso do italiano, do espanhol e das línguas bantu sesotho e setswana, entre outras. Nelas, ordens diferentes de SVO são bastante produtivas, a ponto de, no caso do espanhol, poucos autores postularem a existência de uma ordem básica de constituintes. Isso se deve à pragmá-

tica, que parece determinar a ordem de constituintes, impedindo a atribuição de foco informativo em posição inicial, como vimos no exemplo (12c).

- (d) Línguas de sintaxe flexível e estrutura focal flexível. Este é o grupo mais problemático da proposta. Dois exemplos são o russo e o polonês. O autor mostra, no entanto, que a ordem livre, nessas línguas, é relativa, já que existem padrões a serem seguidos dependendo do tipo de sentença (VAN VALIN, 1999, p. 11), mas que, se comparadas com outras línguas, estas se encaixariam neste grupo, dentro da ideia de *continuum* proposta por ele.

Quadro 3. Tipologia de línguas proposta por Van Valin

| Ordem de constituintes | Estrutura focal | Exemplo de língua |
|------------------------|-----------------|--------------------|
| flexível | flexível | russo, polonês |
| flexível | rígida | espanhol, italiano |
| rígida | rígida | francês |
| rígida | flexível | inglês |

Fonte: Elaboração do autor com base em Van Valin (1999).

O cruzamento de critérios proposto por Van Valin (1999) consegue captar algumas características do PB. Se fôssemos classificar a língua no que diz respeito à sua estrutura focal, os exemplos (15b a 15d), já comentados, mostram que se trata de uma língua de estrutura focal flexível. Quanto à sintaxe, esta já é de classificação mais difícil, uma vez que a classificação de Van Valin se revela simplista frente ao caso do português brasileiro, cuja complexidade é demonstrada na literatura pertinente sobre a sintaxe da língua.

Como fazer pesquisa em estrutura informativa?

Uma pesquisa na área de estrutura informativa deve começar com uma pergunta instigadora, que pode ser a respeito de uma língua específica ou do comportamento de um componente da estrutura informativa em diferentes línguas ou em diferentes grupos de usuários de uma mesma língua, como, por exemplo, crianças *versus* adultos. O referencial teórico também pode variar. Existem estudos sobre componentes da estrutura informativa desenvolvidos no referencial teórico gerativista, da linguística discursivo-funcional e da gramática de construções baseada no uso, por exemplo, entre muitas outras abordagens.

Um ponto importante é obter sensibilidade para a questão das estruturas marcadas para diferenciá-las das estruturas não marcadas de uma língua (GIVÓN, 1990). Os usuários de uma língua, de maneira geral, não percebem a marcação linguística que fazem quando organizam em orações os conteúdos que vão transmitir, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita. Porém, se determinado conteúdo que poderia ser transmitido de uma maneira mais convencional é veiculado por uma forma linguística ou construção diferente, isto geralmente é sinal de que o usuário da língua está usando uma estruturação marcada para se expressar. A marcação sinaliza, ao interlocutor, que aquela oração contém mais informação para além do significado semântico do que se diz e veicula também um conteúdo que é de ordem pragmática, do conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

A marcação, no que se refere à estrutura informativa, aparece nos exemplos que demos neste capítulo: uma ordem de palavras diferente daquela que é a mais frequente; uma prosódia que chama a atenção sobre determinado constituinte ou uma estrutura diferente na qual determinado constituinte é encaixado, como no caso das clivadas. O pesquisador em estrutura informativa deve estar atento, a todo instante, aos efeitos interpretativos das orações que está analisando, já que estes determinam, para o interlocutor, a maneira como ele deve compreender as orações que recebe.

Uma boa maneira de começar uma análise na área da estrutura da informação é estudando um *corpus*, que pode ser oral ou escrito, a depender do objeto de estudo. Se o objetivo for o estudo da marcação sintática da estrutura informativa, o *corpus* não precisa ter a contraparte sonora. Por outro lado, a análise da contraparte sonora permite, muitas vezes, desfazer ambiguidades no que diz respeito à marcação de determinados elementos da estrutura informativa, uma vez que estes não são de fácil identificação à primeira vista – em nenhuma língua – e menos ainda naquelas línguas que não têm estruturas ou posições da sentença dedicadas a determinadas funções correspondentes às de “pragmática flexível”, na denominação de Van Valin (1999).

Da mesma maneira, é necessário conhecer o que já foi dito sobre o assunto na literatura existente, assim, é possível saber onde o trabalho se encaixa no discurso científico. Ele se insere na corrente que estuda qual assunto? No diálogo com os estudos anteriores suas primeiras observações fazem com que o trabalho se antagonize ou corrobore resultados anteriores? Que lacunas ele vem completar?

Cada componente da estrutura informativa deve ser analisado como um universo em si mesmo, com as complexidades e os desenvolvimentos que a sua análise suscitar. Não é possível analisar a estrutura informativa como um todo, dada a abrangência do campo. No entanto, também é necessário não perder de vista que os diferentes componentes da estrutura informativa interagem entre si, de maneira que um conteúdo veiculado de um interlocutor a outro chegue dosado entre a carga de informação semântica e a informação pragmática de como aquilo deve ser interpretado, de maneira a reduzir a ambiguidade inerente a toda comunicação humana.

Exemplos de pesquisa

Discutiremos, nesta seção, três exemplos de pesquisa na área de estrutura informativa, de diferentes referenciais teóricos. A primeira, sobre aquisição de línguas; a segunda, sobre a tradução

de funções informativas; e a terceira, sobre o comportamento das orações téticas no PE e no PB.

Baseando-se nos pressupostos teóricos da linguística cognitivo-funcional, Tenuta e Oliveira (2015) elaboraram um estudo sobre como o discurso impacta as escolhas linguísticas de aprendizes brasileiros de inglês. As autoras buscavam, especificamente, determinar se os estudantes testados demonstravam sensibilidade à estrutura temática das sentenças e à dinâmica textual determinada pelo *status* informacional dos elementos no texto. A hipótese de partida foi de que os alunos teriam pouca consciência de como se dá a interação entre sintaxe e discurso e, assim, não conheceriam princípios que regem a dinâmica textual. Tal conhecimento poderia transparecer através do uso de construções com outros arranjos sintáticos possíveis, diferentes da ordem básica SVO, que seriam determinados pela estrutura informativa. Para as autoras,

a fluência[,] em qualquer língua[,] implica, entre outros fatores, em (*sic.*) se ser capaz de mover os constituintes da sentença, gerando correspondência não direta entre sintaxe e semântica, como, por exemplo, através do uso da voz passiva ou de outra estrutura movida (TENUTA; OLIVEIRA, 2015, p. 403).

A metodologia do estudo foi experimental *off-line*, isto é, sem medição dos tempos de resposta, de desenho simples: as autoras selecionaram 46 estudantes de graduação da sua universidade. Elas não especificaram o nível de conhecimento de inglês do grupo. Para a elaboração dos exercícios a serem propostos, basearam-se nos padrões de estruturação temática propostos por McCarthy (1991), que procura descrever as articulações de tema e rema em textos escritos mais comuns no inglês, e visaram a detectar, entre outros aspectos da estruturação informativa, por exemplo, a percepção da necessidade de usar uma ordem de palavras diferente de SVO para atender a demandas discursivas específicas.

O teste consistiu na resolução de dez exercícios, nos quais eram testados os conhecimentos declarativo e procedimental⁸ dos participantes. A tipologia dos exercícios envolvia detectar qual passagem de um texto, com estruturas temáticas alteradas, era percebida como sendo de leitura mais fluente; produção de orações com base em itens lexicais para observação da habilidade da progressão informativa e escolha da sentença mais apropriada em determinado contexto linguístico, entre arranjos de estrutura informativa diferentes. Os resultados confirmaram a hipótese de partida e mostraram que os aprendizes testados ainda não tinham desenvolvido sensibilidade aos requerimentos pragmáticos que promovem alterações na ordem de palavras no inglês, entre outros achados.

Já Pinheiro-Correa (2018), em um trabalho que busca explorar os limites do “dizível” em português brasileiro, em termos de estrutura informativa, compara a articulação entre pragmática e sintaxe nessa língua e no espanhol, por meio do estudo de duas traduções diferentes ao espanhol do conto brasileiro “Corações Solitários”, de Rubem Fonseca, publicado em *Feliz Ano-Novo* (1975).

O trabalho foi baseado na diferenciação informativa entre enunciados téticos e categóricos (LAMBRECHT, 1994; SASSE, 2006). A metodologia foi a seguinte: o autor utilizou o programa informático *YouAlign* (*Terminotix, Inc*) para criar um *corpus* paralelo para comparar, lado a lado, as orações das duas traduções publicadas em espanhol do conto, uma na Argentina, em 1978, e outra no Chile, em 2014. O intuito não era de descrição sociolinguística, e, sim, de exploração das maneiras de expressar o mesmo conteúdo, por meio de diferentes recursos de estrutura informativa disponíveis na mesma língua e, ao mesmo tempo, explorar as características de estruturação da informação no

⁸ Considera-se que o conhecimento declarativo esteja relacionado à habilidade de produzir enunciados sobre conceitos, objetos, teorias e processos e que o conhecimento procedimental seja detectado através de habilidades cognitivas necessárias para realizar determinada tarefa, como estabelecer relações e fazer inferências.

português brasileiro contemporâneo frente aos recursos disponíveis em outras línguas românicas, como o espanhol.

Tomando como ponto de partida a tradução de 1978, o autor comparou a ordem de sujeitos pronominais e plenos em relação ao verbo, considerando a seguinte possibilidade de ordem de palavras: a) sujeito anteposto ao verbo; b) sujeito posposto ao verbo em posição não final na oração; e c) sujeito posposto ao verbo em posição final de oração. Os dados foram selecionados entre aqueles que apresentaram diferença na ordem entre a tradução de 1978 e a de 2014.

As discrepâncias de ordem de palavras deram-se tanto em orações téticas, aquelas nas quais o sujeito não é referencial, como vimos na seção dedicada ao tema, quanto categóricas. Os resultados mostraram diferentes soluções dadas pelos tradutores:

- a) Recursos que preservavam a estrutura informativa atribuída a determinado enunciado no original e outros que a mudavam sensivelmente procurando adaptá-lo aos modos de articulação entre pragmática e sintaxe mais esperados no espanhol. Todos os casos foram de téticas. Um exemplo é:

(13a) Original: *Eu trabalhava em um jornal popular como repórter de polícia.*

(13b) 1978: *Trabajaba yo en un diario popular, como reportero de la sección Policiales.*

(13c) 2014: *Yo trabajaba en un diario popular como reportero policial.*

A oração abre o conto. É uma tética na qual todos os seus elementos são informativamente novos e têm a função de introduzir os referentes que poderão vir a formar uma cadeia topical. No original, a posição inicial é ocupada por “eu”, um elemento totalmente novo. O conjunto de dados mostra que há casos, no PB, em que a estrutura informativa é subespecificada na sintaxe, e cabe ao tradutor decidir o que fazer, já que a teticidade é especificada

no espanhol. A tradutora de 1978 escolheu revalidá-la como tética, por meio da localização pós-verbal do sujeito, enquanto o tradutor de 2014 a especificou como categórica, localizando o sujeito em posição pré-verbal, onde o pronome é necessariamente interpretado como tópico (VAN VALIN, 1999).

- b) Casos em que o tradutor mudou a função sintática de referentes para preservar a ordem de constituintes do original. Houve casos de orações téticas e categóricas. Um exemplo é o seguinte:

- (14a) Original: *Um menino rico é roubado pelos ciganos e dado por morto.*
(14b) 1978: *Un niño rico es robado por los gitanos y lo dan por muerto.*
(14c) 2014: *A un chico rico lo roban unos gitanos y lo dan por muerto.*

A oração corresponde ao início de uma história que uma personagem começa a contar, correspondendo, mais uma vez, a uma oração tética. Tem estrutura passiva, que é aproveitada na tradução de 1978. A localização pré-verbal de *un niño rico* não é canônica no espanhol e contrária, por exemplo, a classificação de Van Valin (1999). O tradutor de 2014 preserva a localização pré-verbal do referente, mas desfaz a passiva, transformando o sujeito em objeto. Com isso, a estrutura informativa da oração passa a ser categórica, dividida em tópico e comentário.

- c) Casos em que a sensibilidade à estrutura informativa promoveu alterações da sintaxe do original para obter os mesmos efeitos informativos daquele:

- (15a) Original: *Os charutos eram ordinários, estávamos no verão, de janelas fechadas, e o aparelho de ar-condicionado não funcionava bem.*
(15b) 1978: *Los habanos eran ordinarios, estábamos en verano, con las ventanas cerradas y el aparato de aire acondicionado que no funcionaba bien.*

(15c) 2014: *Los puros eran ordinarios, estábamos en verano, con las ventanas cerradas, y el aire acondicionado no funcionaba bien.*

No original, o SN “o aparelho de ar-condicionado” faz parte do fundo da cena, não é um referente, mas aparece anteposto ao verbo na oração. A tradutora da versão de 1978 evitou a aparição desse elemento não referencial como sujeito pré-verbal, por meio da adição da conjunção “*que*”. Na versão de 2014, o tradutor desconsiderou os impedimentos à localização pré-verbal de sujeitos não referenciais e manteve a sintaxe do original.

As discrepâncias assinaladas nos dados mostraram que a sintaxe do PB é, às vezes, subespecificada para questões de estrutura informativa e permite diferentes interpretações por parte dos tradutores, e que certas ordens de constituintes do PB têm que ser adaptadas para atender aos requerimentos informacionais no espanhol, apesar da propalada semelhança tipológica entre as línguas.

Kato e Martins (2016), em um estudo dentro do referencial teórico da linguística gerativa, apontam uma diferença na expressão das orações téticas entre PB e PE, de acordo com a qual as sentenças categóricas têm a mesma ordem de constituintes SV(X) nas duas línguas, porém as téticas podem apresentar diferenças. A metodologia empregada no texto foi a comparação da ordem de palavras em sentenças categóricas e téticas no PB e no PE, com julgamento de gramaticalidade. Assim, as autoras escolhiam as orações comparadas para compor sua argumentação, assinalando os exemplos que eram considerados agramaticais nas estruturas informativas correspondentes. Alguns exemplos das autoras (o itálico nos sujeitos foi acrescentado por nós):

(16) Passaram *poucos alunos* no exame.

(17) Viajou comigo *um cantor de rock*.

De acordo com elas, esses dois exemplos de orações téticas de sujeitos pós-verbais são aceitáveis tanto no PB quanto no PE.

Já os dois seguintes são de téticas de sujeitos pré-verbais nas quais a leitura tética é mantida no PB, mas que favorecem uma leitura categórica no PE, a exemplo do que acontece com o espanhol, como comentado no item acima (KATO; MARTINS, 2016, p. 12):

(18) *O Paulo* chega hoje.

Em (18), que é uma oração com verbo inacusativo,⁹ o sujeito, se fosse pós-verbal, seria plenamente aceito em PE e em PB para uma leitura tética (como em “chegou a primavera”, exemplo das autoras), mas a posição pré-verbal do sujeito favorece uma interpretação categórica no PE (em que “O Paulo” seria tópico), pois, segundo as autoras, a posição confere ao elemento a função informativa de tópico. Ainda de acordo com elas, não há problemas com a leitura tética desse exemplo no PB.

O *status* pré-verbal dos sujeitos de determinadas orações téticas é reforçado pela impossibilidade de haver sujeitos pós-verbais em certas construções téticas no PB:

(19) **Correram 100 atletas* a maratona.

Essa oração é considerada adequada como tética no PE e inaceitável no PB. Neste caso, o sujeito da oração tética teria, forçosamente, que ser pré-verbal.

As autoras observam que, no que se refere à expressão de sentenças téticas, o PE é “menos restritivo” que o PB, ao oferecer mais instâncias de uso da ordem VS com verbos diferentes dos intransitivos. E no PB, nas sentenças equivalentes, o falante “geralmente recorre à ordem não marcada SV(X)” (KATO; MARTINS, 2016, p. 12). A conclusão das autoras é de que, no PB, há mais restrição à ordem VS, o que leva ao maior uso da ordem SVO em diferentes situações.

⁹ Verbos intransitivos cujos sujeitos são não agentivos. São apontados, na literatura, como os típicos verbos que aceitam com mais facilidade sujeitos pospostos no PB. Exemplos desses verbos são “morrer”, “cair” ou “acabar”.

Temas atuais e novas direções

O português brasileiro oferece inúmeras possibilidades de exploração no campo da estrutura informativa. Entre as questões que têm recebido atenção dos pesquisadores estão as formas de marcação de foco, se existe marcação de teticidade, e a relação entre estrutura informativa e prosódia nessa língua. Também estão na agenda dos pesquisadores os mecanismos de marcação de funções informativas presentes nas línguas indígenas brasileiras, que, normalmente, se valem de recursos tipologicamente distantes daqueles encontrados em línguas como inglês ou espanhol. No que diz respeito à metodologia, a análise de *corpus* é a ferramenta mais comum na área, e, no panorama contemporâneo, despontam as pesquisas em psicolinguística experimental, com tarefas, por exemplo, de leitura automonitorada e testes de reconhecimento acústico e de rastreamento ocular. Outro campo de estudo de recente desenvolvimento é o da aquisição da estrutura informativa.

No que se refere às formas de marcação de foco, algumas estruturas ou construções do PB têm sido apontadas como relacionadas à marcação de foco contrastivo. Esse é o caso das estruturas clivadas – já discutidas anteriormente –, bem como as pseudoclivadas e as chamadas “foco-ser”. Um caminho de pesquisa contemporâneo seria avançar na discussão sobre se existe uma relação entre tipos de foco e estruturas específicas e se as clivadas, por exemplo, estão sempre relacionadas a algum tipo de marcação de estrutura informativa.

Quanto à teticidade, vimos que, em um grande número de línguas, as orações téticas são formalmente marcadas para se diferenciar das orações categóricas, estas últimas sendo divididas informacionalmente em tópico-comentário ou foco-suposição, por exemplo. Tendo em vista que a teticidade é uma categoria cuja existência é cada dia menos controversa (SASSE, 2006), uma das perguntas de pesquisa a respeito do PB é se nessa língua a teticidade pode ser entendida como uma categoria funcional

operando cognitivamente em algum nível e quais seriam as estruturas pelas quais é expressa (PINHEIRO-CORREA, 2020).

Outra linha de estudos bastante promissora é a que investiga a marcação prosódica das funções informativas. Existiria uma marcação prosódica especial no PB capaz de caracterizar os diferentes tipos de foco, diferenciando, por exemplo, o foco sentencial, quando o foco corresponde a toda uma sentença, do foco informativo? E o foco contrastivo? Há muito, percebe-se que essas diferentes funções informativas têm uma prosódia própria. Há equipes de pesquisadores que procuram detectar e descrever os possíveis padrões tonais que caracterizam cada um desses focos. Os trabalhos de Gonçalves (1999) e de Carnaval, Moraes e Rilliard (2018) são exemplos dessa linha de pesquisa.

As línguas indígenas brasileiras oferecem um rico campo de exploração para a descrição de estruturas empregadas para expressar funções informativas, como o foco. Como exemplo, há trabalhos sobre marcação de foco morfológico e sintático no tupinambá, no katukina-kanamari, no karitiana e no sateré-mawé. A marcação prosódica de funções informativas nessas línguas, por outro lado, ainda é um campo em desenvolvimento.

Como lembram El Zarka e Heidinger (2014, p. 6), o estudo de *corpora*, em si, não é suficiente para detectar as múltiplas maneiras pelas quais as diferentes línguas podem manifestar questões de estrutura informacional, ainda mais se considerando que a grande maioria das línguas do mundo não tem *corpora* suficientemente abrangentes para incluir os tipos estruturais geralmente relacionados à expressão da estrutura informativa. Assim, estudos no âmbito da psicolinguística experimental podem complementar e, inclusive, iluminar questões que os *corpora* não revelem. No que diz respeito a estudos experimentais realizados sobre o PB, Silva e Fonseca (2018), por exemplo, testaram se os participantes do experimento reconheciam as diferenças prosódicas entre sintagmas determinantes (DPs) topicalizados, como “O álbum de retratos, Alice guardou na gaveta” e sujeitos que as autoras consideraram não tópicos, como “O álbum de retratos foi

guardado na gaveta”. Outro teste realizado pelas autoras consistiu na leitura automonitorada de sentenças com objetos topicalizados e sujeitos não topicais, para investigar se havia diferença nos tempos de leitura nos tipos de DP, o que seria indício de que a prosódia poderia guiar o processamento linguístico das diferentes categorias. Outras técnicas experimentais de laboratório, como o rastreamento ocular (*eye tracking*), também têm sido usadas no estudo do processamento da estrutura informativa. Este é o caso do trabalho de Alves e Oliveira (2015), que analisaram o processamento das clivadas de sujeito e objeto no PB.

Outro aspecto de recente interesse é o da aquisição da estrutura informativa. A grande maioria dos estudos sobre aquisição da linguagem, tradicionalmente, foca a fonologia e a morfossintaxe, mas já existe um conjunto de estudos que foca a sensibilidade de crianças para a ordem de constituintes ou suas escolhas prosódicas e sintáticas para marcar foco, de diferentes perspectivas teóricas. O intuito é o de determinar em que momento do desenvolvimento da linguagem a criança começa a processar informações do âmbito informativo. Chen (2011) propõe que a marcação de tópico ocorre antes da marcação de foco em crianças falantes do holandês. Para o PE, Costa e Szendrői (2006) testaram a sensibilidade de crianças e de adultos quanto à marcação de foco sintática e prosódica e concluíram que a criança portuguesa tem facilidade para identificar a marcação sintática, mas não processa adequadamente o foco prosódico, diferentemente do que ocorre com crianças de outras línguas. Sobre o PB, também começa a haver pesquisas sobre o assunto. Souza e Name (2018), por exemplo, pesquisaram se crianças de três a cinco anos reconheciam a marcação prosódica de foco contrastivo. Os resultados foram que as crianças testadas eram mais sensíveis à percepção do foco prosódico no objeto que no sujeito, sugerindo uma aquisição progressiva do foco. Esses resultados assinalam o estudo da aquisição da estrutura informativa como outro campo promissor de pesquisa.

Sugestões de leitura e materiais

Nesta seção, sugerimos algumas leituras para os estudantes interessados em se aprofundar no tema das funções informativas e da articulação entre pragmática e sintaxe.

O tópico no português do Brasil (PONTES, 1987) é uma coletânea de artigos da mesma autora, no qual ela discute a existência de construções de tópico no português brasileiro. Com essa publicação, a autora coloca, definitivamente, na agenda de pesquisa brasileira, a discussão sobre as funções informativas. No livro, ela se vale da tipologia de Li e Thompson (1976) para discutir as características estruturais do português brasileiro contemporâneo, que vem a ser classificado como uma língua de proeminência de tópico e de sujeito. Da mesma maneira, com abundantes exemplos, a autora apresenta, com profundidade, características diferenciadoras das construções de tópicos observadas na língua.

A ordem de palavras no português (PEZATTI, 2014) é um livro que propõe uma incursão pelo terreno da ordem de palavras no português, um tema bastante controverso na literatura, uma vez que, por exemplo, a atribuição de foco pode se dar, a princípio, em qualquer ponto da sentença. Isso faz a língua se caracterizar como de pragmática flexível de acordo com a classificação de Van Valin (1999). Por outro lado, a língua exhibe características sintáticas de ordenação de constituintes dos diferentes grupos linguísticos propostos por Lambrecht (1994). Baseando-se nos princípios da gramática discursivo-funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a autora investiga uma motivação de base informativa para os diferentes ordenamentos de constituintes da língua.

Temas, remas, tópicos, focos y comentarios (GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, 1997) é um breve livro que traz uma discussão acessível, em espanhol, sobre os componentes básicos da estrutura informativa. Apresentando seus aspectos estruturais e funcionais, que podem ser aplicados para outras línguas, o autor elucida, do seu ponto de vista, características diferenciadoras de cada conceito,

o que oferece bases sólidas para um melhor entendimento destas funções em português. Chama especial atenção a nítida distinção entre os pares informativos tema-rema e tópico-comentário.

“A relação entre sintaxe e discurso no ensino de línguas estrangeiras” (PINTO, 2009) é um artigo elaborado no âmbito da linguística gerativa, no qual o autor discute, de maneira acessível, questões de estrutura informativa que podem influir no processo de aprender uma língua adicional. Além disso, compara orações que podem ser produzidas em língua estrangeira por brasileiros, que, mantendo a ordem de constituintes da língua materna, veiculam os conteúdos com uma estrutura informativa diferente.

No que se refere aos recursos para a pesquisa, há grupos dedicados a elaborar *corpora* de língua oral e escrita e disponibilizá-los na internet. Entre eles, o grupo do projeto C-Oral Brasil, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem desenvolvido estudos na área de estrutura informativa (<http://www.c-oral-brasil.org/>), entre outros campos. O *corpus* C-Oral Brasil faz parte de um amplo projeto em consórcio com diversas universidades europeias, o C-Oral Rom (<http://www.elda.org/en/proj/coralrom.html>). O projeto é destinado a produzir *corpora* de língua em uso com os mesmos critérios, de maneira que estes possam ser comparáveis entre as diferentes línguas em que foram produzidos. No *site* do C-oral Brasil, há links para diversos *corpora on-line* produzidos no âmbito do projeto brasileiro, para publicações e para outros materiais de pesquisa.

No exterior, há grupos dedicados especificamente ao estudo de funções informativas, com páginas *web* estabelecidas na internet, nas quais se pode encontrar muitos materiais para estudo. Um deles é o grupo *Information structure: The linguistic means for structuring utterances, sentences and texts*, sediado na universidade de Potsdam, Alemanha (<http://www.sfb632.uni-potsdam.de/>). Esse grupo é formado por estudiosos de diferentes universidades, e o seu *site*, em inglês, oferece *links* a publicações do grupo, bem como a *corpora* anotados informativamente, de diferentes línguas, e também a materiais para a pesquisa na área.

Iniciando uma pesquisa em estrutura informativa

Um dos primeiros passos para iniciar um projeto-piloto no estudo da estrutura informativa é compreender as dimensões que envolvem os conceitos deste âmbito de estudo. O estudante vai notar que há muita ambiguidade no tratamento dos termos, por exemplo, tópico e foco. Muitos trabalhos contradizem-se frontalmente na concepção e tratamento dessas noções. A primeira tarefa do estudioso é compreender a definição do termo que melhor se adapte ao trabalho que precisa desenvolver com seus dados e verificar se tal definição tem fundamentação teórica adequada. Depois de obter uma definição segura daquele componente que deseja estudar, é necessário ser capaz de descartar aquelas definições encontradas na literatura que não sejam suficientemente fundamentadas ou que contradigam a concepção teoricamente adequada para a sua pesquisa.

No que se refere à metodologia, o conhecimento de estratégias de estruturação da informação em diferentes línguas permite a comparação entre seus dados e os de outras línguas e constitui um procedimento metodológico eficaz para a identificação de tais estratégias em línguas em que elas podem ser mais opacas.

Os dados estão em todo lugar, em qualquer gênero discursivo, nas modalidades oral ou escrita. É necessário estar atento para o gênero discursivo dos dados: as convenções de estruturação da informação podem se modificar dentro de uma mesma língua, segundo o gênero. Mesmo assim, são compartilhadas entre os usuários da língua.

Outro passo importante é utilizar *softwares* que possam facilitar a tarefa de tratamento dos dados. Por exemplo, para a detecção de estratégias de estruturação da informação, são muito usados *corpora paralelos*, que constituem corpora com o mesmo conteúdo expresso em línguas ou variedades diferentes para o estudo contrastivo da expressão da estrutura informativa. Para analisar dois *corpora* lado a lado, existe um programa chamado *YouAlign*, que pode ser utilizado gratuitamente mediante registro no site (<https://youalign.com/>). O programa alinha automaticamente dois *corpora* paralelos, o que facilita enormemente a visualização dos segmentos em análise.

O trabalho, em si, inicia com a identificação dos diferentes *status* informativos dos elementos que compõem a materialidade da linguagem. A partir daí, estudar o funcionamento das variadas configurações estruturais com motivação informativa permitirá ao pesquisador percorrer, de maneira segura, o caminho da investigação por essa dimensão da língua que cada dia é mais reveladora.

Referências

ALENCAR, José de. *O demônio familiar*. São Paulo: Martin Claret. 2013 [1858].

ALVES, Michele Calil dos Santos; OLIVEIRA, Talita Moreira. Processamento de sentenças clivadas de sujeito e objeto denotando hiponímia e contraste no português do Brasil. *ReVEL*, edição especial, n. 10, 2015.

CARNAVAL, Manuella; MORAES, João Antônio de; RILLIARD, Albert O.B. Marcação de foco estreito e o acento secundário em interrogativas totais no português do Brasil. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 136-167, 2018.

CHAFE, Wallace L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and points of view. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

_____. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, Russell (ed.). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987, p. 21-51.

_____. Information flow in speaking and writing. In: DOWNING, Pamela et al. (eds.). *The linguistics of literacy*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____. *Discourse, consciousness and time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHEN, Aojun. Tuning information packaging: intonational realization of topic and focus in child Dutch. *Journal of Child Language*, v. 38, n. 5, p. 1055-1083, 2011.

COSTA, João; SZENDRÖI, Kriszta. Acquisition of focus marking in European Portuguese: evidence for a unified approach to focus. In:

TORRENS, Vincent; ESCOBAR, Linda (eds.). *The acquisition of syntax in romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar: complex and derived constructions*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

EL ZARKA, Dina; HEIDINGER, Steffen. Introduction. *Grazer Linguistische Studien*, v. 81, p. 5-13, 2014.

GALVES, Charlotte. A sintaxe do português brasileiro. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, v. 13, p. 31-50, 1985.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction 2*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. O fenômeno da Focalização e a interface Fonologia-Sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 319-342, 1999.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*. Madrid: Arco Libros, 1997.

HALLIDAY, Michael A. K. Notes on transitivity and theme in English: part 2. *Journal of Linguistics*, v. 3, n. 2, p. 199-244, 1967.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlam. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: OUP, 2008.

KARTTUNEN, Lauri. Presupposition and linguistic context. *Theoretical Linguistics*, v. 1, p. 181-194, 1974.

KATO, Mary A.; MARTINS, Ana Maria. European portuguese and brazilian portuguese: an overview on word order. In: WETZELS, Leo; MENUZZI, Sergio; COSTA, João (eds.). *The handbook of portuguese linguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2016, p. 15-40.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form*. Cambridge: CUP, 1994.

_____. When subjects behave like objects: an analysis of the merging of S and O in sentence-focus constructions. *Studies in Language*, v. 24, n. 3, p. 611-682, 2000.

LI, Charles; THOMPSON, Sandra. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

MARTINS, Ana Maria; COSTA, João. Ordem dos constituintes frásicos: sujeitos invertidos, objetos antepostos. In: MARTINS, Ana Maria;

CARRILHO, Ernestina (eds.). *Manual de linguística portuguesa*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2016, p. 371-400.

McCARTHY, Michael. *Discourse analysis for language teachers*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1991.

PEZATTI, Erotilde Goreti. *A ordem de palavras no português*. São Paulo: Parábola, 2014.

PINHEIRO-CORREA, Paulo. La sintaxis de los enunciados téticos y categóricos en dos traducciones de Corazones solitarios de Rubem Fonseca al español. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 229-243, 2018.

_____. Teticidade: categoria funcional ou uma questão discursiva no PB? *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, 2020.

PINTO, Carlos Felipe. A relação entre sintaxe e discurso no ensino de línguas estrangeiras. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 8, p. 40-53, 2009.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, Ellen F. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, Peter. *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos homens*. Tradução de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1972.

SASSE, Hans-Jürgen. Theticity. In: BERNINI, Giuliano; SCHWARZ, Marcia L. *Pragmatic organization of discourse in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

SILVA, Andressa Christine Oliveira; FONSECA, Aline Alves. Prosody and processing: comprehension and production of topic-comment and subject-predicate structures in brazilian portuguese. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 4, p. 1601-1646, 2018.

SOUZA, Raquel Cristina Moreira; NAME, Maria Cristina Lobo. O reconhecimento de foco prosódico contrastivo no PB por crianças de 3 a 5 anos. *Principia*, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, 2018.

STALNAKER, Robert. Pragmatic presuppositions. In: MUNITS, Milton Karl; UNGER, Peter K. (eds.). *Semantics and philosophy*. New York: New York University Press, 1974, p. 197-213.

TENUTA, Ana Maria; OLIVEIRA, Ana Larissa A. M. O princípio funcional/cognitivo da estrutura da informação e mecanismos sintáticos

em um contexto de aprendizagem de inglês como L2. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 54, n. 2, p. 393-417, 2015.

VAN VALIN, Robert D. Typology of the interaction of focus structure and syntax. In: RAXILINA, E.; TESTELEK, J. (eds.). *Typology and the theory of language: from description to explanation*. Moscow: Languages of Russian Culture, 1999.

VERMEULEN, Reiko. The information structure of Japanese. In: KRIFKA, Manfred; MUSAN, Renate (eds.). *The expression of information structure*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012, v. 5, p. 187-216.

Os autores

Eduardo Kenedy

Possui doutorado e mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e é licenciado em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Atua como pesquisador nas áreas da psicolinguística experimental e da sintaxe gerativa das línguas naturais. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e membro da Rede Nacional de Ciência para a Educação. Seus interesses de pesquisa, atualmente, são: (i) psicolinguística translacional para a educação; (ii) processamento cognitivo da linguagem; e (iii) arquitetura do conhecimento linguístico em línguas naturais. ID Lattes: 5879559830669521

Fernanda Cavalcanti

Realizou pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, com estágio doutoral no Laboratório de Psicologia Experimental do professor Raymond Gibbs da Universidade da Califórnia, Santa Cruz; mestra em Letras pela Universidade Federal Fluminense e graduada em Letras Português-Francês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora adjunto do departamento de Estudos da

Linguagem e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua, desde 2014, no âmbito da linguística cognitiva, com especial atenção aos estudos da metáfora. É membro do GT da ANPOLL Linguística e Cognição e da Comissão Linguística e Cognição da ABRALIN. ID Lattes: 6177974018649335

Ivo da Costa do Rosário

Graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É mestre e doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, é professor de língua portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF. É líder do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO) e membro do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (D&G), ambos na UFF. É membro do GT Descrição do Português da ANPOLL. É Jovem Cientista do Nosso Estado, pela Faperj. É bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq. É membro da comissão científica da área de Sintaxe da ABRALIN. Atua, principalmente, nas seguintes áreas: funcionalismo, construcionalização, mudanças construcionais, morfossintaxe, conexão de orações e conectivos. ID Lattes: 3573087642345531

Jussara Abraçado

Professora titular de Linguística da Universidade Federal Fluminense. Sua formação inclui mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e realização de estágios de pós-doutoramento em Linguística Cognitiva na Universidade Católica de Braga e na Universidade Federal de Juiz de Fora.

É membro do grupo de investigação Linguagem, cognição e sociedade, cadastrado na Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT) de Portugal. Atua na coordenação do Grupo de Pesquisa Galego e Português e no Núcleo de Estudos Linguísticos sobre o português em Uso (PorUs). É editora associada da *Revista Gragoatá* (UFF) e coordenadora do projeto Gramática do Português da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). Desenvolve pesquisas na linha teórica da linguística cognitiva, com ênfase na interface entre linguística cognitiva e sociolinguística, atuando, principalmente, nos seguintes temas: tempo e modalidade, vozes verbais, ordem de palavras e (inter) subjetividade. ID Lattes: 2253211567282349

Luciana Sanchez-Mendes

Professora na Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Teórica e Experimental (GEPEX). Membro do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PosLing – UFF), filiada à linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística, com ênfase em semântica formal e descrição de línguas sub-representadas. Professora colaboradora do mestrado profissional em Linguística e Línguas Indígena do Museu Nacional – UFRJ (PROFLIND). Bacharelado e licenciatura em Letras – Português/Linguística e mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo. Doutorado em Linguística em cotutela entre USP e Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis. Pós-doutorado na Universidade Federal de Roraima e na USP. ID Lattes: 7322728409384122

Mariângela Rios de Oliveira

Doutora em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com pós-doutorado na Universidade Aberta – Lisboa, pela Capes. Professora titular de língua portuguesa na Universidade Federal Fluminense e

profa. convidada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FFP. Pesquisadora 1 do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Líder do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF. Ex-presidente da Abralin e atual membro de seu Conselho Deliberativo. Sua produção intelectual, que inclui artigos científicos, capítulos de livros e organização de coletâneas, tem como base teórica a linguística funcional centrada no uso, em torno da investigação da morfossintaxe do português, a partir de viés contemporâneo e também histórico, voltado para a investigação da mudança linguística. ID Lattes: 5470485171881359

Monclar Guimarães Lopes

Professor adjunto do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal Fluminense. É coordenador da disciplina Introdução à Semântica do Curso de Letras da Fundação Cecierj. É doutor em estudos linguísticos e mestre em língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e graduado em Letras-Inglês pela Ferlagos. É vice-líder do Grupo de Estudos D&G UFF e membro pesquisador do grupo de pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (ambos sediados pela UFF), além de membro do grupo de trabalho Descrição do Português da ANPOLL. É autor de artigos publicados em revistas especializadas e em anais de congressos e de materiais para EaD. Tem experiência na área de Letras, atuando nos seguintes temas: linguística funcional centrada no uso e ensino de língua portuguesa. ID Lattes: 8006632395264752

Nilza Barrozo Dias

Obteve o título de mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense/Niterói e o de doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, com trabalho em variação e mudança linguística. cursou um ano do doutorado na University of Santa Barbara, Estados Unidos, com foco nas propostas funcionalista e tipológica. Fez pós-doutorado na Universidade Católica Portuguesa, em Braga, desdobrando sua pesquisa em linguística cognitiva. É docente da Universidade Federal Fluminense e desenvolve trabalhos sobre o português em uso, com pesquisas nas áreas de sintaxe funcional, interfaces da sintaxe com argumentação discursiva e da sintaxe com linguística cognitiva. Atualmente, estuda o contraste na conexão de orações/enunciados. ID Lattes: 0108502697827072

Paulo Pinheiro-Correa

Professor associado da Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com pós-doutoramento pela Universidade Complutense de Madrid. Atua na graduação em Letras da UFF e na pós-graduação em Estudos de Linguagem da mesma universidade. É líder do grupo de pesquisa Laboratório Intercultural, na UFF e dedica-se a pesquisas sobre estrutura informativa, linguística cultural e aprendizagem de línguas adicionais. É autor dos livros *Dimensiones Sintácticas del Español* (Eduem, 2010) e *Escrever em Espanhol* (Pontes, 2021) e coautor (junto com Xoán Lagares) da coleção didática para o Ensino Médio *Confluencia*, aprovada no PNLD 2018, além de ter artigos publicados nas revistas *D.E.L.T.A.*, *REVEL*, *Trabalhos em Linguística Aplicada*, *Linguística*, *Gragoatá*, *Caracol*, *Signo y Señal*, entre outras. ID Lattes: 0990072320667755.

Solange Vereza

Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestrado em Estudos de Linguagem e da Literatura pela *University of London* e licenciatura Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez estágio de pós-doutoramento na Universidade de São Paulo. É professora titular aposentada da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, oferecendo cursos e orientando teses de doutorado e dissertações de mestrado desde 1998. Coordenou o GT da ANPOLL Linguística e Cognição e é membro da Comissão Linguística e Cognição da ABRALIN. É líder do grupo de pesquisa GESTUM, cadastrado no CNPq. Publica e desenvolve pesquisas na área da linguística cognitiva, com foco nos estudos da metáfora. ID Lattes: 1618071167867539

